CONTOS E IMPRESSÕES

OBRAS DO AUTOR:

Lagrimas, 1888
Versos, 1902
Versos, 1909
Alguns escritos, 1910
O que tinha de ser, novella, 1912
Se eu fosse politico, 1913

MARIO DE ALENCAR
DA ACADEMIA BRASILEIRA

Contos e Impressões

EDITORES
ANNUARIO DO BRASIL — RIO DE JANEIRO
RENASCENÇA PORTUGUESA — PORTO

1920.

ANTHOLOGIA UNIVERSAL

VOLUMES PUBLICADOS

1 — MANUEL BERNARDES — Historias varias.
2 — SOROR MARIANNA — Cartas de Amor, nova restituição e esboço critico de Jaime Cortesão.
3 — JOSÉ DE ALENCAR — Iracema, edição prefaciada por Mario de Alencar.
4 — ALMEIDA GARRETT — Frei Luiz de Sousa.
5 — GONZAGA — Lyricas (Da Marilia de Dirceu), prefacio e notas de Alberto de Faria.
6 — FERNÃO MENDES PINTO — Em busca do Corsario.
7 — CARLOS DICKENS — Canto do Natal, traducção de D. Virginia de Castro e Almeida.

AO QUERIDO

DOMICIO DA GAMA

HOMENAGEM DA MINHA
GRANDE ADMIRAÇÃO.

CONTOS

TIA LULÚ

I

— COITADA da tia Lulú!

Tia Lulú era a senhora, alta e quasi esbelta, que nesse momento ia transpor o portão do jardim. Descêra de um bonde, e ficara voltada a olhal-o já distante, com uma das mãos sobre o batente entreaberto. O seu olhar estendido, como a buscar e attrahir alguma cousa, é que tinha motivado a exclamação da sobrinha, que ao ouvir a sineta do portão, interrompêra o penteado e fôra espiar pela veneziana. Respondia assim indirectamente ao marido, recostado na cama, em mangas de camisa para o seu cochilo do costume antes do jantar, e a quem o movimento curioso da mulher fizera abrir os olhos indagativos. Mas Alice continuava á espreita.

— Coitada porque?

Alice afastou-se da janella, sorrindo:

— Algum passageiro que a olhou por acaso, e tia Lulú já está imaginando ter achado o seu noivo. Com que olhos seguia o bonde, coitada!

— Ridicula, é o que é.

— Ridicula, porque? É a sua unica fraqueza; no mais é tão direita e respeitavel!

— Pode ser; mas basta essa mania, que é irritante; eu só a tolero por causa de você.

— Você não se lembra do que ella faz pelos meninos!

— Mas podia deixar-se desse ridiculo de namorada sem ventura; uma cincoentona! E ainda se fosse bonita...

— Tambem V! Isso é já implicancia sua!

— Que quer? Irrita-me: tenho-lhe antipathia.

— Finja que não a vê, Pedro. Eu lhe relevo tudo, porque é boa, e é minha tia.

Pedro sentiu que essa conversa ia estragar-lhe o cochilo, e achou melhor não proseguir.

A esse tempo tia Lulú já transpuzera o portão, e depois de abraçar e beijar cada um dos tres sobrinhos, que haviam corrido ao seu encontro, distribuia-lhes balas. As creanças, verificando que nenhuma tinha recebido menos que as outras, retornaram ao seu folguedo; e tia Lulú entreteve-se então a acariciar *Dick*, um cachorrinho de meia raça, que á voz da dona tinha abalado do interior da casa, e em alvoroço pulava em torno della, disputando ás creanças a sua vez de carinho. Tia Lulú estalidava os dedos, appellidando-o, contente de o ver contente e ancioso por ella; e por fim agachou-se para pôr a face ao alcance da cabeça do animal. Esquecia-lhe que os estouvamentos de *Dick* podiam amarrotar e sujar-lhe o vestido; e consentia deleitada em receber e retribuir as festas, tão calorosas como

se a ausencia fôra de dias, e não de poucas horas.

Dick acompanhou-a aos pulos até o quarto, e aquietado a um canto, com a cabeça sobre as patas dianteiras, seguia com os olhos os movimentos da dona, que se occupava em mudar o vestido de sahir pelo de casa.

O quarto era pequeno, ao fundo do predio. Tinha pouca mobilia: a cama, uma commoda, o lavatorio de armario e espelho, e uma mesa; mas duas malas, alguns caixotes e cestas atravancavam o espaço. Á janella pendiam quatro gaiolas de passaros, e a um canto uma caixa rasa servia de cama para *Dick.*

Antes de tirar o véo tia Lulú olhou-se ao espelho, tomando posições para se contemplar de frente e de tres quartos, ora a uma ora á outra face. Os seus movimentos eram demorados, segundo a attenção intermittente que se applicava á imagem ou retrocedia ao bonde e a um senhor que mais de uma vez parecêra que a olhava com interesse. Sentira-se vaidosa de ser observada com sympathia e talvez admiração, e no resto da viagem procurara ver se elle tinha annel de alliança. Seria solteiro? Era a sua duvida e a sua esperança; e essa perplexidade não lhe consentira acolher sem disfarce aquelles olhares curiosos, que lhe faziam uma doce trepidação interior. Considerava agora no espelho a impressão que teria dado, e achou-se bonita: ia-lhe bem o chapéo, e foi muito lentamente que se resolveu a desatal-o e tiral-o; e guardando-o na caixa, quasi o acariciava agradecida pelo contentamento que lhe devia. A mudança do

vestido foi tambem pausada, entre reflexões e a contemplação de si mesma.

Dick, do seu canto, parecia entender a dona, pois não lhe interrompia os gestos e os cuidados; absorto em seguil-a com os olhos espertos, apenas os da senhora incidiam nelle, agitava a cauda, como a dizer-lhe que esperava o seu aceno e não tinha outros desejos senão o de estar alli a admiral-a.

Dick era um dos muitos objectos da affectividade instinctiva e imperiosa de tia Lulú. Era o quinto cachorrinho na serie dos que ella creara; e a todos tinha dado o mesmo nome, por inspiração de saudade, que illudia no costume do appellido a descontinuidade da existencia dos seus preferidos. E assim tambam amava os seus passarinhos, e amava toda creatura que acceitasse a necessidade do seu sentimento expansivo.

O destino della era querer bem; e como não reclamava retribuição, nem tinha exclusivismo, o seu affecto descia no apreço alheio á trivialidade do que não requer esforço e é commum.

II

No seu tempo de menina era a mais amiga dos irmãos: tudo fazia por elles promptamente, sem enfado e sem preferencia; harmonizava-os quando desavindos, era a intermediaria delles junto aos paes; e ao cabo a sua solicitude, por acostumada, era como um dever de officio, que não se agradecia. Os ou-

tros irmãos tinham predilecções entre si, mas não por ella, que não sabia distinguil-os no seu affecto. Pela mesma razão não tinha amigas, como eram as amigas das irmãs, associadas em segredos, com absorventes dedicações reciprocas. Aos paes ella não dava nenhum desprazer; tambem na sua obediencia normal não dava surpresa; e até só lhe reparariam na devoção de filha, se esta faltasse; mas as desigualdades de humor dos irmãos, os imprevistos de procedimento, eram causa de uma demonstração effusiva do sentimento dos paes para com elles; e tamanha ás vezes que Lulú notava e resentia-se, como de uma injustiça. Renovava-se a miudo a recompensa do filho prodigo; e só a ella não tocava o vitello festivo da volta arrependida. O reparo porém não lhe descia dos olhos, e ainda ahi era breve, dissipado das lagrimas de sua sympathia pelo prazer dos outros.

Não sendo menos bonita que as irmãs, deveria mais do que ellas impressionar para o amor: a sua meiguice não tinha reservas, e era de surprehender que só apparentemente se enamorassem della os rapazes, como pretexto para o namoro das outras. De cada vez fôra para ella uma decepção, logo desvanecida pelo noivado, que não era o seu, mas que ella festejava quasi como se o fosse. E todas casaram; e Lulú ia addiando as esperanças de casar, contente de ser a companheira dos paes e ser a tia, dentre todas, a que mais podia affeiçoar-se aos sobrinhos que iam surgindo, porque tinha amor disponivel e capaz de repartir-se com largueza. Depois a enfermidade e a velhice dos paes occuparam-lhe

todas as horas e o sentimento. Foi a devotada enfermeira de ambos; e quando os viu morrer, cada um a seu tempo, Lulú tinha como consolo a segurança de que fizera por elles tudo, sem nenhuma falha de carinho e dedicação. Desfeita a casa paterna, ella, que era a unica solteira da familia, acceitou a hospedagem dos irmãos, e para não parecer que tinha preferencia, ou pensando que devia agradar a todos, não quiz moradia definitiva, senão successiva em casa de cada um.

III

O tempo, as viagens, a morte foram dispersando e diminuindo os grupos da familia. Impaciencias e impertinencias domesticas foram tambem restringindo as alternativas da hospedagem; e afinal tia Lulú se installara com tenção de permanencia em casa da sobrinha, que parecia ser a mais amiga della.

O luto pela recente morte de um irmão de tia Lulú, a breve intervallo seguida da morte do sogro de Alice, absorveu e incapacitou durante algum tempo o vagar da attenção para as asperezas que formam, combinadas com os trechos lisos, a superficie dos sentimentos e actos pessoaes, como a das cousas. Aquellas duas mortes obscureciam a vista para os outros cuidados; e temporariamente se desvanecia a percepção dos defeitos mutuos.

Tia Lulú era como que a principal pessoa, emquanto a necessidade maior foi para

todos de consolo e carinho. Estava na funcção espontanea da sua natureza; e multiplicava-se e repartia-se na sua actividade affectiva. Até Pedro, o marido de Alice, motejador ou aspero, segundo as quedas do seu humor, e sensivel só ás imperfeições alheias, agora não as via em tia Lulú, que assomava a seus olhos num aspecto total de bondade.

Mas os creados e as creanças tinham outra impressão; por muito que ella abrandasse o exercicio do mando provisorio, em que a investia a situação domestica, a propria acção da autoridade de emprestimo era mal acolhida pelos creados; e como tia Lulú, ora a attenuava por condescendencia, ora a apertava por timidez de zelo, o seu prestigio se desmoralizava na alternativa, e ao cabo era nenhum. Creados e creanças, ou não faziam caso das suas ordens, ou recusavam-nas sem disfarce; e foi preciso recorrer á dona da casa, que retornou ao governo, e teve então de ouvir as queixas sem base dos filhos e as intrigas aleivosas dos creados.

Tia Lulú soffreu assim a malevolencia de intrusa; não lhe aproveitara, antes desservira a sua indole amorosa. Applicou-a então mais assiduamente ás suas aves e ao seu cachorro; mas não lhe bastava a reciprocidade delles, quasi automatica. Pedia-lhe o coração um affecto que lhe contentasse o pendor nativo de esposa e mãe;, e lhe desse a posição de dona de casa. A condição de hospede havia occasiões em que se desvendava na sua contingencia de favor e subordinação humilhantes. E era ainda um incentivo á sua bondade ingenua e credula.

Discernimento ella o tinha para as cousas alheias, não para o que tocasse á sua propria pessoa, e á sua acção e edade. Não se via ao espelho differente do que fôra, e faltando-lhe um ponto de referencia ou uma causa de mutação, qual teria sido o casamento e a maternidade, contemplava a sua imagem com os olhos de adolescente. Esqueciam-lhe os annos, ou não lhe pesava o numero delles no coração esperançoso. E a esperança levava-lhe o olhar de vulto a vulto de homem, que se lhe affigurasse um possivel marido.

Era uma interrogação directa e breve; podia parecer simples movimento de curiosidade, se não o acompanhasse um quê indefinivel de ternura: mas não passava de ternura apenas activa; nenhuma idéa de engano, nada que se assemelhasse a attitude ou ardil de caçada. Canto de passaro solitario; tibio lume nunciativo de pouso; esboço de abraço sem alvo, como o vai-vem lento de um ramo de arbusto; assim era a expressão em tia Lulú do seu amor, ou antes da sua capacidade de amor innocente, e por isso nunca desilludido, e só transferido indefinidamente. Alguns passavam sem vel-o; alguns ouviam-no, indifferentes; outros paravam a escutar aquelle canto de voz sozinha, attentavam áquella promessà de felicidade, e iam adiante, divertidos de haverem logrado com um motejo a espectativa do amor. A bondade de tia Lulú não percebia o motejo, e por isso é que a julgavam ridicula os que a olhavam, como o marido de Alice, a esmo, sem procurar entender-lhe a força nativa do sentimento e as circumstancias da existencia incontentada. Pedro conhecera-a

como pessoa feita para solteirona; e no seu parecer a simples idéa do casamento della era um contraste com o seu destino, e portanto causa de ridiculo, a que não escaparia o homem que a desposasse. E como a bondade ingenua, e para os outros simploria, é o thema que mais se presta ao engano, Pedro achou em tia Lulú a figura central da comedia domestica que elle improvisava nas horas de bom ou de mau humor.

IV

Naquella tarde o humor de Pedro era menos folgazão que agastadiço, ou porque elle não tivesse cochilado bastante, ou só porque a sôpa lhe soube mal. Fosse o que fosse, depois de acenar ao copeiro que retirasse o prato, correu os olhos á roda da mesa, e pousou-os em tia Lulú, que tinha o seu logar defronte delle, á esquerda de Alice.

Essa collocação fixada desde o principio da hospedagem, como devida á parenta mais velha e hospede nova, fôra com o tempo e ao acaso das circumstancias, motivo de displicencia para Pedro, principalmente quando havia outras pessoas a jantar; tornava-se ás vezes difficil a acommodação de todos. Se não eram convidados de cerimonia, Alice não consentia em deslocar a tia, mas Pedro enfadava-se daquella solução de continuidade no agrupamento que formava á cabeceira para a palestra animada e solta: entre moços dispostos

á jovialidade, a figura da tia, por mais que ella fizesse por abstrahir-se ou annullar-se no silencio, era um constrangimento ao expansivo dialogo. Ás vezes por tenção de polidez, ella intervinha na conversa; e era preciso estar a responder-lhe ás perguntas sobre pessoas e factos, que no grupo só ella ignorava; e a conversa geral tinha de interromper-se com aborrecimento para os outros. Pedro atalhava-a ao fim de algum tempo desceremoniosamente; ou fazia commentarios reticentes, com que os mais se divertiam.

O pico das observações indirectas prevalecia sobre os apartes de admoestação de Alice ao marido; e não raro fazia-lhe a ella mesma rir-se. Notava tia Lulú o riso; não o attribuia porém a motejo proposital, e culpando-se a si propria de algum equivoco, sem queixa calava-se embaraçada.

— Não ha como o amor para abrir appetite, disse Pedro á mulher — olhe a sua tia como lambe essa sopa desenchabida.

Tia Lulú sorvia justamente a ultima colher, com um semblante de paladar deliciado, as palpebras descahidas na absorpção do gosto satisfeito. Abriu-as ás ultimas palavras de Pedro, sem lhe ter ouvido a allusão.

— Desenchabida esta sopa! Tão saborosa! não achou, Alice? Tambem eu estava com muito appetite, porque hoje não tomei lunch.

— Não ha de ser por isso, observou Pedro. Foi o passeio na rua do Ouvidor: viu gente bonita, sentiu-se admirada... quem sabe se não viu o passarinho verde?

— Que idéa! Ora essa! Como se eu fosse uma menina...

Indecisa, enleiada, não percebeu logo a malicia de Pedro, e sorriu, como a um gracejo sem segunda intenção. No seu intimo echoava ainda aquella sensação com que descêra do bonde e se contemplara ao espelho despindo-se.

— Foi Alice que notou o seu ar feliz... de noiva, quando a senhora chegou da cidade.

— Historia de Pedro, tia Lulú. — E Alice, ao mesmo tempo que fazia ao marido um signal dissuasivo de cabeça, tocava-lhe insistentemente com o joelho no joelho.

Pedro continuou:

— Eu não sabia de nada. Foi ella que me disse que a senhora parecia ter achado afinal o seu noivo.

— Desculpe-me, Pedro; eu não ando procurando noivo; Alice não podia ter dito isso.

— De certo, tia Lulú — confirmou Alice. — E como o marido fingisse não entender os toques repetidos do joelho: — Basta, Pedro! Tia Lulú não gosta desses gracejos. Para que V. teima? Tia Lulú não é uma creança.

— Mas não é gracejo; é a verdade. Então sua tia é capaz de negar que não pensa em casamento?

— Ih! Você! que implicancia! murmurou-lhe Alice em voz baixa.

— Eu nunca disse a ninguem que pensava em casar-me. Mas creio que podia pensar, porque não sou uma velha. Outras de mais edade que eu, teem-se casado. Tambem não sou tão feia...

Pedro folgou de sentil-a melindrada.

— Feia a senhora, tia Lulú! Quem falou nisso? Só quem não tivesse olhos... E por isso

mesmo é que eu me espanto de que a senhora não se tenha casado ha muito tempo; não faltarão pretendentes...

— Não sei de nenhum.

— Pergunte a Alice.

— Outra vez, Pedro? Basta! Você está com vontade de implicar com tia Lulú, mas não metta o meu nome.

A essa advertencia de Alice, susteve tia Lulú a resposta; e sem mais dissimular o seu enfado, desviou os olhos de Pedro para a outra parte da meza, e intencionalmente poz-se a mirar ora as paredes, ora o tecto da sala, como quem não queria conversa.

Pedro observava-a sorrindo; aprazia-lhe aquella irritação, e pensou em alimental-a:

— Tia Lulú então já se esqueceu do desembargador Azambuja?

O desembargador era um velho viuvo que frequentava a casa. As creanças riram-se. Tia Lulú voltou-se para Pedro com magua:

— Acho bom mudar de assunto, Pedro. Vê que os meninos já estão a rir-se. Eu não sou uma creança, nem uma boba, para servir de caçoada.

Era justo o reparo, e porque o sentiu, Pedro desconcertou: ia desculpar-se; mas Alice balançava a cabeça com um aceno de contrariedade e reprovação ao marido; e este logo impertigou o tom da voz:

— Melindrou-se por pouca cousa. Não é a primeira vez que os meninos se riem da senhora. Eu é que não tenho culpa de que a senhora seja uma solteirona... Se eu fosse o desembargador Azambuja...

As creanças dispararam a rir.

— Por favor, Pedro. Sou uma senhora, sou tia de Alice; creio que mereço ser respeitada diante dos seus filhos.

— Pedro! insistiu Alice.

— Ora, respeito! Quem a desrespeitou? E para que esses ares agora? Pretende por acaso censurar-me e reprehender-me!

— Pedro! repetiu Alice.

— Bolas! Não gosto desses ares altivos commigo. Um gracejo á tôa, e sahe-se com essas empafias.

E como Alice continuasse a fazer-lhe signaes e acenos:

— Parece que ainda sou o dono da casa. Não admitto que fallem mais alto do que eu, nem tolero observações na *minha* casa.

Tia Lulú não respondeu. Por vexame das creanças e dos copeiros, continha o choro que lhe apertava a garganta. Não tocou mais em nenhum prato, e conservava os olhos baixos sobre o bordo da mesa, que machinalmente ia alisando com a ponta dos dedos. O jantar acabou em silencio. As creanças comiam caladas, ou apenas cochichando, curiosas, na espectativa de outra discussão. Tia Lulú esperou que Alice terminasse a sobremesa e levantou-se dirigindo-se para o seu quarto. Quando entrava no corredor, ouviu Alice dizer ao marido:

— Que cousa desagradavel! Tanto pedi a você, Pedro! Mas você estava no proposito de aborrecel-a, de implicar com ella. Que gosto o seu!

Pedro, consciente do seu desaso, respondeu desabrido:

— Mas que vem a ser isso agora? Quer

ralhar commigo! Ora não faltava mais nada!

E depois de uma pausa, como respondendo desta vez a si mesmo:

— Tenho lá culpa de que ella seja ridicula! E aquellas attitudes commigo! Aquelles ares de impor-me respeito! De outra vez faço uma estralada; e ella ha de comprehender qual o seu logar.

— É boa! Você bole com ella, irrita-a, e quer que ella se sujeite a tudo, como uma creança! Ella tem toda a razão de se magoar. Mas afinal em que é que tia Lulú foi menos delicada com você?

— Sabe que mais? Não me aborreça! Faço o que quero, e não dou explicações dos meus actos.

— Isso tambem, não, Pedro!

— Pois supponha que implico com ella. Acho-a ridicula, idiota; uma namorada sem ventura, na edade de ser avó!

Alice reflectiu que a replica arranharia, em vez de abrandar aquella irritabilidade que procurava objecto. Era mais acertado ir para junto de tia Lulú, e attenuar a impressão do procedimento de Pedro. Encontrou-a no quarto chorando. A presença e as palavras da sobrinha confortaram-na, e a sua magoa adormeceu sob a meiguice dos abraços e desculpas que recebia. Era-lhe mais penoso parecer insensivel aos carinhos do que abafar o resentimento de uma grosseria. Admittiu credulamente que nas impertinencias de Pedro não havia senão rabugices de molestia; era sempre assim em vesperas de congestão do figado: e Alice já se habituara a esses destemperos biliosos. Podia-se lá então suppor que elle não

estimasse a sua mulher? Pela mesma razão não era de concluir que tia Lulú fosse menos prezada por elle. Tia Lulú acabou concordando, e dissipou-se a resolução, que já tinha delineado de ir para a casa de... de quem?... Ficara indecisa ante as difficuldades, que pareciam menores que o aluguel de um quarto em casa extranha. Mas fôra uma offensa á amizade de Alice; e já lhe doia a saudade della e dos sobrinhos pequenos.

V

No dia seguinte foi como se não tivesse occorrido a scena do jantar. Pedro, tanto pelo pedido de Alice, como pelo seu proprio humor de momento, procedeu durante alguns dias, ou com indifferença, que não causava reparo, ou com amabilidades occasionaes, que a sensibilizaram.

As creanças, porém não esqueceram a scena; as creanças e os creados. Ouvindo, sem intervir, tinham attendido mais, e depois entre si fizeram o commentario; os creados em desfavor de tia Lulú, que era a intrusa; as creanças, com innocencia, mas concluindo que ella, se havia chorado, é porque tinha menos razão. Sentiam pena de tia Lulú, o que não impedia acharem graça na inticação do pae. Lembraram-se dos risos por causa do desembargador Azambuja, e riram-se de novo. Não atinavam bem de que se riam; nem o desembargador era ridiculo, senão respeitavel; e a

idéa do casamento nada lhe tirava á gravidade. O riso provinha do ar do pae, ao fazer a referencia, com um piscar de olho, e do effeito da palavra em tia Lulú.

— E agora, quando o velho vier, como vae ficar ella? inquiriu no grupo Luizinha.

— Se papai estiver na sala, duvido que tia Lulú appareça, disse Julinho.

— Eu fico espiando atraz da porta — accrescentou Esther.

Mas o desembargador não apparecia, e as creanças improvizaram-lhe a visita, por graça, uma tarde em que não tinham brinquedo. Pedro e Alice haviam sahido; choviscava; e tia Lulú não deixava que os sobrinhos fossem ao quintal, de onde mais de uma vez os tinha feito voltar, já um tanto zangada pela teimozia. A contrariedade insinuou a vingança. Deixaram-se estar quietinhos algum tempo; e depois que tia Lulú recolheu ao quarto, Julinho incumbiu-se de ir tocar a campainha electrica da porta. Simularam o dialogo, no corredor; e antes que o copeiro acudisse, Luizinha foi correndo para o interior a gritar que era o desembargador.

Tia Lulú, de dentro do quarto, disse que o fizessem entrar para a sala de visitas. Mas commentou em voz alta:

— Que horas! E Pedro ainda não chegou, nem Alice! Que massada! Virá jantar?

Aprontou-se mais depressa, e seguiu para a sala. Quando transpunha a porta, as creanças desataram a rir. Tia Lulú atinou com a maldade e teve impetos de bater em todos tres. As duas meninas desculpavam-se com a men-

tira do irmão; Julinho simulava ter-se enganado com o toque usual do velho.

— Vocês o que são, é muito ruins — ralhava a tia —, e ingratos. Mas não admitto, ouviram? Puxo-lhes as orelhas, se me faltarem ao respeito. E já de castigo, cada um numa cadeira, até chegar Alice. Ella é que ha de dar-lhes o resto do castigo que vocês merecem.

Mas tia Lulú não contou nada a Alice. Os pequenos sujeitaram-se á punição, e como pareciam arrependidos, serenou-se a zanga da senhora. Dissiparam-se os ultimos signaes de ameaça, quando Luizinha, esgueirando-se da cadeira em que estava presa, até á da tia, envolveu-a com os braços, e procurava beijal-a:

— Perdoa, tia Lulú!

A tia quiz ainda mostrar enfado; mas já Esther e Julinho tinham imitado a irmã; os tres porfiavam nas caricias, e tia Lulú, dominada, desvanecida, sorria de não poder desvencilhar-se dos braços que a atavam, e das boquinhas que lhe beijavam as mãos, ou se erguiam abicadas para tocar-lhe o rosto. Ao fim estavam encantados os quatro, e só tia Lulú se havia esquecido da pulha que soffrêra.

As creanças, não lhes esquecia a indulgencia della. Estavam certos de que o castigo por qualquer traquinada contra a tia, não passava de ameaça, ou quando muito se realizava em ralhos de zanga breve como bolhas de ar, ás vezes em uma estação forçada em cadeira como aquella tarde. E era tudo; e a primeira a fatigar-se do constrangimento era a propria tia, que parecia partilhar do cas-

tigo, e na verdade o partilhava, sentada perto delles para os conter. Nunca lhes batêra, nem mesmo fizera a menor tentativa disso, senão em palavra por mero effeito de exclamação. Poderia queixar-se delles a Alice, e nesse caso o castigo não falharia; mas essa possibilidade estava desmoralizada pelas muitas vezes que deixava de cumprir-se. Ao contrario era tia Lulú quem desfazia as iniciativas de Alice, quando esta desconfiava de alguma falta dos filhos.

Na consciencia das creanças a causa daquelle procedimento eram em grande parte a bondade da senhora e o bem que lhes queria a elles; mas em parte era tambem fraqueza: tia Lulú dependia dos donos da casa, e receiava desgostal-os. Chegavam a essa inducção pelo raciocinio humano, que não consente á bondade um valor absoluto; incerteza, imprevisto, autoridade e favor é que lhe fazem o apreço. Constancia tira-lhe o merito e até a retribuição do agradecimento.

Não advertia nisso tia Lulú, pois que era inconscientemente boa; as creanças pelo seu lado só cuidavam dos seus momentos de prazer; e pouco importava que fosse á derisão da boa senhora; justamente por ser boa é que tinha mais graça a caçoada com ella.

Agora aquella referencia de mero acaso feita por Pedro ao desembargador Azambuja dava pretexto mais frequente á brincadeira, e tinha o sainete de fazer coincidir o ridiculo sobre duas pessoas de obrigatorio respeito. E estavam mais attentas á occasião, porque lhes falhara a espectativa da presença do velho na primeira semana.

VI

O desembargador costumava apparecer nas quintas-feiras para jantar, havia perto de um anno, desde que chegara de Parahyba do Norte. Era viuvo e aposentado; fôra amigo dos paes de Pedro, e isso equivalia a parentesco; fez-se logo a familiaridade. Azambuja tinha a indole expansiva e confiada, e Pedro o sentimento superficial. Em pouco tempo o velho era como antigo habituado da casa, agradavel e desejado, porque para tudo estava bem disposto: parceiro de jogo, e conversador pronto e fertil em casos e anedoctas.

Era homem de sessenta e cinco annos; e tinha dois filhos casados. Viera ao Rio em viagem de recreio para se consolar da viuvez; o consolo foi mais efficaz do que previa o provinciano. A sua validez, maior do que apparentavam a physionomia e os bigodes cinzentos, achou logo incentivos de prova, e uma liberdade que não lhe permittiam lá no Norte a presença dos dois filhos, a sua condição de viuvo e a compostura de magistrado.

Tinha sido sempre um magistrado grave. No Rio era como um solteirão extranho, alliviado de um peso que por honra do officio carregara durante muitos annos. E o que mais o embevecia era o novo ardor, que lhe parecia agora ter estado adormecido desde a adolescencia; seria o de segunda mocidade, ultimo clarão do sol poente; mas o alvoroço da sensação lhe dava o engano de uma juventude perpetua, e a vaidade e o gosto de re-

velações. Pedro era um dos confidentes das suas aventuras. A differença de edade que devia ser um embaraço á expansão, era antes um estimulo. Como a um neophyto surpreso, embotara-se ao velho desembargador o senso das conveniencias. Fazia praça de ser assiduo nos pequenos theatros de dançarinas e cançonetistas, e ter a sua roda de moças para a qual insistia em convidar Pedro, com um quasi inconsciente desejo de corrompel-o. Pedro acompanhava-o ás vezes, mas sem grande prazer daquella exhibição de lubricidade serodia. Presumiu que era demasiada para ser real, e não tardou em penetrar o verdadeiro segredo da vida intima do velho, e era uma ligação com uma cabocla nortista, que lhe fazia todo o serviço domestico. Percebeu-o logo depois de algumas idas á casa de Azamouja. Não occultou a supposição: negou-a o velho a principio, mas acabou segredando que em tudo era nativista, e que ao seu paladar de sertanejo só contentavam as fructas brasileiras, sobretudo as agrestes; as estrangeiras eram mais para a vista, e quando muito, pela variedade abriam o appetite. E concluiu com desplante que não havia comparal-as. Pedro entendeu que a unica razão dessa preferencia era a economia, e aquella ambiguidade domestica depreciou a seus olhos o caracter do desembargador; mas gostava delle, divertia-se com a sua palestra, e por fim já nem reparava na mesquinha situação do velho amigo.

VII

Nessa quinta-feira o desembargador chegou em companhia de Pedro, com quem se tinha encontrado no ponto dos bondes. Era dia de annos de Julinho. Estava a mesa aumentada de uma taboa e tinha mais alguns vasos de flores. O festejado convidara os amigos da vizinhança, e vaidoso da sua data, que lhe dava a primazia e privilegios, attentava nas pessoas que iam chegando, menos por ellas que pelo presente que deviam trazer-lhe.

Desde a vespera que elle observava o movimento do portão, a ver se chegava algum embrulho. As irmãs ajudavam-lhe a curiosidade; e commentavam com elle as conjecturas. Dormira com o pensamento deliciado pela espectativa do seu dia de festa; acordara muito cedo, e saltando logo da cama começou a alvoroçar a casa, despertando as irmãs, indo bater ao quarto dos paes e de tia Lulú. Entravam os tres, e Julinho, beijado e risonho, voltava sobraçando os seus brinquedos; seguiam-no as irmãs, tocadas de uma pontinha de inveja, mas interessadas, blandiciosas, divertidas, compartiam do regalo, depois que Julinho se fartava da primeira contemplação.

O presente de tia Lulú havia sido, como sempre, o mais notavel: o dos paes era adquirido nas vesperas, por inspiração do momento; o della porém era pensado com muita antecedencia, e não consistia num objecto singular e somenos; dessa vez eram dois vo-

lumes de historias de fadas, um trem de ferro de corda, e uma caixa de jogos variados. Esther e Luizinha receberam cada uma o seu presente de consolo. Naquelle instante affigurou-se ás tres creanças que tia Lulú era a melhor pessoa e a mais intelligente, porque entendia e accrescentava o prazer dellas.

De olhos arregalados para os presentes que a tia entregava e cada qual alli mesmo ia desembrulhando, davam exclamações, palmas e vivas: *Dick*, excitado, pulava e latia, e o bando pueril desembocou do quarto, e guiou pelo corredor até o dos paes, depois á cozinha para fazer alarde dos mimos. A algazarra matutina impacientava Pedro, que ralhou reclamando socego para poder dormir. Despejaram então as creanças para a chacara, esquecidos do seu café; e toda a manhã corrêra naquelle inebriamento de festa nova.

Durante o dia ficaram os presentes arrumados na cama de Julinho, em exhibição: divertiam-se com um delles, e depois de algum tempo, enfadados ou indecisos na escolha, voltavam para substituil-o; ás vezes quedavam ao pé da cama imaginando as visitas que haviam de vir e as que trariam presente. Pouco brigaram nesse dia; Julinho gosava uma regalia de superioridade e mando, que as duas meninas porfiavam em reconhecer. Era por elle que havia dia santo e se tinha matado o perú, e aumentava-se a mesa; e não se ralhava com elle; e era a elle que primeiro saudavam os que iam chegando. Julinho era como um heroe, como o dono da casa. Vestia roupa nova, e tinha o ar differente, de convicção de ser maior e unico.

Quando entrava o desembargador, correram as creanças ao seu encontro; mas vendo-lhe as mãos vasias, foi um desapontamento. Esther, a quem elle fazia um affago, palmeando-lhe as faces, exclamou em tom de aviso ou de censura:

— Julinho faz annos hoje!

— Ah! faz annos o Julinho? Quantos faz? Venha dar-me um abraço. Meus parabens!

Não fallou em presente, nem ao menos se desculpou de não o ter trazido por não se lembrar da data. Não comprehendiam os pequenos outra linguagem de parabens que não aquella, visivel e palpavel. Chocou-os a indifferença do velho; o logrado então era só Julinho, mas as irmãs sentiam o seu proprio logro, por antecipação e recapitulação. Foi pronta a solidariedade do desaggravo; sem combinarem, apenas o desembargador se afastava, fizeram-lhe as creanças pelas costas os seus momos de desprazer; e entreolhando-se e rindo-se com desdem, cochicharam a reflexão do momento. Vá que outro não trouxesse um mimo; mas o desembargador vinha jantar, ia comer do perú e dos doces de Julinho. Era um velho sovina, é o que era esse barbicha.

A reflexão mais se avivou em cada um, quando Azambuja entre risos de guloso contente, repetiu, sem ser sollicitado, a sua larga dose de perú. Era um garfo afamado e entendido o desembargador. Deante de um bom prato, accendiam-se-lhe os olhos, em geral amortecidos; e como que se ouvia a lingua titillar-lhe tacteando o céo da boca e distendendo-se de goso por entre os beiços comprimidos, antes do estalo da antegostação.

Todo o seu semblante operava como o esophago e o estomago. Na combinação das varias partes do seu prato, movimentavam-se-lhe as feições; e o talher era menos um utensilio que a proeminencia das mãos, de tal modo ellas lhe imprimiam o sentido do tacto. Os olhos, alargados, saltavam, abrangiam a mesa, mediam as doses; e concertado o prato, entrecerravam-se alguns instantes. Havia nelle então um recolhimento ritual; o comedor officiava absorto, obediente ao senso intimo; nenhuma palavra lhe tolheria o proseguimento concentrado de um daquelles actos de plena beatitude; poderia talvez durante a ingestão de um bocado, acudir a um appelo, responder em palavra, abrir um riso, oppor um olhar, mas era tudo automatico, vago, abstracto, sem realidade, porque a sua pessoa inteira, alma e corpo, estava aquelle momento na sensação do bocado, que a lingua moldava e acariciava, e os gorgomilos palpavam, e o esophago chupava, cnuchurreando, pipillando, apertando até o desvanecimento no estomago, que se dilatava contente, como um rio manso sob um affluente vagaroso. Seria talvez mais exacto o simile de um lago, pois que havia um limite de capacidade intransponivel, o qual se annunciava sempre por uma eructação sonora. Era ao tempo em que o desembargador palitava os dentes um a um com pachorra e minucia; bebia um gole de agua, que demorava na boca em ablução bulhenta; desprendia o guardanapo pendurado sobre o peito como um babadouro de creança; retirava-o com vagar, estendia-o na mesa, e dobrava-o, alisando-o. Era um habito caseiro de muitos annos; e

alli em casa extranha era um acto de puro automatismo.

Feita essa operação final, amorteciam-se-lhe de novo os olhos: e o seu organismo repousava, cerca de um quarto de hora, como de um grande esforço. Era já fora da mesa, em uma cadeira de encosto; calado, parecendo attender á conversa, piscava de quando em quando, em cochilo, e se não havia outras pessoas extranhas, desabotoava o collete sobre o ventre crescido. Uma segunda eructação era o signal de que elle tinha acordado; voltava-lhe a disposição de fallar, e conversava com humor até a hora do pocker.

Era assim todas as quintas-feiras; e já ninguem reparava nessas desalinhadas maneiras de convivio. Apenas, se havia gente de fóra, em primeira visita, Alice, mais do que Pedro constrangia-se com a inconveniencia do seu conviva habitual.

VIII

Nesse ultimo jantar Julinho, porque fazia annos, occupava ao lado de Alice, o logar de tia Lulú; em frente desta e junto a Pedro sentara-se o desembargador. Ao principio deleitou-se o menino com a honra da collocação entre a gente grande; mas depois achava preferivel ter ficado entre as irmãs e os amigos no outro extremo da mesa. Estavam alli mais a gosto; palestravam entre si, de assunto que não era ouvido pelos da outra

ponta, e que elles sublinhavam com um riso contagioso, que percorria em escala as cabecinhas inquietas. Olhava-os curioso, indagando com os olhos o que é que os fazia rir. A certa altura comprehendeu que elles se riam do velho Azambuja, por causa da sua voracidade; os convidados de Julinho, era a primeira vez que jantavam em companhia do desembargador. Esther e Luizinha lembraram-se então da sovinice delle; e a repetição do prato de perú foi o explosivo da troça. Rompeu a gargalhada dos meninos; e Julinho, entalado entre a mãe e a tia Lulú, ria, por contagio e pelo proprio esforço de não rir. Percebendo a tia pelos acenos das creanças o motivo da risada, sussurrou a Julinho que não continuasse, e aos outros fez um gesto reprovativo. Como porém elles não attendessem, inclinou-se a geito de ser ouvida por Esther que lhe estava mais proxima, e ralhou:

— É muito feio o que vocês estão fazendo, caçoar assim de uma visita! Se continuam, chamo a attenção de seu pae.

— Não sou eu só, é Julinho tambem; é elle que está fazendo a gente rir.

De facto o irmão nesse momento apontava-lhes com esgares a figura do velho, imitando-lhe a mastigação extatica. Tia Lulú voltou-se e ainda lhe apanhou o gesto.

— Julinho! contenha-se, ou eu digo a seu pae para fazer você sahir da mesa!

— Hoje é o dia dos meus annos!

— Os meninos que fazem annos, portam-se bem. Isso é muito feio, muito feio.

Julinho não podia suffocar o riso, de olhos postos nos outros, que dissimulavam. Tia Lulú

por baixo da mesa beliscou-lhe a perna. Doeu-lhe.

— Ah! tia Lulú! tambem! resmungou elle. A gente não pode rir!

E desconcertado um momento, despicou-se logo com a sua escusa peremptoria:

— Hoje é o dia dos meus annos!

E era como se dissesse: — Eu hoje sou o primeiro aqui! — e para provar a sua liberdade e o seu privilegio, riu alto e com desenvoltura.

Alice reparava no colloquio agitado, e perguntava á tia o que era; tia Lulú em resposta esboçou na physionomia um grande espanto de que a sobrinha não houvesse notado a zombaria dos meninos; e impertigada, com receio de que o desembargador a ouvisse, acenou com o queixo, apontando para elle e com as mãos indicava as creanças. O gesto contrafeito della, a alegria dos meninos, o semblante do desembargador alheio á troça, a expressão do copeiro, que mordia nos labios o riso, tudo predispoz Alice a achar graça no caso. E ao olhar interrogativo do marido, voltou-se para dizer-lhe alguma cousa em voz baixa.

Nesse momento o desembargador acabava de engolir o ultimo pedaço de perú e farofa, e com um ar de satisfação e pena, concluiu:

— Estava delicioso este perú, D. Alice! Se não fossem esses fios de ovos que alli estão, eu repetiria ainda uma vez. Delicioso perú!

Dizia-o a lamber os beiços, embevecidamente.

— Pois repita, desembargador; não faça cerimonia.

E as creanças de novo a rir; e Alice tambem. Só tia Lulú ficára séria, e quasi corrida fechara o sobrecenho, com um ar de censura á cumplicidade da sobrinha. O mesmo desembargador acompanhava risonho, á tôa, a galhofa das creanças. Pedro o que principalmente notou foi o ar de tia Lulú, e poz-se a rir sem saber porquê, ou só porque tia Lulú não ria. E disse animando a creançada:

— Estão alegres os pequenos! Cuidado com o vinho! Não vão ficar tontos...

E dirigindo-se a Azambuja:

— Boa edade, desembargador! em que a gente ri á tôa e faz rir os outros sem saberem de que.

O desembargador applaudiu de cabeça, e vagamente. Tinha os olhos postos em tia Lulú, que lhe servia a sua parte de trouxa de ovos. Essa occupação distrahia-a do procedimento censuravel dos meninos. Formava a trouxa de ovos uma pilha conica muito alta rematada no vertice por um cravo natural; á volta em espiras resaltavam pequeninos confeitos, granulados e prateados. Era tudo trabalho della, e uma das suas habilidades de doceira, das mais gabadas. Não havia jantar de annos em que se lhe dispensasse essa contribuição saborosa e ornamental; era apreciada de todos; e a vaidade de doceira, o gosto de dar prazer pagavam bem o labor paciente de longas horas de tia Lulú, sem collaboradores, que ella não os consentia: era ella mesma que anaçava os ovos, e fazia com pachorra passar a massa por um funil para afilal-a na calda, e depois lhe dava o geito de rolo engenhosamente composto sobre uma base larga, que se ia estrei-

tando proporcionalmente até o cocoruto, em que ella fixava a flor; e esta era como o timbre de fabrica; e havia ainda o accessorio do papel rendilhado em que assentava o doce, e que só ella recortava, picava e recamava. O seu premio era a satisfação dos que lhe gostavam o doce, ainda que não lhe exprimissem o louvor senão nos olhos regalados. Não lhe tirassem porém a ella o prazer de servil-o. Como havia a sciencia de fazer, havia a de desfazer a trouxa de ovos, que lhe fosse diminuindo o tamanho, sem lhe quebrar a feição e ao fim deixal-o arruir em massa informe sobre o prato.

Tia Lulú, retirando o cravo que depoz ao lado, enfiou o garfo no pinaculo da trouxa e começou a giral-o sobre si, enrolando-o do filamento dourado, que se despregava da pilha ao geito de um novello. Os olhos do desembargador seguiam a operação; e os dos outros tambem, as creanças agora sorridentes, em tregoa ou repouso do riso, desde que podiam rir á vontade. Tia Lulú estava absorta no seu cuidado; quando lhe pareceu que o novello de fios de ovos bastava sem escandalo ao appetite de Azambuja, fel-o passar com o auxilio de outro garfo para o prato, onde o ageitou verticalmente. Já o desembargador tinha o braço estendido para recebel-o. Foi quando Julinho, que pouco antes pegara do cravo, teve a lembrança de o encarapitar no prato que o velho recolhia.

— É o presente de tia Lulú ao desembargador!

Applaudiram todos a travessura graciosa;

menos tia Lulú, mas não chegou a zangar-se, distrahida por Alice que dizia a Azambuja:

— Prove e veja que doceira é tia Lulú!

O desembargador cheirou o cravo, limpou-lhe a haste no guardanapo e enfiou-o na lapella, dizendo com um sorriso a tia Lulú:

— É para lembrança da doceira afamada.

— Bravo, bravo, desembargador — exclamava Pedro, para justificar a algazarra que faziam as creanças, relembradas, pela idéa de Julinho, da allusão ao namoro de tia Lulú e do velho. Os pequenos batiam palmas, gritavam, faziam tilintar os copos. Pedro achou que elles já se excediam; e fez a saude do filho; mas as creanças tinham pegado com gosto no primeiro motivo da hilaridade, e aproveitavam-se ainda da confusão das saudes para a sua troça, em que ia principalmente o plano de um despique contra o desembargador, comilão e sovina, e tia Lulú, que ralhara com elles e beliscara Julinho.

— Á saude dos noivos! á saude dos noivos! tia Lulú!. desembargador!

Tia Lulú cahiu do alto do seu embevecimento. Olhou para Alice, olhou para Pedro, á espera do que elles iam fazer. Viu-os porém a ambos sorrindo, á socapa, simulando que não entendiam a atrevida galhofa das creanças. Olhou para o desembargador que sorria tambem, todo entregue ao gosto da trouxa de ovos. Até o cravo vermelho na botoeira delle parecia rir.

Tia Lulú offegava raivosa da impossibilidade de castigar alli mesmo o desrespeito dos meninos, que os paes, elles proprios, parecia applaudirem. Esteve alguns instantes indecisa,

soffreou quanto poude o seu impulso, mas era demais o seu vexame; levantou-se e sahiu da mesa.

Ao movimento della e á expressão dos seus olhos, ficaram os meninos suspensos; mas justamente soltava o desembargador a sua primeira eructação.

Foi o ensejo de nova gargalhada.

Dessa vez o velho enfiou; era excessivo o riso, e bulhento.

— Estarão a rir-se de mim? perguntou, sem bonhomia, amarrando a cara.

Alice reprimiu com o olhar as creanças. Pedro explicou:

— Não, não, desembargador! Que idéa! Não é de você que elles se riem; não se atreveriam a isso. É de tia Lulú. Não viu que ella se levantou. Eu lhe conto...

E disse-lhe para o persuadir com muitos rodeios o fraco de sua parenta, a sua aspiração antiga de casamento. E como o dissesse com um ar de censura zombeteira, atalhou-o o outro, observando que não era cousa nenhuma descabida. Era natural que uma senhora prendada pensasse em casar-se. — Mas naquella edade? — Naquella edade, sim, e que edade teria, D. Lulú? Cincoenta annos. Pois não apparentava isso; e que o apparentasse, outras se tinham casado com tanta ou mais edade.

Azambuja não atinava o ridiculo, com que Pedro queria explicar-lhe a hilaridade dos pequenos.

— Pois bem, desembargador, vá que não seja ridiculo o casamento de uma cincoentona...

— E não é, teimou o velho.

— Mas a singularidade de tia Lulú é que ella não tem só o desejo, mas a preoccupação de casar-se. Senhora tão ponderada em tudo, perde nisso quasi o bom senso; é ver homem que supponha solteiro, e poõ-se logo a fantasiar um noivo possivel.

— Um viuvo para esse effeito, não differe do solteiro; pois até hoje, apesar de vir tantas vezes aqui, nunca reparei nessas disposições della... Ou será differente para commigo, porque sou velho? A sua opinião, D. Alice? Acha que pareço muito velho, e incapaz de inspirar a idéa de casamento a uma senhora que só deseja casar-se?

— O inspirar é relativo, disse-lhe Pedro; e só ella poderia responder-lhe. Mas do que se refere a sua pessoa, posso eu dar o meu testemunho de quanto é capaz. E muito moço o invejaria.

Era pura lisonja, e tão reflectida, que a expressão sahiu gaguejada. Mas o desembargador só attentou ao sentido; entreolharam-se os dois e sorriram-se.

Alice respondeu polidamente:

— Acho que não, desembargador. O senhor... não é tão velho...

— Não queira lisonjear-me; diga a sua impressão verdadeira.

— A minha impressão é essa... Quantos, e ainda mais velhos, se tem casado!

Ella pensava ao contrario, que devia ser impossivel que alguma mulher se casasse com o desembargador. Mas todo o seu pensamento naquelle instante era fazer esquecer o episodio da risada. E agastava-a a explicação dada por Pedro; havia outros motivos de disfarce

da zombaria das creanças, que não fosse aquella confidencia pejorativa dos sentimentos da tia. E por isso accrescentou:

— Quanto a tia Lulú, desembargador, Pedro não disse a verdade; o senhor sabe como elle gosta de gracejar de todos. Tia Lulú não tem nada de ridiculo. É preciso levar-se em conta a sua indole affectiva; é muito natural, muito justo que ella queira ter a sua propria familia. Mas com o seu desejo, ella nunca se deu a desfrute; o senhor mesmo tem visto, quanto ella é séria, e escrupulosa. Nas condições della, quem não pensaria em casar-se, em formar a sua casa? tia Lulú nasceu para ser mãe.

A veia jocosa de Pedro estancara ás observações oppostas por Azambuja, e não menos ante a sua expressão desconfiada. Deixou por isso sem replica a corrigenda de Alice. Houve um momento de silencio constrangido; mas o desembargador perguntou ainda, sem se dirigir a ninguem:

— Mas afinal... o motivo da caçoada?

Pedro ficou perplexo. Tinha agora receio de molestar o velho amigo com a menção do seu primeiro gracejo; que só era gracejo por implicar um disparate, e consequentemente o desapreço e a idéa do ridiculo. O desembargador não gostaria da referencia, feita por absurdo, á sua pessoa. Mas, com surpreza de Pedro, a impressão de Azambuja, ao lhe ouvir as pretensas requestas de tia Lulú para com elle, foi risonha. Apenas accrescentou:

— E os pequenos então acharam graça?

Os pequenos, a quem elle volvia a pergunta, iam-se levantando da mesa, já desin-

teressados do caso. Alice respondeu por elles:

— Elles acharam graça em Pedro, no modo por que Pedro fallava. Naturalmente, não riram por mal, são creanças.

Azambuja readquirira o seu bom humor:

— E D. Lulú?

Pedro antecipou-se a Alice para a informação:

— Ella não gostou, ou mostrou não gostar. Supponho que mais se aborreceu das risadas, é claro; as risadas feriram-lhe o amor proprio.

— De certo, ponderou Azambuja.

Tinha acabado o seu café; e dobrava o guardanapo. Nessa operação parecia concentrar-se. Ergueram-se depois, elle e o casal; e accommodaram-se nas cadeiras de palha que formavam um recanto de palestra a um dos extremos da sala. Antes da segunda eructação, o desembargador, interrompido por um dilatado bocejo, concluiu um pensamento intimo:

— Pois olhem, a sua tia é uma senhora muito distincta e prendada. Bastava ser a doceira que é. Aquella trouxa de ovos vale um dote; e não lhe faltaria noivo, se ella realmente o quizesse.

IX

Fechada em seu quarto, reflectia tia Lulú, a proposito da scena do jantar, na sua situação molesta de hospede. De outras vezes, e ainda recentemente, sentira-se desconsiderada, e pensara em deixar a casa de Pedro. Mas

uma desculpa, uma explicação, um carinho, as mesmas reflexões do seu espirito acalmado, desapparelhavam-lhe a resolução. E a sua bondade caprichava logo em fazer esquecer que ella tivesse reparado no facto desagradavel, e até que este houvesse occorrido. O caso de agora porém era mais grave. Presenciara-o um extranho, envolvido no incidente: havia os meninos da vizinhança convidados de Julinho, e peior que tudo era a complacencia de Alice e Pedro á troça dos pequenos. Tinha a comprehensão de um desapreço consciente á sua pessoa. Porque é que a desconsideravam? porque consentiam com agrado no desrespeito das creanças? Não fariam isso com outra que não fosse hospede; não o fariam mesmo com ella, se ella não dependesse delles. Tudo era pois menoscabo da sua condição; e os mesmos creados atinavam isso, pois que a serviam como por favor, e tambem motejavam della, a exemplo dos patrões. Ia jurar que naquelle momento era della que se riam.

O quarto ficava proximo da cozinha; e tia Lulú podia ouvir a voz do copeiro, que provavelmente narrava aos outros o caso. Vinham as vozes confusas, em sussurro no meio do sonido da lavagem dos pratos e talheres.

A magua não a predispunha então a chorar. Não tinha havido dissentimento travado em palavra, que acarretasse offensa directa, e lhe excitasse a paixão, e em seguida o afrouxamento dos nervos. Assistira a uma scena de comedia, senão de farça, em que lhe davam uma figuração ridicula; e observara o proposito amesquinhador de uns, o desaffecto de outros, e a indifferença de quem lhe devia

teressados do caso. Alice respondeu por elles:

— Elles acharam graça em Pedro, no modo por que Pedro fallava. Naturalmente, não riram por mal, são creanças.

Azambuja readquirira o seu bom humor:

— E D. Lulú?

Pedro antecipou-se a Alice para a informação:

— Ella não gostou, ou mostrou não gostar. Supponho que mais se aborreceu das risadas, é claro; as risadas feriram-lhe o amor proprio.

— De certo, ponderou Azambuja.

Tinha acabado o seu café; e dobrava o guardanapo. Nessa operação parecia concentrar-se. Ergueram-se depois, elle e o casal; e accommodaram-se nas cadeiras de palha que formavam um recanto de palestra a um dos extremos da sala. Antes da segunda eructação, o desembargador, interrompido por um dilatado bocejo, concluiu um pensamento intimo:

— Pois olhem, a sua tia é uma senhora muito distincta e prendada. Bastava ser a doceira que é. Aquella trouxa de ovos vale um dote; e não lhe faltaria noivo, se ella realmente o quizesse.

IX

Fechada em seu quarto, reflectia tia Lulú, a proposito da scena do jantar, na sua situação molesta de hospede. De outras vezes, e ainda recentemente, sentira-se desconsiderada, e pensara em deixar a casa de Pedro. Mas

uma desculpa, uma explicação, um carinho, as mesmas reflexões do seu espirito acalmado, desapparelhavam-lhe a resolução. E a sua bondade caprichava logo em fazer esquecer que ella tivesse reparado no facto desagradavel, e até que este houvesse occorrido. O caso de agora porém era mais grave. Presenciara-o um extranho, envolvido no incidente: havia os meninos da vizinhança convidados de Julinho, e peior que tudo era a complacencia de Alice e Pedro á troça dos pequenos. Tinha a comprehensão de um desapreço consciente á sua pessoa. Porque é que a desconsideravam? porque consentiam com agrado no desrespeito das creanças? Não fariam isso com outra que não fosse hospede; não o fariam mesmo com ella, se ella não dependesse delles. Tudo era pois menoscabo da sua condição; e os mesmos creados atinavam isso, pois que a serviam como por favor, e tambem motejavam della, a exemplo dos patrões. Ia jurar que naquelle momento era della que se riam.

O quarto ficava proximo da cozinha; e tia Lulú podia ouvir a voz do copeiro, que provavelmente narrava aos outros o caso. Vinham as vozes confusas, em sussurro no meio do sonido da lavagem dos pratos e talheres.

A magua não a predispunha então a chorar. Não tinha havido dissentimento travado em palavra, que acarretasse offensa directa, e lhe excitasse a paixão, e em seguida o afrouxamento dos nervos. Assistira a uma scena de comedia, senão de farça, em que lhe davam uma figuração ridicula; e observara o proposito amesquinhador de uns, o desaffecto de outros, e a indifferença de quem lhe devia

mais, em respeito e amizade. Offensa directa no ardor de uma discussão seria menos que esse desconceito frio e risonho. Não chorou: não se lhe perturbou o espirito; e poude capitular os factos passados durante a sua hospedagem. A conclusão a que chegou, de que não lhe queriam bem, ou de que, se não lhe queriam mal, a toleravam, que não a estimavam. cansados da sua presença, aborrecidos da continuidade do favor que lhe faziam deixou tia Lulú doída, mas calma.

E foi com serenidade, sem ostentar a sua magua, que ella ouviu as explicações de Alice, quando esta foi ao seu quarto. Disse-lhe o que estava resolvida a fazer; e esquivou-se á discussão, a que a levariam as razões e duvidas aventadas pela sobrinha.

— Seria uma ingrata, se negasse o que devo a vocês; não me esqueço disso. Não preciso tambem provar a vocês a minha amizade. Mas sinto que já sou de mais na sua casa...

— Quem lhe disse isso, tia Lulú? Que é que lhe tem faltado aqui?

— Nada, Alice; nada me tem faltado.

— Então?

— Você me quer bem, não é? Pois deve comprehender a inconveniencia dessas scenas, que se vão repetindo. Eu as esqueço, mas soffro; e quero evitar o effeito que podem ter na nossa affeição. Você no seu intimo con corda commigo, Alice. Quando eu deixar de ser sua hospede, os seus filhos, o seu marido me considerarão mais do que hoje...

— Isso é uma injustiça sua.

— E os seus creados tambem. Você tal-

vez não veja, mas eu vejo como elles me tratam. Não, não sou injusta; nem digo isso por mal. O convivio diario, quando não é de marido e mulher, ou de paes e filhos, traz esses aborrecimentos e attrictos; sobretudo, como no meu caso, quando a situação não é equivalente. Desde que eu deixe de morar com você, tudo mudará para melhor, até a affeição de Pedro e dos meninos.

— Mas os outros, os extranhos é que não pensarão assim. Hão de dizer que a maltrátamos. Verá, tia Lulú! E com qual das minhas primas a senhora vae morar? Nenhuma lhe quer mais bem do que eu, nenhuma a tratará melhor.

— Nenhuma. Mas não penso em morar em casa de ninguem. Ninguem terá que dizer nada de vocês, porque eu acharei explicação para a mudança. Irei para uma casa de pensão em Botafogo, a pretexto de banhos de mar.

— E a senhora pode fazer essa despeza, tia Lulú? Que idéa!

— Posso. Com as minhas economias posso pagar um quarto. E se fôr preciso mais tarde, sei piano para ensinar.

Não houve como dissuadil-a do seu projecto. A tranquilidade de animo de tia Lulú não deixava apontar, para argumentação, o resentimento; e Alice em consciencia concordava com todas as razões della.

O pesar da separação transparecia das suas palavras; a sua propria conveniencia de não parecer mal aos outros influia para combater aquelle projecto; mas a amizade lhe esclarecia o entendimento da situação da tia.

X

Pedro, foi sem desprazer que ouviu á mulher a noticia; mas ao primeiro reparo de Alice, insinuativo de que era por culpa delle, contrapoz que tia Lulú era uma desagradecida. Disse-o para não deixar de dizer alguma cousa; mas uma vez proferida a palavra passou a ser ao seu proprio ouvido uma idéa, que elle não quiz deixar cahir. Sim, era uma desagradecida; tinha casa, comida, roupa lavada; e não fazia conta disso; nem se lembrava de que elles eram os unicos parentes que a haviam hospedado. E insistiu nisso contra o que ouvia á mulher, e contra o que elle mesmo ia reflectindo.

A presença de tia Lulú era-lhe indifferente; nunca sentira por ella nenhum affecto definido; nada oppuzera á hospedagem, mas tambem não influira com uma palavra de sympathia; não tinha prazer nem desprazer na sua companhia; entretanto a idéa de cessar aquella presença obrigada era uma novidade na casa, e como tal agradavel no quotidiano monotono. Mas, pesado tudo, o que prevalecia era a dependencia de tia Lulú; e assim a sua resolução de renunciar a essa dependencia assumia a feição de uma impolidez.

— Desagradecida é o que ella é, concluia; e ha de se arrepender.

Não eram muito differentes as reflexões de Alice; mas não concluiam pelo mesmo teor. Queria bem á tia; estimava-lhe as qualidades, reconhecia todos os favores que recebera del-

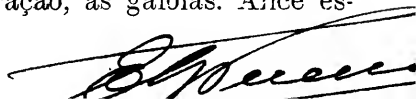
la, na permanencia em sua casa, nunca diminuidos por acto nenhum de ingratidão ou mau humor.

Estava habituada á sua companhia nas horas entre o almoço e o jantar, em que Pedro ficava na cidade, e as creanças no collegio. Havia então silencio na casa; Alice occupava-se dos seus affazeres, e ao seu lado tia Lulú costurando ou fazendo crochet, ajudava-lhe a tarefa; e na conversação de cousas minimas e multiplas, que compõem o interesse das vidas regradas e monotonas, entretinham-se as duas durante a pausa do maior movimento domestico. Era tia Lulú quem a acompanhava a compras ou a missas de finados, e a auxiliava nos arranjos e misteres caseiros. Nem tudo era sempre harmonico, ou de todo satisfactorio. Differiam em genio e cultura; e a diversidade de estados filtrava uma surda prevenção reciproca. Não raro surgiam pequenas dissenções no correr das palestras, e Alice reparava ás vezes com azedume nos sestros da solteirona; e a presença d'aquelles passarinhos e do cachorro no interior da casa dia e noite irritava-a como uma demasia dos direitos de hospedagem.

Não faltavam pois essas pequeninas e frequentes causas de amuo, enfado e quisilia, sem contar o cansaço mesmo da companhia quotidiana. Sem renovação de desejo, tudo fatiga; e haveria momentos e dias, em que parecesse agradável a Alice o não ter a seu lado a figura da tia. Em summa na subconsciencia della como na de todos de casa a permanencia da hospede era como um estorvo, leve embora, á plena liberdade dos donos, como

a de alguem que não pertencia estrictamente á familia.

Decidida a mudança, nenhum desses grãos de discordia se agitou na memoria de Alice; mas a simples novidade do facto entibiava o sentimento da separação, distrahindo a dona de casa com um projecto de outro arranjo no interior, mais desafogado, desde que se desoccupasse o quarto da tia.

XI

O seu pensamento ia delineando a nova disposição caseira, emquanto as mãos guiavam automaticamente o panno da costura sobre a mesa da machina, e os seus pés imprimiam a oscillação ao largo pedal movel. Era depois do almoço. Tia Lulú sahira para ir ver em Botafogo uma pensão annunciada no jornal.

O ruido da machina excitava o canto dos passarinhos engaiolados na janella do proximo quarto da tia: eram um canario, um colleiro do brejo, uma patativa; e os tres apostavam no estridulo do gorgeio, que entretanto Alice não escutava e mal ouvia, entreabsorta no seu pensamento e no cuidado da costura.

Houve porém um instante em que o pensamento prevaleceu, e a costureira, com a mão esquerda espalmada sobre o panno e a direita na roda da machina, sustou-lhe o giro; os olhos abstractos mediam e locomoviam dois armarios de roupa que alli esta-

vam na saleta, para o quarto a desoccupar. Gozavam o espaço ampliado, espanavam as paredes descobertas, deslocavam o guarda-comida de um dos cantos escuros para a face fronteira á janella; e entravam pelo quarto da tia já desoccupado. Viam-lhe o assoalho, que era preciso lavar, tantas eram as manchas; as paredes estavam furadas de pregos; seria preciso tapar-lhes os buracos, e caial-as; o peitoril da janella estava coberto de nodoas dos respingos das gaiolas. Tudo tinha que ser reparado.

Além dos tres passaros cantores, havia um corropião: o silencio da machina deixava agora ouvir-se-lhe o salto secco intercadente do poleiro para o chão da gaiola, do chão para o poleiro, num som enfadonho de tic-tac. Escutando-o Alice revia o passaro negro, e a gaiola immunda; vinha-lhe á imaginação o cheiro repugnante do alimento mesclado: uma banana, uma laranja partida ao meio, um pedaço de mamão. Era esse um dos cuidados infalliveis de tia Lulú, antes do almoço: carregava as quatro gaiolas para a saleta e procedia á limpeza e á renovação dos alimentos; e emquanto o fazia, falava aos passaros como se fossem gente, na sua linguagem de caricia, composta das mesmas palavras e alcunhas chuchurreadas e sibilladas. Pedro, a esse tempo no quarto de banho, ouvia-as e enfrenesiava-se. Ella mesma, Alice, achava irritante aquelle monologo que se repetia invariavel, em melopéa; mas a tia, abstracta, não dava pelo aborrecimento dos outros, e esquecia-se quasi sempre de mandar limpar a mesa em que depunha, durante a operação, as gaiolas. Alice es-

perava que ella as recolhesse ao quarto, e vinha á saleta; o copeiro já contava com a ordem ralhada, que recebia logo, com endereço á dona dos passaros:

— Olhe como esta mesa está suja! Não viu esta immundicie? Traga um panno molhado. Sempre a mesma cousa! E é preciso que eu veja e mande lavar!

O copeiro comprehendia a entonação e attentava no olhar que Alice volvia ao quarto da tia; e explicava, com intimo gosto:

— A mesa estava limpa, que eu já limpei hoje. Foram as gaiolas *d'ella.*

O pronome pejorativo tinha effeito calmante na irritação de Alice, que emendava então a sua attitude e a intenção do copeiro.

— *D'ella!*

— De *sâ* Lulú.

— Pois limpe isso; não era preciso que eu mandasse.

Tia Lulú ficava alheia á ordem e ao dialogo; entretida ainda lá no quarto com os seus passaros. Pouco depois era a vez de *Dick,* a que ella mesma ia dar banho.

Tudo isso ia agora acabar, com a mudança da tia. Nem gaiolas que sujassem a mesa, nem cachorrinho que dormisse dentro de casa. *Dick* era ensinado; mas acontecia ás vezes o que acontece até á gente: e embora muito raro, isso era motivo de exclamação e escandalo para os donos da casa e de resmungo para os creados. Tia Lulú magoava-se pelo animal amigo e defendia-o como era possivel.

Ora bem tudo isso ia acabar. E os olhos de Alice compunham o quarto desoccupado, com o contentamento de cousa nova e do ar-

ranjo que ia trazer ao interior da casa outra ordem e largueza.

XII

Foi quando tia Lulú chegou quasi esbaforida da viagem a Botafogo. Tinhá caminhado muito, desde a pensão do annuncio a outras que lhe haviam indicado no logar ou que se lhe iam deparando no seu percurso a pé. Não trazia cara satisfeita, ou por cansaço ou pelo mallogro da procura. Alice achou que não era delicado perguntar antes que a tia fallasse; podia parecer desejo o que só devia ser assentimento.

Tia Lulú contou as suas impressões; gostara muito do arrabalde, da rua e dos bondes:

— São outra cousa, Alice! Não ha mistura de gente como nos de Villa Isabel. Que distincção! Dá gosto viajar naquelles bondes, tão limpos! Os conductores são polidos e até os burros são mais bonitos.

— Ora, tia Lulú!

— É, Alice. Até os burros; ha muito mais ordem; vê-se logo que é companhia estrangeira.

— E por isso não faz caso dos pobres. Para estes não ha bondes. Os pobres tambem são gente!

— Para os pobres ha as caranguejolas. São como bondes menores, o que tem é que não andam em trilho.

— Tudo tem sua compensação, tia Lulú. Lá as passagens não são baratas como aqui; são o dobro das nossas.

Era um argumento de bairrismo, que despertava provocado pelo louvor ao outro arrabalde. Tia Lulú mencionou os bondes fechados de cem reis, que trafegavam até o Largo do Machado; Alice contrapunha o incommodo desses vehiculos de dois bancos fronteiros e corridos. E dos bondes a conversa derivou para a comparação das ruas e das casas e das chacaras e do ar. A moradora do Engenho Velho defendia a superioridade do seu bairro com o ardor de um patriotismo melindrado; e concluia ufana:

— Pois eu não troco Engenho Velho por Botafogo. Estou muito contente aqui. Botafogo com todas as suas prosas de arrabalde nobre, não tem as nossas chacaras.

— Isso é que tem, Alice! Eu vi chacaras e palacetes no Cattete, no Caminho Velho, e na Praia de Botafogo...

— Algumas. Mas não como as daqui. E as casas? quasi todas pequenas e acanhadas. Pelo menos foi o que me pareceu a ultima vez que fui por lá.

— Tambem por estes lados ha casas pequenas e acanhadas, Alice. Mas onde ha por aqui um palacete que se compare ao do Friburgo? que bonito! e grande! O que mais me encanta porém naquelles lados é o mar. Como estava lindo na Gloria! E que vistas que ha na Praia de Botafogo!

— E que mau cheiro de maresia! Tia Lulú não sentiu? É isso, está convertida; se não sentiu o mau cheiro da praia! Agora é toda de Botafogo, do arrabalde nobre.

E n'um agastamento subito e rapido con-

tra o arrabalde nobre, accrescentou com malicia:

— Lá entre essa gente que se veste melhor, será mais facil a tia Lulú achar o seu... noivo.

— Tambem você, Alice! exclamou a tia.

— Estou brincando, tia Lulú! não faça caso! não se zangue.

E Alice estava realmente arrependida do seu gracejo quasi involuntario.

Como não havia testemunhas que o glozassem, o gracejo não chegou a fazer doer; ao contrario beliscou a vaidade da senhora. Não lhe pareceu impossivel que entre gente nova lhe surgisse enfim o seu noivo. E a hypothese suggerida indirectamente pela sobrinha foi outra razão para ella persistir na idéa da mudança. Em casa de pensão havia mais ensejos de relações com pessoas extranhas. As visitas de Pedro e Alice eram escassas.

Vendo a tia calada, pensou Alice que ella estivesse ainda resentida; mas não insistiu em justificar-se apesar de que lh'o pedia o coração com uma sympathia ainda mais viva do que a habitual. Perguntou então com interesse pelo que devia áquella hora mais interessar tia Lulú:

— Mas ainda não me contou; a pensão do annuncio, que tal?

Tia Lulú gostara da casa; mas o quarto vago era pequeno e caro; tinha visto outros, em duas casas particulares. Agradara-lhe muito um delles, mas não acceitavam cachorro.

— A dona tem dois de raça; e não quer animal extranho. Na outra casa, tambem não

admittiam *Dick;* foi a primeira cousa.que indaguei... Amanhã vou ao Flamengo: ahi é que eu mais gostaria de morar.

— Mas porque toda essa pressa, tia Lulú?

— Pressa? Não tenho pressa; mas se não fôr eu mesma, quem ha de ir? A difficuldade estou vendo que vae ser *Dick.* Eu não me separo delle, por nada.

— E se não achar casa em que possa ficar com os seus passarinhos e *Dick?*

— Ha de haver, ainda que custe mais caro.

Amorteceu o dialogo um momento. Tia Lulú — pensava Alice — já ia sentindo o que valia a hospedagem na sua casa, onde nada lhe faltava, e nada ella gastava, e podia ter comsigo os seus animaes. Olhou de soslaio para a tia. Com o braço em angulo sobre a mesa e o rosto apoiado na mão, tia Lulú tinna o olhar pensativo e espalhado. Alice achou-lhe a expressão triste e condoeu-se; hesitou um pouco, mas disse:

— Afinal, tia Lulú, porque é que a senhora vae mudar-se? Não vejo motivo sério. Está tão bem aqui!

— Você sabe, Alice. Não tenho queixa de você... nenhuma, nem mesmo do seu marido. Elle não tem sido delicado commigo, mas eu desculpo-o; tem lá o seu genio, e até bem pode ser que não goste de mim. Digo — pode ser: e elle está no seu direito. Mas não levo queixa. Sei que vou ter saudade de todos, e que em nenhum logar estarei tão bem como em sua casa. Mas você não acha que me estimarão mais depois que eu me tiver mudado? Oh! com certeza...

E ante o protesto da sobrinha:

— Não me refiro a você; você é sempre boa; não podia fazer mais por mim do que tem feito. Não me refiro a sua estima; mas quando a gente está longe é outra cousa. Pois eu não vejo a consideração com que Pedro recebe as suas primas? Elle era lá capaz de caçoar de qualquer dellas! E são só suas primas; mas não moram aqui, não são hospedes; e tem os seus maridos. Olhe; você mesma... ainda ha pouco... não, não me zanguei; foi uma brincadeira... mas ás vezes essas brincadeiras fazem mal. É uma experiencia que vou fazer. Não esquecerei o que lhe devo, fique certa.

Alice, que no intimo lhe dava toda a razão, pensou em ajudal-a no seu projecto de mudança; e lembrou, para facilital-o, que ella poderia deixar o *Dick* e que todos o tratariam bem; ella velaria por elle. Para tia Lulú porém isso era impossivel.

E enternecida, e logo depois inquieta, exclamou:

— E elle que ainda não appareceu depois que cheguei! Alguma cousa aconteceu a *Dick!*

XIII

E preoccupada começou a chamar o cachorrinho, a procural-o pela casa. Não tardou muito que elle acudisse ao appello; surgiu de um dos quartos do quintal, e veiu caminhando lento para a escada de pedra, que a dona já descia.

— Eu não disse! *Dick* está doente. Basta vel-o.

O cachorrinho erguia para a senhora a cabeça, esperando-a, e balouçava a cauda, em signal de carinho. Tia Lulú carregou-o ao collo, e afagava-o perguntando:

— Que é, *Dick?* Que é, que é que você tem, *Dick?*

Examinava-lhe o corpo a ver se estava magoado; e trouxe-o para o quarto, e quiz que elle bebesse leite e depois agua. Esforçava-se o cãosinho por beber, visivelmente para não desagradar á dona, mas depois de dois goles não poude mais e resistiu ao mando de tia Lulú, que lhe achegava a vasilha ao focinho desviado. O olhar delle exprimia soffrimento, e tambem ternura pela afflicção da sua dona.

— Mas que terá *Dick*, meu Deus? Está doente, está. Alguma cousa comeu elle que lhe fez mal. Que é que lhe terão dado para fazer-lhe mal?

E foi á cozinha indagar dos creados. Nenhum lhe dera cousa nenhuma, nem elle comia senão do prato que lhe preparava a dona. E o desassocego desta era tamanho, que os creados contiveram o seu ar galhofeiro. Um delles até veiu ajudar tia Lulú no primeiro tratamento de medicina caseira. Feito isso, tia Lulú deitou o cãosinho na cama, agasalhou-o bem e ficou a olhal-o já esperançada porque elle não gemia. *Dick* parecia estar dormindo; ella inclinava-se muito para ver se de facto elle dormia; o cão agitava a cauda, como respondendo áquelle cuidado, e a algum appello della soerguia a cabecinha fatigado, olhan-

do-a, olhando-a com a sua ternura de escravo amigo. Levou assim quatro dias; não podia comer, bebia apenas, e não melhorava com os remedios de tia Lulú e o tratamento que lhe fez um veterinario. Era este a grande esperança de tia Lulú; mas o veterinario logo affirmou que o cão não escapava, e porque o examinasse indifferente, como a um simples animal, a senhora antipathisou com o homem, e duvidou de que elle soubesse alguma cousa do officio. Era o que mostrava o proprio cãosinho, quando dahi a pouco erguendo-se da cama, encaminhou-se para fóra do quarto, desceu a escada de pedra, e tomou a direcção da chacara. Tia Lulú recobrou animo; as creanças festejaram com ella a melhora de *Dick*.

Acompanharam-no a distancia e esperaram por elle, que naturalmente tinha ido buscar o seu remedio em alguma herva. Mas como tardasse em voltar, correram a buscal-o. *Dick* estava deitado sob uma moita.

Repetiu-se o facto varias vezes. Presentiria elle a morte, e teria vergonha de que o vissem morrer? Durou mais um dia, sempre deitado, sem gemer. De manhã quando tia Lulú tomava café, *Dick* apontou á porta da sala de jantar, e lentamente, como se lhe custasse mover o corpinho esmaecido, andou até os pés da senhora, estendeu-se e morreu. Foram as creanças que primeiro o viram sob a mesa já immovel.

— Morto! gritou tia Lulú.

E em choro, a murmurar as palavras desconnexas que a morte arranca ao primeiro espanto, carregou nos braços o cadaver até

o seu quarto. As creanças iam atraz entre curiosas e penalizadas.

Ainda na cama, Pedro ouviu o rumor, e levantou-se.

— Que barulhada é esta? perguntou abrindo a porta.

Percebeu logo o motivo. Uma das creanças correu a contar-lhe o acontecimento. Approximava-se Alice. Pedro teve impeto de ralhar com os que lhe interrompiam o somno; mas limitou-se ao seu desdem:

— Ora essa! por causa de um cachorro!

— Mas faz pena, Pedro! Tia Lulú gostava tanto delle; e elle era tão amigo della. E tão engraçadinho!

— Mas nem que fosse gente! todo esse barulho!

E não pensou mais no cachorro, nem na dona, a não ser quando depois do almoço, sahindo para a cidade, avistou do portão o enterro que se fazia no fundo da chacara.

— Que bobagem! disse elle comsigo.

Tia Lulú mandara cavar um buraco á sombra de uma arvore. Poz o cadaver entre flores numa caixa de papelão, que ella mesma carregou, seguida por uma das creadas e pelas tres creanças, que por muito pedirem para vêr o enterro, tinham obtido dispensa de ir ao collegio. Cada uma dellas levava uma flor. Cheia a cova, compoz tia Lulú em cima um canteirinho, em que tencionava semear myosotis. Ficou alguns momentos a olhar o trecho de chão revolvido; e retrocedeu enxugando os olhos. Antes de fechal-o na caixa ella tinha cortado uma mecha do pello sedoso e riçado que cobria as orelhas do cãosinho. E

todo o seu pensamento nesse dia foi de saudade.

XIV

Na manhã seguinte voltou a occupar-se da mudança. Acabara o empecilho material que era o proprio *Dick;* e para soffrer menos o desapparecimento delle, mais sensivel no seu antigo quarto, tia Lulú não attendeu a inconvenientes secundarios na primeira pensão que achou.

Custou-lhe entretanto a despedida. Abraçaram-se chorando ella, Alice, e as creanças, todos nesse momento sinceramente sentidos da separação. Até Pedro se commoveu; e se lhe fallasse alli o coração, diria que de todo se desvanecêra o caracter de ridiculo que elle attribuia á parenta.

E ella deixou verdadeiramente saudade, pelo menos a sensação de uma falta na casa em que havia morado tantos annos seguidos. Nas menores cousas se manifestava a sua ausencia. Todos se lembravam, ainda que sem se dizerem, dos actos prestimosos de tia Lulú. Á distancia tudo avultava. Nem Pedro achou motivo de sorrir nas perguntas que fez sobre ella com insistencia na primeira quinta-feira o desembargador Azambuja. Tornou depois do jantar ao assunto e declarou a sua tenção de ir visital-a.

Nessa mesma semana, uma noite, sentado com Pedro no terraço do theatro Lucinda, Azambuja começou a inquirir das condições e situação de tia Lulú, e em ar de

consulta disse-lhe o seu projecto de pedil-a em casamento. Faltava-lhe a elle ordem na vida. A sua cabocla era afinal uma creada, inferior para o mister completo de companheira.

Pedro applaudiu abertamente a idéa; apesar de que a consciencia lhe apontava a dobrez do seu consentimento áquelle consorcio, com a continuidade de cohabitação da cabocla. Era o que se traduzia das palavras confidenciaes de Azambuja. E affiguravam-se-lhe de relance as possibilidades que iam depararse á pureza ingenua da tia. Mas não pensou nellas senão um momento; nem as considerou ao menos, quando contou á mulher a grande novidade.

— Devéras, Pedro? É historia sua! — exclamou Alice.

— É serio, sim. Mas veja você: foi a minha brincadeira que originou a idéa desse casamento. Como são as cousas! Tia Lulú zangou-se com o meu gracejo, sahiu daqui de casa, e afinal fui eu que lhe arranjei o noivo. O motivo da zanga vae ser motivo da sua alegria.

— Você acredita que ella acceite? O Azambuja é um velho.

— Não acceita outra cousa. Sessenta e cinco annos... e sua tia, quantos? cincoenta...

— Quarenta e nove.

— Pois então! dezeseis annos de differença...

— É muito nessa edade. Olhe que sessenta e cinco annos, Pedro!...

— O que eu desejo é aos sessenta ser como elle. Essa gente do norte parece feita de outra fibra. O desembargador está forte ainda. Sua

tia não terá que se arrepender, Alice. Elle é um turuna.

E accrescentou uma informação faceta que fez rir á mulher gostosamente.

XV

O caso era assim dado como resolvido, sem audiencia da pessoa principal; todos porém contavam com o immediato assentimento della, até o mesmo Azambuja fiado na segurança que lhe dera Pedro.

A idéa do casamento fôra em verdade uma suggestão do gracejo que tanto havia feito rir as creanças e enfadar-se a tia Lulú. A lembrança dos fios de ovos valia por um argumento de belleza ou de fortuna.

Para viver despreoccupado e com fartura, ainda que sem luxo, ao qual aliás não estava affeito, tinha o desembargador além das rendas de herança e economias, a pensão de aposentado. Quanto á belleza, aos seus olhos de velho eram indifferentes os traços apurados do semblante; bastava que não lhe repugnassem, e, feios ou bonitos, compuzessem a cara de um corpo feminino, de curvas femininas. De certo elle os preferira em mulher moça de carnação vibratil; mas isso era um ideal apenas, que elle desistia de realizar, pois que não tinha prendas para neutralizarem o seu aspecto de velho feio. D. Lulú não era feia nem magra, e o que lhe escasseasse em viço era supprido pelo seu appettite conjugal, de que elle tinha noticia. E era sympathica,

educada, á feição das familias antigas, para dona de casa. Era o que principalmente o seduzia: elle tinha a indole caseira, não obstante os desregramentos a que se dera depois de viuvo, e por ventura esses mesmos tinham-lhe sido uma contra prova do seu gosto, de regularidade pachorrenta e satisfação methodica de desejos. Na sua cabocla tinha a famula e a concubina, o que era pouco em si, e ainda diminuido pela sua situação ambigua e ás vezes vexatoria.

O casamento com D. Lulú preenchia tudo, e dava-lhe com a companhia moral, a capacidade de apresentação, cuja falta havia de ser grande na hypothese de virem á Côrte os seus filhos casados. Era assim o casamento um acto de conveniencia pessoal, para o qual elle não requeria affeição particular; bastava que não houvesse desaffeição da parte della. E achou que não era preciso mais observar nem consultar por precaução. Tratava-se menos de um pedido que de uma proposta. A primeira visita seria opportuna.

XVI

A presença delle foi entretanto de momento desagradavel a tia Lulú. Recentemente installada na pensão, não havia ainda tempo para que a dona da casa e os outros hospedes a conhecessem tanto, que não lhes causasse reparo a visita de um homem a uma senhora solteira. Ficou tambem aturdida porque não

a previra. Deu-lhe a noticia a propria dona da pensão indo bater-lhe á porta do quarto.

— D. Luiza, está ahi um senhor á sua procura.

D. Lulú abriu a porta com certo espanto:

— Um senhor, D. Maria! Não disse o nome?

— Diz que é o desembargador Azambuja. Está lá em baixo na sala.

D. Lulú cuidou ver nos olhos de D. Maria uma curiosidade inquisitiva; e não errava. Na vida da pensão os menores factos relacionados com cada um dos hospedes interessavam a dona, a familia desta e todos os outros hospedes, em particular as mulheres, as quaes ficavam mais tempo em casa, em longas horas de palestra vagarosa, cujo assunto immediato e frequente eram as pessoas e acções da communhão domestica. D. Lulú já se iniciara nesse costume; fôra interrogada successivamente e por sua vez, para entreter conversa e ser delicada, interrogara as outras.

Ao fim de poucos dias as hospedes eram como pessoas de conhecimento antigo; referiam-se a cousas do passado e a parentes; e, descoberta uma coincidencia de relações communs, apertavam-se os laços de familiaridade; passavam logo ás confidencias, e eram já intimas, quando chegava a vez de criticar as outras hospedes não presentes. Em geral essa intimidade se travava em companhia de duas interlocutoras, raramente tres. O que D. Lulú ignorava ainda era que a intimidade se revezava, e consecutivamente davam as collaboradoras da critica a materia della. Sabia

entretanto por experiencia que a visita do desembargador, como de outra pessoa qualquer que fosse, havia de ser commentada. E foi como a uma tacita interrogação de D. Maria, que ella informou logo:

— O desembargador Azambuja é um velho amigo de Alice e Pedro. Faça o favor, D. Maria, de mandar dizer que eu já desço.

E emquanto ultimava o vestuario, tinha ante os olhos a sala de visitas, os grupos das hospedes e a figura do desembargador, sentado á parte e á sua espera. Sentia-se acanhada de ir alli ficar em conversa com elle, sob a observação das outras.

Ao mesmo tempo vinha-lhe certa vaidade dessa visita de um homem de posição respeitavel; isso lhe daria apreço na casa. Deveria apresental-o ás outras?

XVII

Foi assim um tanto commovida que D. Lulú entrou na sala, onde nessa tarde de domingo havia tres grupos de hospedes em palestra, outros isolados a ler jornaes, e uma senhora que tocava polkas ao piano. Azambuja estava sentado numa cadeira de braços junto ao sofá. D. Lulú sentou-se no sofá. Todos attentaram nos cumprimentos delles; e por instantes ficaram a olhal-os desceremoniosamente. Para disfarçar o seu embaraço, ella mostrou-se mais risonha e amavel do que lhe pedia a presença do visitante.

O desembargador não apparentava nenhum

enleio. Estava convencido de que era alli a pessoa superior; e fitava a todos com segurança ou indifferença. Alguns minutos depois, satisfeita a curiosidade, ou por vexame do olhar com que o desembargador os encarava, os hospedes foram uns após outros deixando a sala. A ultima a sahir foi a tocadora de piano; embevecia-se na execução das polkas, alheia á presença da visita.

— A senhora deve sentir-se mal aqui, D. Lulú.

— Porque, desembargador?

— Não é o seu meio; e não está na sua casa. Não acha por exemplo insupportavel este piano? E é assim todos os dias?

Para ella ao contrario tudo aquillo era divertido; mas não quiz discordar, lisonjeada pela observação.

— É; mas que se ha de fazer? Foi a melhor pensão que encontrei. Os hospedes são bons; não me incommodam muito.

— Por força, D. Lulú. Este piano... E não se terá o direito de pedir á pianista que não toque...

A pianista continuava a batucar as suas polkas; mas esmoreceu ao dar por falta de maior auditorio. Ainda dedilhou uma escala preguiçosa; e resoluta, ergueu-se do tamborete, dando um movimento de meia-volta, que era talvez um habito de agradecer applausos, ou de attender a pedidos de outras musicas. O desembargador olhava-a bem de rosto; e não lhe escondia o desprazer daquella musicação impertinente. Ella, muito arrebicada, com feições angulosas de nortista, sorriu para D. Lulú, dizendo-lhe um adeusinho de camarada;

e sahiu em passo saltitante, rebatendo os tufos da saia.

D. Lulú informou o desembargador que era uma viuva e chamava-se D. Ismenia; tinha duas filhas crescidas, mas parecia ser irmã dellas. Não tinha em verdade ar de moça? Diziam que ella já passava dos quarenta e cinco.

— O que eu notei foi a pintura da cara... Mas, D. Lulú, com franqueza, penso que a senhora não está bem aqui. Devia ter a sua casa...

Tinha essa mesma opinião D. Lulú, mas não poderia alli confessal-a pela impossibilidade e inconveniencia de explicar-se. O seu pensamento porém estampava-se-lhe nos olhos; e o desembargador sem transição, no mesmo tom de conselho e advertencia declarou a sua proposta.

Não seria differente a formulação de um dos seus despachos ao tempo em que exercia a magistratura. Apenas aqui elle sublinhava o pensamento com um sorriso, e os olhos se lhe enterneciam fixados no rosto de D. Lulú, a principio attonita, como a duvidar do que ouvia, depois surpresa, perplexa, embaraçada, n'uma turbação de idéas e do sangue, que depois de lhe fugir todo das faces voltou a cobril-as de rubor.

— Não somos moços; eu mesmo serei um velho para os que só julgam pela apparencia. Podemos pois fallar com calma, sem os arrebatamentos da mocidade, que se deixa levar das illusões. Gosto da senhora, conheço-a, e como supponho que a senhora não me quer mal, acredito que podemos fazer a nossa mutua felicidade. Reflicta bem, D. Lulú. Consulte,

não direi que o seu sentimento, mas as suas conveniencias. Veja que a senhora não tem a posição e a independencia de que é digna pelas suas prendas, e qualidades de mulher distincta... e bonita. É o que lhe offereço. A não ser que eu só lhe inspire antipathia e desgosto.

Era um ensejo para D. Lulú sahir do seu mutismo; e ella fallou n'um impulso de bondade, contestando que elle lhe desse aquella impressão.

O tom de autoridade persuasiva do desembargador abrandou-se, e seus olhos expandiram uma onda de ternura que lhe communicava ás feições um ar de vida nova. E a D. Lulú que o escutara sob o effeito da surpresa lisonjeira, parecia quasi formoso e joven aquelle rosto de velho. Não voltava a si da sua confusão.

Dividia-se-lhe o espirito entre a difficuldade de responder, o receio de ser descortez, em palavra ou gesto, e o temor de ver apparecer na sala algum dos hospedes que presenciasse a sua inquietação moral. Conseguiu enfim dizer alguma coisa, sem animo de olhar para Azambuja:

— Eu não penso em casar-me.

— Não creio, qual a mulher ainda moça e forte que não pensa em casar-se?

— Pois eu, não.

— Repito, que não creio; não é possivel.

Ia alludir á impressão de Pedro e Alice, mas atalhou a tempo a lembrança que podia molestal-a.

A lembrança acudiu-lhe a ella propria, e recapitulando a scena recente e o

ar motejador de Pedro, um assomo de vaidede, vingativa e satisfeita, fez-lhe erigir a cabeça, com resolução:

— Pois bem, desembargador, vou reflectir para lhe dar uma resposta. O senhor mesmo decerto não esperava que eu respondesse hoje ao seu pedido. Foi uma surpresa tão grande para mim, que assim de pronto eu não sei o que possa dizer-lhe. Mas sou sensivel á sua sympathia e ao seu interesse. Deixe-me consultar Alice.

— Mas a senhora depende de Alice? ella não é sua sobrinha? O contrario sim se comprehenderia.

— É por delicadeza; morei com ella tanto tempo! ella é realmente minha amiga.

— Pois sim, D. Lulú, vá conversar com Alice. A senhora diz que é por méra delicadeza, o que quer dizer que já tem a sua resolução tomada. Estou certo de que não me recusa. Muito obrigado, muito obrigado.

VIII

E foi então, sahido o desembargador, que se fez em tia Lulú o maior tumulto interior das idéas e das impressões. Recolheu logo ao quarto para evitar que a vissem as outras hospedes, e lhe sentissem e interrompessem a agitação quasi deliciosa, em que a alma d'ella bracejava como o corpo de um dextro nadador no fluxo e refluxo das ondas em ressaca. Instinctivamente foi olhar-se ao espelho; a imagem que lhe surgiu era uma transfiguração.

Achou-se bonita e sorriu. Era a mocidade d'ella refeita nos traços exteriores e no sonho antigo que se avivava.

A pessoa do desembargador era a parte minima na sua lembrança; valia quasi como um só algarismo para a possibilidade do calculo. A realidade era a idéa, era o noivado que enfim descia da remota condição de desejo abstracto e corporificava-se n'um pedido que dependia d'ella, da sua vontade, sem que ella o houvesse buscado.

Era ella que ia deliberar, ella era que ia conceder. Ella era desejada, ella parecia necessaria á felicidade de alguem. E a essa idéa de que a sua bondade ia ser por direito effectiva, e a sua força de affecto achava o seu destino, diffundiu-se-lhe pelo organismo, um bem estar de viço, como se a alma lhe penetrasse todas as fibras do corpo até então deserto.

Estava assentada a sua decisão; a consulta á sobrinha era pura formalidade, e ella achou bastante escrever-lhe e preferivel a ir em pessoa. Custou-lhe ainda assim achar uma redacção em que não transparecesse o alvoroto dos seus sentimentos. Era o que não poderia evitar na communicação oral.

Depois de cinco esboços, acertou n'uma forma concisa, quasi telegraphica, que entretanto foi contraproducente porque pareceu a Alice que tinha o tom exclamativo de uma alegria vehemente. Alice mostrou o bilhete a Pedro, e este poz-se a rir sem dar opinião.

— Que é que você acha, Pedro? Tenho que responder á tia Lulú.

— Dê-lhe os parabens pela sorte grande.

— Escute; tia Lulú pede-me um conselho; é uma prova de amizade e confiança, e eu preciso responder com sinceridade. Por mim mesma não sei...

— Ora, Alice, você parece ingenua. Ella pergunta por perguntar. Que vale ahi o seu conselho ou de outro qualquer? Sua tia queria um noivo, e agora que o encontra, casa-se mesmo, fosse elle de pedra em figura de homem.

— Serio, Pedro. Nós temos alguma responsabilidade. Foi afinal você que trouxe o desembargador á nossa casa. Você é amigo d'elle, conhece a vida que elle leva, o seu caracter, os seus habitos. É o que ella naturalmente pergunta... Eu teria remorsos de contribuir para a infelicidade de tia Lulú. Se ella vier a soffrer d'esse casamento? Não? quem sabe? Acho que o casamento é cousa muito séria...

— Mas está você a se preoccupar á tôa, como se tia Lulú fosse uma mocinha innocente de 16 annos. Olhe que ella tem 50 annos e deve saber o que faz. E quer que eu lhe diga? Você está doidinha por vel-a casada; não negue! Vae ser o acontecimento na familia.

— Não nego, tenho prazer, mas, Pedro, tia Lulú apezar da edade é como uma menina... Você acha que o desembargador gosta mesmo d'ella, que a fará feliz?

— Se não gostasse, não ia pedir-lhe a mão; sua tia não é rica.

— Mas elle não tinha uma ligação? Lembro-me de você ter fallado n'isso uma vez.

— Fallei a você?... Não tem importancia.

Era com a criada, uma cabocla que elle trouxe do Norte.

— Com a criada!!

— Uma criada de confiança, que lhe faz todo o serviço; cozinha, lava, cose, e ainda tem tempo para o resto: uma preciosidade...

— E agora? Vae deixal-a...

— Não sei, talvez a cabocla se conforme. Isso é lá com elles.

— Ahi está, isso é que é preciso que tia Lulú saiba.

— Está doida!

— Pois então! Se a cabocla continuar com elle, o que não vae soffrer tia Lulú!

— Quer saber de uma cousa, Alice? Não se metta a dizer nada, nem a aconselhar nada; que não adianta. Ao contrario, tia Lulú não lhe ficará agradecida, e se deixar de casar-se, não lhe perdoará o malogro de seu sonho, ainda que você tivesse feito por bem d'ella. E outra cousa mais séria. Essas relações de Azambuja com a cabocla, só eu sei d'isso, porque elle me fez a confidencia em amizade. Você de nada sabe, nem tem o direito de fallar d'isso a ninguem. Depois, Alice, elle deve saber mais do que nós, como regular a sua vida; as cousas se arranjarão do melhor modo. Sua tia não se arrependerá. Mande-lhe os parabens e os meus.

XIX

E foi o que fez Alice, horas depois, em estylo telegraphico, enviando á tia os seus

abraços e os do marido. A lembrança do prazer da tia, a propria novidade do acontecimento, e o desejo de communical-o aos parentes e conhecidos, tudo se combinou para quebrar-lhe a inclinação da consciencia a examinar o facto na sua realidade e seus effeitos. E foi na verdade, durante uma semana, a grande nova para a familia e para quantos conheciam D. Lulú pessoalmente ou de vista.

Na pensão foi o thema da conversa de todo um dia.

De volta da casa de Alice, D. Lulú não poude conservar calado o seu prazer primaveril. A expansão era mais forte que a sua timidez. Não bastava o dialogo de seus olhos com a propria imagem d'ella no espelho, nem os risos em que tagarellou com os seus passaros. Os passaros chilreavam e saltavam mais lepidos nas gaiolas, como a responder-lhe que a entendiam e estavam contentes; e o primeiro gorgeio da patativa foi um hymno de parabens.

Tia Lulú sentia necessidade de a todos ouvir esses parabens, repetidos em todos os sons e vozes, familiares e extranhos. E não tardou que fosse escutal-os a D. Maria, dona da pensão, a qual só não esgotou as interrogações para antecipal-a em levar a noticia ás outras hospedes. O que ellas disseram entre si, e os commentarios que sussurraram ou exprimiram em riso, não os ouviu D. Lulú; ouviu-lhe as felicitações, recebeu os abraços; e todas pareciam compartir a sua ventura, excepto aquella D. Ismenia, viuva que tocava piano. Essa quiz travar-lhe o prazer com um reparo de pena de que o noivo fosse um velho.

A noiva apenas soletrou a inveja da viuva, como uma nota confusa á margem do poema, que os labios, que os olhos, que a alma cantavam com emoção.

Mal ouviu tambem a idéa que lhe suggeriu dias depois D. Maria para que ella não deixasse a pensão, onde lhe arranjaria um espaçoso e confortavel quarto de casados. Seria para todos um pezar que ella os deixasse.

XX

Mas D. Lulú sonhava com a sua futura casa, em que ella ia ser a dona. Enfim, dona de casa! Teria os seus moveis, os seus creados, daria ordens. Iam ver a sua habilidade de arranjo e de economia! Prefigurava a casa, e nas suas idas á cidade ficava deante dos mostradores de lojas de moveis a escolher os seus, ainda que isso tivesse de ser a ultima cousa a fazer e incumbisse ao noivo. Era porém um gosto da imaginação e dos olhos, além do que ella tinha no preparo dos seus crochets, toalhinhas de adorno e almofadas de sala.

Pareciam-lhe poucas as horas para os preparativos; e não sentia cansaço em tantos aprestos. Ella mesma, apenas ajudada de uma costureira e dos conselhos de Alice, compunha o enxoval.

D. Ismenia, D. Maria e outras hospedes da pensão iam vel-a nas horas do trabalho. Mostravam-se interessadas pelo andamento das costuras, e a pretexto de da-

rem o seu parecer de experientes, inquiriam, bisbilhotavam; mas D. Lulú lisonjeava-se dessa curiosidade e não se aborrecia com a tagarelice dellas, porque não lhe estorvava o labor, mais activo por ventura com a animação que dava a conversa.

Desde manhã cedo começavam a mover-se as machinas de costura; os hospedes dos quartos contiguos gesticulavam e resmungavam a sua impaciencia, commentada mais tarde na sala de jantar durante o café. D. Maria achou meio de abrandar os impacientes, com a desculpa de que era um trabalho de urgencia; e insinuou a D. Lulú que a reclamação dos seus vizinhos justificava um aumento temporario da diaria. Tudo foi dito com tal geito, com tanta censura aos outros e tamanha demonstração dos seus possiveis prejuizos, que D. Lulú lhe deu razão, e accordou no accrescimo do preço; e D. Maria se tornou ainda mais amavel. Logo de manhã, se acontecia passar no corredor, batia de leve á porta:

— Bons dias! Já na sua tarefa! Olhe que isso não deve ir a matar! Tinha graça que a senhora viesse a adoecer nas vesperas do casamento! Mas isso não succederá, espero em Deus. Quer que lhe mande trazer o seu café? Deixe estar: eu mando vir; é só um momento.

E era mais um extraordinario esse café no quarto. A hospede não percebia a intenção daquella solicitude e achava razoavel a despeza, porque lhe poupava o tempo, e seria por pouco tempo.

XXI

O casamento devia ser dentro de dois mezes. Azambuja tinha em vista um chalet, mas não quiz resolver o aluguel sem a opinião da noiva, e convidou-a a ir com elle uma tarde ver a casa.

Ella alvoroçou-se, mas teve um escrupulo:

— Vou convidar tambem Alice.

— Alice? Porque incommodar a sua sobrinha?

— É que... podem reparar. Ainda não estamos casados.

O desembargador deu uma gargalhada.

— Ora, D. Lulú! Já não somos moços. Ninguem repara, não.

Ella ficou desconcertada. O riso e as palavras de Azambuja davam um sossobro ás suas illusões de noiva. Já se havia desvanecido a sua noção de edade: e no arroubo em que permanecia desde o pedido, a imaginação refizera-lhe a adolescencia, communicando ao seu noivado as condições e circumstancias sentimentaes de filha innocente, cuja pureza era mister vigiar das revelações antecipadas e perigosas. Na casa de pensão a presença das hospedes suppria a vigilancia que ella vira em outro tempo exercida sobre o cochicho amoroso das irmãs e parentas com os seus noivos. Alguma vez que ficava em casa de Alice a sós com o desembargador, parecia-lhe que ia chegar o ensejo dos carinhos furtivos, cuja possibilidade lhe excitava a timidez, a ternura e um quebrante do corpo, que lhe lembravam

a acertada prudencia dos costumes sociaes do noivado. A todo momento apontava a occasião; um silencio maior, um movimento de cabeça de Azambuja esboçavam o impulso para um beijo. Ella esperava-o tremula; mas se elle não tentava sequer beijal-a, seria pelo receio de que surgisse gente. E a sua caricia maior até alli fôra um enlace mais forte das mãos.

Agora aquella ida dos dois sozinhos a uma casa vazia dava-lhe a emoção de um acto quasi illicito, que a expunha talvez á maledicencia. O riso do desembargador e a advertencia de que não eram moços, não produziram mais que um effeito momentaneo.

Dominou-a logo depois a imaginação, e no dia aprazado, quando ella appareceu ao noivo, levava Esther, a afilhada, que ella fôra buscar a pretexto de uma ida a compras.

Não escapou a Azambuja a circumstancia, e o fez sorrir; entendeu a timidez da noiva, e sentiu-se tomado de uma emoção que não lhe viria espontaneamente. A imaginação della irradiava e attingia-o.

Percorreram o chalet, agradaram-se delle, combinaram os arranjos.

A principio Esther os ia seguindo, mas deu com o quintal e disparou por elle á cata de frutas. Da janella de um dos quartos os noivos avistaram a menina correndo. Em ambos quasi a um tempo irrompeu o mesmo pensamento. Os braços estenderam-se uns para os outros; e um beijo os uniu alli, longo e vivo, como um primeiro beijo de namorados. Foi para Azambuja a revelação de um sentimento, que elle não imaginava; ella, era como se estivesse sahindo da sua primeira communhão.

Esther que voltou dahi a pouco, olhava-a surprehendida e encantada de tamanha alegria da sua madrinha.

Sentia-se feliz e parecia ter remoçado. Era uma vida nova que lhe dava mais brilho aos olhos, mais viço á cutis e mais animação aos movimentos do corpo. Já não tinha o aspecto indeciso de solteirona, a feição de sexo neutro, o ar ambiguo como das frutas que antes de maduras engilham no galho. Assomava mulher, com a effervescencia do sangue hibernado, agora em movimento de suffusão subita. Cobravam-se os sentidos da longa privação de exercicio.

XXII

Faltavam poucos dias para o casamento. Estava pronto o enxoval e o chalet mobiliado. A actividade de D. Lulú, não achando em que applicar-se nesse tempo vasio da espera, derivava em uma ancia de todos os momentos, que ella afinal pensou em distrahir na preparação religiosa para o grande sacramento. Devotou-se á pratica de uma novena em cumprimento da promessa e acção de graças da sua felicidade.

Mas a felicidade ficou na promessa e no sonho. Dois dias antes do casamento, Azambuja, ao voltar de um jantar em casa de Pedro, teve uma angina de peito e em meia hora morreu.

Alice foi então como uma filha carinhosa; mas não conseguiu persuadir a tia a dei-

xar a casa de pensão e voltar para á sua companhia. O mais que alcançou com a sua meiguice foi o demovel-a de ir ao sahimento do cadaver. Era um conselho do marido, que tendo visto a magua da cabocla, receiava da parte della um acto vexatorio a tia Lulú. Seria inevitavel que ao encontrarem-se as duas junto ao morto, não se chocassem os dois affectos, com desengano para a noiva e aborrecimento para elle.

Mais do que as palavras de conforto da sobrinha e das outras hospedes, curiosas agora da sua dor como tinham sido do seu prazer de noiva, disfarçaram o soffrimento de tia Lulú os aprestos de luto. Ella nem pareceu entender o que lhe diziam, em contrario á sua viuvez de corpo e alma.

Reabriu e fez passar sob seus olhos uma por uma as peças do enxoval, e uma a uma as foi guardando em mala, como cousas para sempre inutilizadas; em ultimo logar o seu vestido de noiva. No momento em que ia cobril-o com uma toalha, teve um sobresalto, e as lagrimas que corriam espaçadas, encheram-lhe a fluxo as palpebras; debruçou sobre a mala, e extravasou com o rosto sobre o vestido o seu choro abafado.

Fechou-se o tampo da mala como o de um esquife. Alli ficava para sempre amortalhado o seu sonho de affeição conjugal. Tinha o sentimento concreto da inanidade de uma vida, falhada no exercicio do que havia de mais puro, e era o bem de amar e ser amada, de ser mulher e mãe. Nunca mais!

E com o vagar de quem leva os olhos parados e vasios, e com a decisão de uma deses-

perança resignada, tia Lulú desenrolou o corte de merinó preto e começou a talhar a sua veste de viuva.

As outras hospedes e a dona da pensão commentavam essa extravagancia, rindo com disfarce da magua exaggerada. Seria lá possivel que ella sentisse tanto? Mas ainda assim, o luto tinha as suas regras; era uma convenção. E quem mais se desagradava de a ver infringida, era D. Ismenia, que era, ella sim, viuva, e conhecia por experiencia o desgosto de perder um marido. Não conteve por isso as suas chacotas na manhã da missa, quando viu sahir D. Lulú de toucado e véu longo de fumo.

— Só lhe falta a mascara para estar completa!

— Oh D. Ismenia! acudiu D. Maria, com um ar mais exclamativo no tom que no pensamento. Este em verdade pedia que a outra proseguisse.

— Pois não é uma mascarada esse vestuario? Se ella não é viuva! E, entre nós, não acredito nesse sentimento... É só para não ser mais solteirona... Dahi, quem sabe? — Deus me perdôe — se já não tinha antecipado o casamento...

Era excessivo o gracejo; D. Maria e as outras reprovaram-no com a simples expressão dos gestos, que não houve tempo para a palavra. D. Ismenia dera meia volta e afastava-se, a rir da lembrança, que era só para rir e dizer alguma cousa.

A dor, porque era verdadeira, trazia em si mesma o gosto do soffrimento. Ajudava-o a crença religiosa, que é um incentivo de ma-

gua, e parece ter uma das suas forças no culto dos mortos, forma de esperança que pode ampliar-se e definir-se justamente no vago e mysterioso, onde não ha limite nem realidade a oppor-se ao desejo e ao sonho. Tia Lulú tinha o coração occupado e satisfeito com a sua tarefa de tristeza; ia todas as manhãs á missa, e ao cemiterio todas as tardes, e commungava todos os domingos, em intenção ao seu morto. Distrahia-se assim da lentidão do tempo deserto. Não tinha retrato do finado, nem sentia a precisão delle. O semblante do noivo já em vida lhe apparecia atravez da sua aspiração. Na morte a transfiguração se completou; a imagem foi perdendo os traços particulares, e vivia apenas em contorno de vulto masculino, em que se desenhava o rosto que nos olhos della gravava a impressão mais recente; era ás vezes o de um santo, sobre o qual ella fitara o olhar, na abstracção da reza; era, em summa, quaesquer que fossem as feições, a imagem do seu noivo ideal, inhumado para sempre, e á beira de cuja sepultura ella sentia que se circunscrevêra o seu destino.

Seus olhos passavam agora indifferentes sobre os homens; nenhum lhe despertava a mais leve lembrança de uma possibidade do amor; o seu por isso mesmo que não se realizara, constituia na sua alma e nos seus sentidos um estado de saturação. Parecia-lhe que para encher o resto da sua vida chegava a sua dor.

XXIII

Não contava com a dor alheia, a das creaturas a quem ella queria bem. Apenas soube que estavam doentes os filhos de Alice, todos a um tempo, esqueceu-se de si mesma e votou-se aos sobrinhos, como enfermeira de todas as horas. Foram alguns dias de espectação afflictiva. A molestia era grave e contagiosa, e Pedro tambem adoeceu. Alice, que andava achacada, mal podia acudir aos outros; e foi tia Lulú que tomou a si o encargo de vigiar os doentes e dirigir a casa. Fel-o com alma, corajosa, diligente, incansavel, como em outro tempo, quando lhe tocara nessa casa a mesma funcção de enfermeira. Agora por ventura com mais validez de animo e corpo, melhor educados pelo soffrimento e predispostos para o sacrificio e a abnegação. Os proprios creados olhavam-na com enlevo e respeito. Alice agradecia-lhe com um sorriso de todo o rosto, ungido de sympathia, admiração e reconhecimento. A Pedro a impressão que ella dava era a de uma irmã de caridade; enternecia-o e confortava-o a sua presença. Aquelle vestido preto de viuva tinha agora um aspecto novo, parecia que era o adequado, o unico molde daquelle vulto de bondade humana. Tia Lulú era bem viuva, nascera viuva de todo o sentimento mau de egoismo e de interesse.

Quando a convalescença permittiu que fallassem de outro assunto que não a molestia e as providencias caseiras, Pedro e Alice,

quasi que a um só tempo, disseram a tia Lulú que ella ficaria morando com elles. Tia Lulú vacillava em exprimir-lhes a sua recusa; mas Pedro atalhou-lhe a palavra, beijando-lhe a mão e abraçando-a com um carinho filial, que não consentia replica.

— Nunca mais nos separamos, tia Lulú. A senhora vingou-se dos meus estouvamentos com a sua bondade de mãe. Esta e a sua casa; ha de ficar comnosco para sempre. Do contrario será castigar-me; é o mesmo que dizer que não me perdoa, e não esqueceu.

Não era preciso tanto para persuadir a senhora, á qual muito custaria ao contrario separar-se agora daquelles parentes.

Fez-se a mudança, e o unico senão da alegria de todos era a falta de um quarto melhor que o antigo; mas seria por pouco tempo, até se achar outra casa mais espaçosa.

XXIV

Tia Lulú reinstallou-se e retomou os seus habitos de viuva, com que foi enchendo as horas e contentando o coração solitario.

Passaram-se mezes. E chegou-lhe a vez de adoecer, ou, antes, de advertir que estava doente: não o tinha sentido, porque toda a sua attenção era para a vida exterior, repartida entre a saudade do seu morto e a solicitude pelos parentes.

Deante do espelho havia muito que não contemplava a sua imagem; mal pousava os olhos para acertar o penteado e o arranjo do

vestuario. Alice é que lhe notou o emmagrecimento, e a tosse surda, e fatigante para os que a ouviam. Deu-lhe os remedios conhecidos, e como não aproveitassem, fez chamar o medico. Tia Lulú então percebeu que soffria: e, interrogada, teve a consciencia retrospectiva da sua doença: eram symptomas breves e varios, que se resumiam numa sensação de torpor e fraqueza. A noção do mal deu-lhe a da continuidade. Alice ouviu o diagnostico da molestia, que era definitiva e longa, uma especie de comsumpsão medullar. Com pouco tia Lulú já não poude erguer-se da cama, e ao fim de duas semanas foi preciso tomar-se uma enfermeira. A enfermidade era lentamente progressiva; sem crises agudas, sem alternativas de esperança e de sobresaltos: e entrou assim a ter o aspecto do quotidiano domestico. Tia Lulú gemia baixinho, e não dava pleno accordo de si mesma: e ia definhando, sob os lençoes.

As creanças a principio iam diariamente vel-a, e beijar-lhe a mão; a pouco e pouco, deixaram de ir: a tia não dava por ellas: nada adiantava a visita, e era desagradavel o ar daquelle quarto de doente.

E a casa retomou o seu curso antigo: e entre o movimento a que communicavam maior animação os meninos, frequentados pelos companheiros de escola, ninguem diria que num aposento interior acabava uma vida.

Acabou insensivelmente, uma noite, em que na sala havia reunião de parentes e amigos. A enfermeira adormecera. Ao se fechar a casa, Alice como de costume foi até o quarto de tia Lulú; espiou, e achou-a morta.

O enterro foi como o outro, de *Dick:* obje-

cto de curiosidade das creanças e de leve tristeza dos grandes. Já não havia uma tia Lulú, que chorasse ingenuamente de todo o coração.

No dia seguinte, lavado o quarto e removidos os moveis, Alice examinava os objectos da morta, para distribuir o que ainda prestasse pelos pobres. Numa pequena mala, havia um cofre, um caderno de assentamentos e uma caderneta da Caixa Economica, instituida desde muitos annos. O deposito montava a quatro contos de reis; o do cofre, Alice teve escrupulo em abril-o, não obstante ter a chave, porque não lhe pertenciam esses bens; mas entre outros papeis, achou um com a declaração assignada de que deixava aos seus tres sobrinhos Luiza, Esther e Julinho, todo o producto das suas economias. As moedas que continha, de prata, e algumas de ouro, sommavam acima de um conto. Datava a declaração de annos. Vieram-lhe lagrimas aos olhos; recapitulou rapidamente o tempo em que tia Lulú convivera com ella e a affeição que lhe tinha e aos filhos; e a dedicação pura com que os amava.

— Coitada de tia Lulú, disse por fim, enxugando os olhos. Tão boa, tão boa!

CORAÇÃO DE VELHO

SALLES assistiu ao passamento da mulher, com os olhos limpos e sem outra commoção exterior que a de um espectaculo desagradavel.

Ao começar a derradeira agonia tinham ido chamal-o na sala de visitas. Veio sem pressa, parou ao pé da cama, e deixou-se ficar como extranho a tudo, menos á dor dos filhos, um rapaz e uma moça, que choravam e exclamavam, de joelhos, debruçados á borda do leito.

Cessada a agonia, compuzeram o rosto da morta. Salles poz os olhos nella alguns instantes, apertou com força o filho e a filha ao peito, recebeu passivamente o abraço das senhoras que alli assistiam, e voltou á sala. Sentou-se na mesma cadeira de balanço a que tinham ido buscal-o e em que pernoitara as duas ultimas noites da molestia da mulher.

Depois de accender um charuto, aquietou-se, esperando que amanhecesse para providenciar sobre o enterro.

Como aquella morte era esperada desde muito, Salles já tinha á mão, numa gaveta da secretaria, o dinheiro para as despezas. Entregou-o horas depois a um parente que se incumbiu da diligencia, e permaneceu naquella postura, calado, até começarem os aprestos da camara mortuaria. Retirou-se, então, para a sala de jantar e alli recebia os pezames dos que iam chegando. Erguia-se, retribuia o abraço, sem mais palavra que a de um agradecimento sumido. Se não tinha pezar expansivo, tambem a sua attitude não destoava da situação: era recolhida e grave.

Podiam notar-lhe os extranhos a serenidade da physionomia; os amigos e parentes, ou não reparavam na expressão do seu pezar, ou advertiam que não era de esperar outra cousa naquelle transe. Todos lhe conheciam o animo aspero, o tom secarrão das palavras e do semblante.

Para os mais intimos não ficava escondida a sua bondade; sentiam-n'a frequentemente, mas externava-se ella de tal geito, que apparentava indifferença ou insensibilidade. O mesmo sorriso nelle tinha á primeira vista o ar de carranca, e os gracejos, que gostava de fazer, mais semelhavam ralhos.

A sua familiaridade requeria iniciação e costume para ser entendida e estimada, sobretudo nos ultimos annos, quando a velhice e os aborrecimentos da vida foram aggravando o humor nativo. Impressionava particularmente o seu theor domestico que é o espelho fiel da pessoa.

Chefe de familia pontual, mantinha sem desvios o conforto e o passadio da casa, não

faltava aos seus deveres de presença, mas era rude no trato, mais do que com a gente de fóra. E essa rudeza peiorava á medida que o sentimento devia pedir-lhe brandura, pela enfermidade da mulher.

A enfermidade prolongou-se por annos, sem aggravação e sem pausa, mas com o effeito, peculiar ás longas molestias chronicas, de mutação da natureza no aspecto, nas tendencias e nos habitos pessoaes.

Nada escasseava á enferma em medicina e em satisfação dos seus caprichos morbidos, e por parte dos filhos em carinhos. Mas a impaciencia de Salles chegou ao extremo: elle já não podia dominar os impulsos de irritação, que, no parecer dos amigos, tinha por causa a inefficacia do tratamento da mulher, mas que na opinião dos demais, resultava da propria presença da mulher. Evitava-a, quasi que não lhe dirigia palavra, e respondia-lhe de través, breve e desabrido. Ella percebia-o, queixava-se, e era peior. Acabou conformando-se, afinal resignada, porque a não ser o carinho e delicadeza do marido, tudo mais ella tinha para contentar as velleidades e necessidades de enferma.

Na verdade, não era aprazivel a companhia della: não havia excentricidade molesta que lhe não occorresse e ella não praticasse caprichosamente; e quanto mais queriam dissuadil-a, tanto maior era a sua pertinacia. A seus cacôetes e caprichos, obedeciam os filhos, penalisados pelo que lhes custavam em paciencia ou aborrecimento, ou vexados, quando assistiam extranhos; e nessas occasiões procuravam atenual-as com disfarce. Salles é que

não disfarçava nunca o seu vexame; se não estava em veia de indifferença, rompia em commentario rude e expressão obliqua, ainda mais pejorativa; e com um *ella* ou *esta senhora,* ditos em presença da mulher, expandia mais desdém do que num desaforo directo.

Durou annos esta situação, e assim, ao aggravar-se desenganadamente a doença, a espectativa de todos era o alivio que traria aquella morte, para a enferma e para o marido. A attitude de Salles no transe, não dava pois que extranhar a ninguem, e apenas impressionava pela sua gravidade silenciosa, por ventura triste.

O que surprehendeu e espantou, e ninguem explicava, foi o sentimento de Salles no dia immediato ao do enterro e pelo resto da vida. Tinha, como os outros, dormido longas horas depois da vigilia de noites consecutivas. Levantado e banhado, entrou a percorrer a casa como um somnambulo, tendo uma expressão de olhar a um tempo indagador e distante. Parecia ir se compenetrando da realidade, que o surprehendia a espaços de improviso; era como se lhe faltasse aqui e alli o chão diante dos pés, e elle sustivesse a marcha, indeciso entre o retroceder e deixar-se cahir abandonadamente. Demorava-se mais no quarto da morta, já desguarnecido da cama e dos ultimos vestigios da enferma.

Os vivos apressam-se em apagar os restos da morte. Era agora um quarto apenas desoccupado; os cabides sem roupas, o lavatorio sem agua; nenhum já dos muitos frascos de remedios, e sobre a commoda e a mesa não mais aquelles objectos de uso quotidiano. Appa-

rentemente tinha mudado tudo; não se diria que na antevespera ainda tivesse pousado alli o corpo della, e que ella houvesse occupado tantos annos aquelle aposento. Mas na parede, proximo á cabeceira da cama ausente, pendiam ainda alguns quadros; alguns de santos, os retratos dos filhos, pequeninos, e o do marido.

Salles deteve-se a olhal-o, e a rever-se naquella figura antiga de moço. Depois de uma contemplação muito longa, em que o pensamento abstracto tinha a máior parte, sentou-se junto á mesa-escrevaninha, movel de velho modelo e muito usado. Lembrou-lhe que fôra um presente seu á mulher. Examinou-a, lentamente, indo em espirito até á data, e ficou de olhos parados, a cabeça ás mãos e os cotovellos sobre a mesa.

Os filhos acharam-no alli em total absorção. Salles pediu as chaves das gavetas, e começou em companhia dos filhos a pesquizar os objectos. Em contraste com elles que choravam, Salles conservava no semblante o ar de abstracção.

Os objectos eram, entre cousas de pouco preço guardadas por amor do habito, joias ou pequenas lembranças, cartas, retratos de familia, alguns em daguerrotypo. Entre estes, um da morta; representava-a moça e recen-casada. Salles alvoroçou-se com o achado, e indifferente aos outros objectos e papeis que os filnos iam revolvendo nas gavetas, conservava o retrato nas mãos e fitava-o numa concentração profunda.

Em torno delle tinha-se desvanecido a actualidade. Não via os filhos, parecia não

ter a consciencia da sua propria condição presente. O espirito remontava um passado de quarenta annos, e recapitulava os mezes, e os dias, e impressões, e imagens apagadas, desfeitas no decurso do tempo. As que tinham prevalecido, nos annos recentes, apagavam-se agora; molestias, vexames, incompatibilidade de gostos, irritações, a mesma figura da enferma, nada lhe ficava mais na retina e na lembrança, reoccupadas totalmente por aquelle guerreotypo em que os seus olhos pareciam espelhar-se e configurar a vida. Achou assim e recompoz a sua verdadeira realidade, da qual os ultimos annos, como um parenthesis importuno, eram de subito riscados. Houve um momento em que Salles já não poude conter a commoção; e chorou num pranto convulso, estertorado, exclamativo, em que se desatava com impeto um sentimento represo e accumulado.

Os filhos olhavam-no, surprehendidos daquelle chôro tardio, e não entendiam a diversidade das impressões, porque a imagem do daguerreotypo, posto que da mãe, era de um tempo anterior ao sentimento delles. A imagem que amavam e choravam, era outra, a da mãe doente, a qual não se gravara em photographia, mas lhes perdurava na memoria. Dahi o desencontro das maguas, e o espanto delles, sem lagrimas, ante as lagrimas do pae; era o mesmo o objecto do sentimento, mas lembrado e visto em phases differentes e por olhos diversos.

Outra differença é que na dor dos filhos não havia travo de arrependimento, que a aggravasse. Tinham amado, e servido a mãe com

devoção continua; a consciencia de haverem feito o que deveram e puderam, e a certeza de que a molestia fôra incuravel, suavisavam-lhes o desgosto; tinham-se resignado gradualmente á idéa de vel-a morrer, e até a morte lhes parecêra desejavel como alivio para ella e para elles. A saudade era-lhes, pois, antes um sentimento de repouso que de tortura. Em Salles misturava-se o remorso... Não, não era bem remorso; era outra cousa e até contraria.

Havia na sua consciencia e na memoria delle uma solução de continuidade; em presença da enferma tinha-se-lhe aos poucos apagado a imagem anterior da mulher amada: a irritação do humor e o aborrecimento constante determinado pelos cacoetes da molestia apressaram a obra do tempo. Subtrahida pela morte a figura desagradavel e recente, que lhe occupara a retina, o seu esforço de visão mental retrospectiva já não recompunha as feições ultimas e superficiaes; o que vinha surgindo era a impressão profundamente gravada, e apenas adormecida, a imagem da mulher moça, casada ao seu coração e á sua existencia, imagem indecisa a principio, mas subito refeita integralmente por aquelle daguerreotypo.

A sensação foi a de ter dado um salto no tempo: faltava a acommodação dos extremos entre aquella vida e esta morte: não havia pontos de transição e de apoio á habituação do sentimento: o velho marido via-se como um viuvo da esposa recente, e sentia renascer o pleno ardor da mocidade, sem desillusão, porque era toda mental.

Em consciencia elle não tinha vivido os annos de permeio entre o inicio da enfermi-

dade da mulher e a morte desta: elle não envelhecera, nem ella mudara do que lhe apparecia no daguerreotypo. A unica realidade era a morte della, que assumia agora o aspecto de um repentino desapparecimento, e a horrivel sensação de um vacuo; e Salles era como um resurgido, espantado do que não via e não tinha, e em ancia aguda de rehaver o passado. O mais não lhe importava nem existia.

Por não comprehendel-o, a esse imprevisto soffrimento, explicavam-no pelo remorso. Era a explicação mais facil, e a mais aprazivel aos outros; e foi alguns mezes assunto de conversa dos parentes e conhecidos. Mas perdurando o sentimento agudo mais do que pedia e consentia a curiosidade alheia, já não pareceu bastante attribuil-o ao remorso. Concluiram que era manifestação morbida: era amollecimento cerebral, e ficaram contentes os que não podiam crer nessa extraordinaria e tamanha saudade.

A Salles era indifferente o que pensassem os outros; nem attentava na impressão que ia deixando com os seus modos e as suas idéas extemporaneas. Vivia todo absorto na sua pena, cultivada quasi que a capricho. Do daguerreotypo mandara fazer uma ampliação colorida e tinha-a á parede no quarto de cama: na mesa da cabeceira ficava pousado o original, e na medalha do relogio trazia uma miniatura.

Necessidade imperiosa dos olhos que não se fartavam da contemplação querida, ou por ventura mera imitação do costume de todos os namorados; aquelles retratos reproduzidos ainda não eram sufficientes para o seu de-

sejo saudoso. Falava-lhe o passado á imaginação em todos os pormenores e accidentes extinctos; e elle precisava recompol-os e reavival-os.

Um dia, deu comsigo enfrente a um predio antigo, em arrabalde distante. Era a chacara, que o sogro habitava quando elle, ainda estudante, conhecera e namorára Amelia: ahi fôra noivo e realizara o seu casamento.

Guiava-o, como a um somnambulo, o puro instincto. Havia trinta annos que não revia aquelles sitios. Não lhe foi porém difficil identificar o predio, apezar da muita alteração nos arredores, edificios que antes não havia na vizinhança, o calçamento da velha rua, em summa o ar novo da cidade espraiada até o bairro que no seu tempo tinha a apparencia campestre de suburbio.

A chacara conservara-se, e a casa era ainda a mesma casa, grande e forte, assentada sobre a eminencia do terreno, entre mangueiras frondosas. Salles passou e repassou vagarosamente, espiando e observando tudo atravéz do gradil. Passavam e repassavam as lembranças revividas. O seu olhar ampliava-se e circunscrevia o tempo. Repetiam-se os episodios do namoro. Reviu a moça que o esperava á tarde, quando elle ensaiava os seus passeios de curioso do amor... Não a cortejava a principio: olhavam-se: e veio o primeiro sorriso, o primeiro cumprimento, a primeira palavra balbuciada. Surgiu então um amigo providencial que promovera a apresentação: e dias depois elle começou as suas visitas. Com que alvoroço subira aquella rampa na tarde do pedido! Amelia estava de branco: esperava-o

na janella do sobrado, na ultima á esquerda.

Salles reviu exactamente a figura da moça, que lhe sorria... Abriu o portão, transpoz a rampa até a esplanada fronteira á casa, bateu palmas.

Ouviu vozes de homem, choques de bolas de bilhar na sala da frente, tal qual como no outro tempo. Um dos homens, segurando um taco, assomou á janella: — Quem é?

Deparando com a figura de Salles, desconhecida, mas acatavel, sahiu ao jardim ao seu encontro. Salles ficou um instante perplexo.

— É o dono da casa?

— Sim, senhor, que deseja?

— Queira desculpar-me: parecerá extranho o meu procedimento, nem sei como lh'o explique. Morei nesta casa ha muitos annos, aqui fui feliz, e sinto uma necessidade invencivel de rever esta chacara. Permitte-me o senhor que eu a percorra alguns momentos?

Ao dono da casa affigurou-se na verdade uma extravagancia; mas sobresteve a negativa, atado pela velhice e a apparente dignidade de Salles, sobretudo pelo luto que o cobria. Não cogitou do sentimento que dictava o pedido: nem quiz interrogar nada, para não interromper a sua partida de bilhar.

— Á vontade, pode ir vendo a chacara, respondeu elle — e voltou para a sala.

Tanta indifferença foi um choque para Salles, que presumia achar um acolhimento de sympathia ao seu desejo. Pensou no que faria elle, invertidos os papeis. O mundo era a sua sensação. Como é que que os outros não lhe viam nem compartiam a angustia? Doeu-lhe a frie-

za do trato, como uma desconsideração: e o attentar nisso valeu para atenuar o effeito da realidade evocada.

A visão que ia retraçando a saudade, dava-lhe tamanha dor, que elle sentia no peito o impeto do choro, a romper em soluços: mas poude conter-se e as lagrimas só lhe molharam os olhos. Deu volta á casa, e chegando á frente, approximou-se da janella da sala para agradecer ao morador. Este acudiu ao som dos seus passos.

— Muito obrigado; volto, não sei se alliviado, ou mais afflicto.

E, cortejando, dirigiu-se ao portão.

O dono da casa ficára á janella a olhal-o, e com elle os parceiros do jogo, todos curiosos do velho extranho. Um desses, apezar do porte e do aspecto de Salles, suggeriu a hypothese de que fosse um ladrão, outro porém julgou conhecel-o de vista e de nome: e desfez a possibilidade. E debatido o alvitre entre risos e chacotas, concluiram que o caso era apenas o de um velho gira.

Salles chegava ao portão e voltava-se para prender o batente: poude ver o grupo de faces risonhas que o commentavam, e adivinhou a causa do riso. Partiu amesquinhado e pungido; mas logo prevaleceu a consciencia maior do passado revivo.

Nessa tarde fez os seus primeiros versos; e escreveu-os chorando. Nunca se ensaiara em literatura, mesmo na edade, em que a poesia parece ser a lingua universal. Salles ignorava as regras e os segredos da technica: mas o sentimento suppriu a sciencia; o coração dava o rhytmo; e excessos ou deficiencias da me-

trica ficariam despercebidos, e não seriam maiores que as costumadas liberdades dos poetas.

Dos versos feitos não tirou Salles vaidade, mas só contentamento de ter exprimido a sua voz interior: era a oração escrita do seu culto; e só por isso gostou de mostral-os a um ou outro amigo, que elle suppunha amigo. Correu a novidade transmittida em malicia crescente.

E não houve mais duvida sobre o estado mental do viuvo. Nos poucos annos que viveu, a dor moral que o levantava em si mesmo, diminuia-o no conceito dos outros. Os que mais lhe davam, e eram os parentes, sentiam compaixão por elle; mas compaixão exclue apreço e amizade. Tal é a necessidade da contingencia humana. Fóra da compaixão, havia o commentario derisorio.

Qual é a fronteira do riso? Tudo lhe está dentro das linhas, nessa região da galhofa, infinita como o nada. Um pobre velho gira é cousa vulgar e indifferente: mas a distincção pessoal é o sainete de uma caduquice. E assim o velho Salles, coberto do seu luto, fechado na saudade, fazia sorrir e rir, porque sabiam que elle chorava e fazia versos de saudade da mulher morta.

E ainda se affigurou extravagancia caduca o seu derradeiro desejo de que lhe fechassem no esquife os retratos della. Fecharam-nos e esqueceram-no, sem haverem entendido aquelle caso de magua, entretanto bem simples.

Em Salles o coração não acompanhara a edade do corpo: tinha hibernado longos annos

sob o gelo da doença da mulher. Reassomando á actividade, abrochou como a planta dos Alpes; e só refloriu em saudade, porque a terra em volta era esteril e fria para outras flores. Coração de velho, tinha a raiz e a energia na mocidade, que só elle podia reviver em pensamento e os outros ignoravam e não sentiriam jamais.

JANUARIO

CHAMAVA-SE Januario dos Santos. Era um homem de meia edade e meia altura, nem gordo nem magro, de semblante inexpressivo, ou talvez de uma expressão que não se entendia logo, e que por ser de pessoa sem particular importancia não provocava reparo. Quando o vi a primeira vez, em casa de uma familia amiga, não me lembra que me tivesse deixado impressão a sua figura, ou porque nessa noite elle ficasse esquivo á conversa geral, ou porque effectivamente fosse uma figura indistincta. Mas outra vez que fui á mesma casa e depois em outras casas, sem eu indagar, falaram-me delle, com uma insistencia que revelava muito apreço e affecto; e eu acabei por considerar tambem o Januario e por estimal-o como pessoa de excepcional virtude, taes gabos lhe faziam á direitura moral. Conversando-o algumas vezes, verifiquei que a sua honestidade não era um dom de excepção como faziam crer os louvores; mas entendi a admiração que lhe tinham, sobretudo as senhoras sizudas e os ho-

mens casados. Num meio licencioso é já extraordinario um homem honesto na linguagem e nas maneiras, e de vida casta ou ao menos discreta nos amores. Ao nosso Januario dava ainda realce a condição de solteiro e a circumstancia de ser um frequentador assiduo e innocente de casas de familia, sem intenção de namoro. Não é que se abstivesse de falar em assumptos de amor; ao contrario, com as meninas casadeiras era esse o thema preferido ou unico da sua conversa, mas o theor da sua fala era de avisado conselho ou de leve gracejo; e ellas gostavam de Januario, confiadas na attitude paternal com que as tratava, e que bem condizia com a barba e os cabellos já grisalhos. Os pais sorriam complacentes dessa intimidade que os ajudava na vigilancia das filhas. Os namorados não tinham porque enciumar-se delle, que os servia tambem como conselheiro e intermediario velado. E assim todos lhe queriam bem, porque agradava a todos, e não fazia mal a nenhum.

Aos que o ouvissem então podia parecer uma creatura frivola. Mas não era.

Em companhia das outras pessoas, familiares ou extranhas, a mesma impressão agradavel. Sempre discreto, falava quando convinha e acertado, e quando não se sentia á altura do assunto, calava-se para escutar, ou respondia por monosyllabos de assentimento. Onde sobresahia e não se calava nunca era nas questões que se referissem á moral, particular ou publica. E foi a sua linguagem coherente e sagaz no tocante a essa materia que lhe firmou a reputação de homem honesto e austero.

Não bastaria sel-o em verdade; pois, ao contrario do que se diz, não são os actos que prevalecem para o juizo humano; as palavras sim, que enunciem repetidamente, nas occasiões opportunas, a virtude escondida e aliás ignorada; porque justamente o que constitue a virtude é o conjuncto de actos silenciosos, negativos e successivos no curso da vida, e pela sua mesma natureza e condição não se analysam nem se adivinham esses actos espaçados e isoladamente insignificantes.

Foi o que entendeu Januario; por ventura não chegou a entendel-o nem cogitou de crear nenhuma fama; que a honestidade é inconsciente, não dá acordo de si; as circumstancias é que lhe davam ensejo de ir revelando as feições de uma alma justa e sã, no commentario que elle fazia dos varios casos conversados em sua presença. Sabia-se já de antemão o seu juizo em cada caso, mas havia sempre occasião de provocal-o a manifestar-se, porque em taes palestras sobre a vida alheia, ferteis e seductoras, nas quaes infallivelmente as opiniões se extremam entre a escusação facil e a condemnação rigorosa, Januario apresentava o conceito equilibrado, em reparos de reprovação compassiva.

E a sua palavra, conciliadora das duas opposições, contentava a todos, e dava a impressão de que nascia de um espirito limpo e isento, e por isso lhe sahia sem a premeditação de effeito, dos que usam, defendendo ou incriminando, illudir os outros ou desculpar alguma falta intima e inconfessavel.

Eu, desconfiado, por experiencia, das reputações absolutas, acabei comtudo acceitando

a de Januario; e já não sorria, como a principio, ouvindo aos conhecidos tomal-o por medida de apreço dos homens bons. Gabava-se algum homem, e como é natural, apontava uma opinião dubitativa? A formula de restricção entre aquella gente era sabida; diziam logo:

— Mas de certo não é como o Januario? e havia quem accrescentasse: — Ah! como o Januario, não ha outro!

E eram todos convencidos e sinceros; e eu mesmo, por admiração, por gosto, e em fim por affecto, busquei a intimidade do Januario. É certo que o admirava e lhe queria bem; mas confesso que approximando-me delle eu sentia um pequenino impulso de inveja, uma curiosidade algo maliciosa, uma esperança indecisa de achar naquelle homem um defeito escondido, uma falha de caracter que contrabalançasse a fama de virtuoso. Pois apesar de todo o meu exame não descobri nada que importasse a diminuir-lhe o renome. Achei sim alguns defeitos, que talvez me fizeram estimal-o mais.

Notei por exemplo, ao fim de muita observação, que elle não era extreme de inveja; este sentimento difficilmente lh'o descobririam, porque trazia expressão negativa e silenciosa, que passa despercebida. Ninguem lhe ouviria desfazer no valor ou bem de outrem; mas de seus labios nunca sahiu, que eu soubesse, a mais ligeira referencia, o mais trivial louvor á virtude alheia, a não ser que fosse para fundamentar a sua desapprovação ao acto de uma terceira pessoa; e a piedade que ajuntava á censura pareceu-me não raro que era um modo de atenuar as qualidades da segunda.

Tambem não era liberal; custava-lhe dar ainda o que tivesse de superfluo; e como não houvesse motivo para essa economia continuada, inferi que revelava uma negação de bondade, e uma deficiencia no seu sentimento religioso. De facto eu não acreditava muito na sua convicção de catholico. Frequentador infallivel da egreja para a missa dos domingos e dias santos, Januario era em verdade catholico; supponho todavia que o era só por decencia, por habito adquirido, por vantagem pessoal e ainda por temor de não cumprir os preceitos do culto externo. Rezava como os mais fervorosos crentes, mas na sua fé havia falhas profundas, pelas quaes em conversa de acaso ou acinte por mim dirigida, espiei o desconhecimento e a indifferença delle em pontos da maior relevancia christã.

Mas tudo eram supposições minhas, feitas no decurso de dois annos que tanto tratei com Januario, e conforme disse, parecendo defeitos, influiram por isso mesmo para eu estimal-o mais. Não gosto das creaturas infalliveis e construidas em molde sobrehumano, se é que as houve algum dia. Fragil, minado de algumas enfermidades de animo, Januario tinha o merecimento de dominal-as e ser differente do que podia ser em obediencia á sua natureza.

Era pois verdadeiramente virtuoso e admiravel.

Os nossos encontros eram frequentes na rua ou nas casas de amigos communs, e assim dispensavam-se as visitas reciprocas, mera formalidade de delicadeza entre camaradas assiduos. As poucas vezes que o visitei foi por motivo de doença delle. Morava em casa do

irmão. O irmão era negociante, socio principal de uma grande firma importadora; mais velho que Januario cerca de dez annos, tinha-lhe feito as vezes de pai, educando-o e encaminhando-o na vida.

Januario dizia dever-lhe tudo e referia-se a elle com affectuoso respeito. Fôra empregado a principio no escritorio da firma, mas não tinha vocação para aquella especie de trabalho, e preferiu o commercio de bolsa.

Era zangão ao tempo em que o conheci. O irmão, bondoso e tolerante, creio que suppria as deficiencias da corretagem, nos dias magros da bolsa. Era rico e não tinha outro herdeiro, além da mulher, uma senhora bonita, de semblante risonho e gestos meigos, e cuja sympathia prendia logo a gente.

A primeira vez que visitei Januario, então enfermo e de cama, impressionou-me a lhaneza e a bondade daquelle casal, que accumulava sobre o meu amigo quarentão todo o carinho e affecto que havia em reserva para os filhos que não tinham. O negociante, pelo cuidado do irmão, privara-se naquella noite de ir fazer o seu giro habitual depois do jantar; fumava cochilando na sala, mas o objecto da minha visita e a minha qualidade de amigo de Januario desvaneceram-lhe o torpor da digestão, e ouvi-lhe fallar do enfermo com uma solicitude e um interesse mais que fraternos; pareceu-me que sabia do conceito geral em que tinham Januario, e isso lhe dava orgulho, como obra que era tambem delle, effeito da educação, do exemplo domestico e dos seus conselhos de amigo. Acompanhou-me depois ao quarto do enfermo; e alli me recebeu a boa se-

nhora, occupada naquelle momento em preparar os remedios, que ella mesma levava á boca de Januario, abatido sob um accesso de febre. Mostrava-se apprehensiva; mas achou tempo e modo de ser amavel commigo, e eu pude observar a expressão affectuosa com que se communicavam os dois, mulher e marido. Este não poude se conter que não me dissesse á sahida: — É uma creatura incomparavel; reparou na bondade della com o Januario? é uma mãe, e o céu foi injusto em não nos dar filhos.

Sahi trazendo nos olhos e no coração aquelle quadro singelo de harmonia domestica. Voltei outras vezes, já convalescente Januario; e a impressão não mudou.

Januario ficou bom, retornou ao trabalho e ás visitas; mas um bello dia, sem mais nem menos, quando parecia ter-lhe voltado a saude, morreu...

A morte é sempre inopportuna, mas ás vezes é, além de inopportuna, indiscreta...

Januario morreu repentinamente no quarto da cunhada. Eram onze horas da manhã. O irmão já tinha sahido, conforme seu costume que era sahir cedo. Januario sahia sempre depois do almoço. Aos gritos da senhora, que naturalmente não os poude reprimir logo, acudiram os creados, e acharam-no morto. Houve tempo de vestil-o e carregal-o para o seu proprio quarto... e antes de chegar o irmão... Para explicar a morte, não foi preciso mais que a surpresa de todos e o attestado de um medico.

Como vim a saber dos pormenores? Pelos mesmos creados, sem que eu indagasse; e á

noite, já o sabiam os intimos que foram velar o cadaver, no dia seguinte a vizinhança; e na hora do enterro, de quantos tinham conhecido Januario, só uma pessoa ignorava tudo, o irmão, cuja dor era profunda como a de um pae ao ver-se orpham do unico filho. A mulher chorava muito, abraçada ao marido, na hora do sahimento. Não affirmo qual fosse a idéa dos que assistiam; eu não tinha cabeça para deliberar entre o meu espanto das cousas e a saudade do amigo desvanecido.

Carregando-lhe o caixão no cemiterio, presumo que a sensação dos outros era semelhante á minha; parecia-me ora pesado ora leve, segundo me occorria o pensamento de que alli carregava um corpo humano sem vida, como havia de ser o meu, ou me enchia o espirito a lembrança daquella reputação que iamos despejar na cova aberta e eterna. Foi a minha ultima desillusão, acredito que a ultima...

É razoavel o teu espanto indignado; mas não julgues depressa. Vê se não te indigna tanto, ou mais, o commentario que ouvi depois a um amigo do negociante: que sem duvida este fechava os olhos ao segredo domestico, e consentia...

Era o commentario de um amigo, dentro em pouco foi o de todos; e não serviram de nada as lagrimas e a dor daquelle homem de boa fé. Não julgues tambem esse outro facto humano. A psychologia é uma sciencia ingrata, sem nenhuma base mais que a presunção de cada um. Não ha caracteres fixos, nem distinctivo que os faça prever. O que dizemos observação, é cousa illusoria; ninguem discerne este objecto complicado que é a vida in-

tima dos homens. Os que fazem psychologia não partem da analyse para a conclusão; porque a analyse é mentirosa ou impossivel. Dado um facto, que era imprevisto, elles buscam explical-o e ajuntam ao desfecho as circumstancias anteriores que para o animo desprevenido nada significavam; e ainda ahi ha materia para o erro.

Este caso de Januario... Eu que me tinha em conta de conhecedor dos homens, desisti de explical-o e definil-o. A revelação do que elle era foi o acaso que a deu; a sorte cansou-se de esconder-lhe a alma e despiu-a no momento em que lhe acabou a vida. Mas não me conformo com o logro que elle me pregou, e ainda procuro, revivendo-o na memoria, estudar-lhe os habitos, os gestos, as palavras, nas quaes pudesse haver indicio daquella simulação diabolica. Parece-me que devia estar nos olhos delle o signal da alma damnada. Effectivamente os olhos delle não eram como os de toda gente; olhavam com esquivança e a furto, salteando de logar a logar, como se tivessem medo de deixar ver o interior escuro.

Os labios tambem... havia nelles um geito, um movimento quasi imperceptivel que devia indicar a sensualidade astuciosa. Seriam porém assim, ou é a minha imaginação que os está creando á imagem do conceito derradeiro?

Os outros amigos delle, os que primeiro o louvavam e exaltavam, não lhes custou desacredital-o, com vehemencia e empenho medidos pela grandeza da illusão com que por tanto tempo Januario os empulhou; chamam-lhe simulado e perverso; e na vingança com

que lhe desfazem o nome, cuido haver mais que o gosto de uma desforra, ha por ventura o prazer de já não sentirem o peso de uma bondade extraordinaria.

Vês? estou ficando suspicaz e sceptico; e já duvido de todos e de tudo; mas não te percas em conjecturas desvairadas. Quem nos diz que em Januario não havia duas almas, oppostas e inconciliaveis? Bifronte seria o nome adequado áquella creatura. Tudo é admissivel na vida... e na morte, como succedeu com elle. Não te canses em qualifical-o com adjectivos indignados: chama-lhe o nome que a sorte lhe deu, *Januario*, e ainda o sobrenome, *dos Santos*. Mas se queres juntar-lhe um epitheto, chama-lhe... homem.

MORTO VIVO

Tudo pode acontecer, até um morto vivo. O ponto está em que os extremos oppostos se harmonizem juntos em apparencia do verosimil, que é toda a nossa verdade. Tal o caso de Gonçalo.

Foi ahi por 1840, quando irrompeu de novo e alastrou na cidade a febre amarella. Era rapaz de dezoito annos, filho de operarios de lavoura, e viera da provincia para aprender officio na Côrte, onde tinha uma tia. Aqui aprendeu as primeiras letras na aula do capellão de Santo Antonio dos Pobres; e como na casa da tia só elle sabia ler, e era o ledor do jornal e dos romances, que se vendiam em cordel nos Arcos do Paço, Gonçalo tinha o prestigio de gente grande. Era além disso morigerado e caseiro. De casa para a officina de carpinteiro, da officina para casa, e afóra o passeio pelo bairro, depois do jantar, o mais do tempo ficava em familia, ao serão, lendo para os parentes e as vizinhas que iam ouvir as historias. Mas já se vê que não seria sómente o gosto da leitura e da

casa que o fizesse tão regrado. Entre as vizinhas havia moças, e Gonçalo lia no livro, e nos olhos de uma dellas, a qual lia nos olhos delle. Era um rapaz apessoado e bonito.

Foi quando appareceu a epidemia, tão forte que apavorou a população. Não havia talvez rua que não tivesse casa attingida; e os enterramentos amiudavam-se. Inquietou-se o governo; e as diligencias que elle ordenou aggravavam o espanto e o medo espalhados. Poucos eram os medicos para tantos doentes; e sem a assistencia delles morriam em maior numero os pobres. A idéa de contagio, uma vez aventada, correu a cidade, e a crendice popular ajuntou-lhe como causa a acção do demonio. Já não era só medo physico da molestia: surgia o terror dos maus espiritos soltos. Ás egrejas mais do que ás boticas accorriam as beatas por agua benta e apparelhos e orações de exorcismo. Mas nada bastava: a morte ia cochichando de porta em porta dos bairros pobres, e pousava e saltava, ora aqui ora alli.

Era quasi ininterrupto o movimento de feretros; e o medo e o susto permanentes acordavam o egoismo. Pois que era difficil, se não impossivel, atalhar a marcha da peste, a defesa individual e instinctiva redobrava, amortecendo a compaixão, a solidariedade moral e até o mesmo sentimento de amizade e parentesco. Cada qual pensava em salvar-se a si proprio, e como a simples presença de um pestoso era ameaça do perigo, abandonavam-no logo ao primeiro signal da molestia os parentes, os moradores da casa e os vizinhos. Fugiam como da approximação do pro-

prio diabo. Os mais animosos, os confiados nos seus recursos de benzeduras, espreitavam apenas o desfecho, para pedirem a retirada do corpo; e não havendo tempo nem calma para a verificação da morte, é de presumir que muito corpo se enterrou antes de realmente morto.

Vão lá saber o que passaram esses enterrados vivos! Acordavam sentindo-se fechados num caixão, tinham a consciencia de estar vivos e de morrerem, gritando á tôa e debatendo-se... Horrivel! peior que a execução de um condemnado. Não importa que isso durasse minutos: os minutos, na agonia, medem-se pela sensação, e podem ser seculos. Pois muita gente passou assim pela morte. Os abastados, os que tinham parentes animosos para velar-lhe o cadaver e o conforto de um esquife particular, eram no caso de morte apparente que se alongasse, os que mais soffriam de voltarem á vida. O mesmo caixão levava-lhes ar bastante para consentir a ressurreição momentanea: e do que esta fôra, em muito caso, ficou vestigio no aspecto de cadaveres exhumados, cujos membros e physionomias tinham as contorsões do esforço supremo e medonho.

Os pobres eram empilhados na valla, e a terra abafava-lhes a possibilidade de revivescencia. Mas por economia de esforço e de espaço, era norma depôrem os corpos até certo numero para depois cobril-os de uma mesma camada de terra.

Foi o que uma vez salvou um pobre diabo china. Alta noite um tardio transeunte, de volta a casa, nas bandas do Cajú, cortava ca-

minho, como era seu costume, pelos terrenos do cemiterio, nesse tempo ainda não cercado pelos fundos. Homem desabusado de temores, tinha robustez para enfrentar perigos naturaes; que dos sobrenaturaes não cogitava. Assim não deteve o passo, nem arripiou a marcha, quando da espessa escuridão lhe chegou uma voz dorida, que gemia: *Estou vivo! Estou vivo.* Surprehendeu-se, espantou-se, mas conjecturou que fosse voz de enterrado.

Devia estar proxima a valla dos pobres: e orientando-se pela voz, guiou para o logar. A voz não cessava. Era como um appello de ave perdida — *Estou vivo. Estou vivo!* Na verdade subia de dentro da valla, e parecia não ter intelligencia ou articulação fóra daquellas syllabas: *Estou vivo! estou vivo!* O transeunte projectou a luz da lanterna e viu um vulto de homem que se esforçava por galgar até a borda, mas esta ficava-lhe muito alta. Interrogado, não deu explicação, nem disse mais que o *estou vivo, estou vivo,* que era já como um estribilho de pesadello. Ao fundo da valla viam-se os cadaveres, companheiros de camada do china. Subia o cheiro da morte nauseabundo e quente, como de um forno. Mas foi menos o fetido, menos o espectaculo o que entibiou a decisão do transeunte: a sua coragem cedeu á vista do mesmo vivo, que surgia e appellava para a vida: *Estou vivo! estou vivo.* Bastava estender-lhe o braço, para ajudal-o a attingir a borda. Para esse movimento é que lhe faltou o animo. Retrocedeu, e, rapido, quasi a correr, olhando de quando em quando para traz, tomado de um vago pavor, foi dar o alarma na casa da administração. Acudiram os co-

veiros e safaram o china, que ainda gemeu por muito tempo o seu espanto: *Estou vivo! estou vivo!* Não lhe arrancaram outras vozes; mas o caso em si mesmo estava explicado. Por ter sido tarde, e por terem faltado corpos (creio que deviam perfazer uma duzia para a camada de terra) havia sido addiado para a manhã a cobertura dos cadaveres na valla.

Safara-se o china, mas não sei se não era preferivel o immediato enterramento áquelle despertar para a consciencia de um horror passado.

O caso de Gonçalo foi mais ou menos como o desse china, menos tetrico talvez nas circumstancias, peior nas consequencias que perduraram.

Adoeceu um dia de molestia, que não se conheceu nem se averiguou depois, mas no momento suppuzeram ser a peste. Foi a impressão de casa, e confirmou-a um medico apressado, que apenas chegou para attestar o obito. A brevidade do mal aggravou o pezar da morte do moço, a qual em qualquer caso seria sentida de todos na casa e na vizinhança. E a melhor prova de quanto estimavam o Gonçalo e lhes doia a sua morte, não foi o chôro sincero, dos parentes e da namorada: foi o esquecimento de si mesmos em conservarem o defunto na casa cerca de dez horas.

Affrontavam com abnegação o perigo do contagio; mas uma voz prudente ponderou a inutilidade da solicitude postuma: e á bocca da noite conseguiu-se levar o cadaver para o cemiterio. Já não era hora de enterro; nem havia coveiros para tanto defunto. No deposito ficavam muitos aguardando a sua vez:

alli deixaram Gonçalo. Um amigo que o acompanhara, animoso e desprendido por affeição e mocidade, quiz rever-lhe as feições; e era tão viva a expressão da physionomia, que não consentiu fechassem de novo o caixão. Tambem não sei se não era costume deixarem-nos abertos no deposito. Foi o que valeu a Gonçalo.

Que lhe teria acontecido, com aquellas flores que lhe cobriam o corpo, colhidas e arrumadas pelas mãos da namorada, em tanta copia que só lhe ficara visivel o rosto; e além do perfume das flores, o cheiro de essencias fortes para disfarçarem a decomposição? Que forças tivera elle para erguer o tampo, fechado a chave, quando ainda meio tonto abriu as palpebras, voltando a si do lethargo, ou do que quer que foi? Não contarei o seu transe de alguns minutos, emquanto retomava o conhecimento de si mesmo e das circumstancias extranhas em que se achou. Ninguem que tivesse soffrido a situação, fôra capaz de reproduzil-a exacta ou approximadamente, pouco depois.

Gonçalo, mal percebeu onde estava, sem entender cousa nenhuma anterior ao facto, tratou de fugir do assombro e do logar. Era noite alta.

Algumas velas de cêra, que ardiam enfileiradas, e uma pequena lampada suspensa davam luz para ver o sitio funebre. E era como um espectaculo de sonho. Deu-lhe o medo força para erguer-se, saltar ao chão, desembaraçando-se das flores que se espalharam subitamente á roda, e correr até á porta. Estava fechada por fóra, mas Gonçalo, num pulo

mais instinctivo que reflectido, alcançou o fecho interior, e abaixando-o, erguendo o de baixo, agitou os dois batentes, uma, duas, tres vezes, até vencer a resistencia da lingueta da fechadura, e arremetteu para o ar livre e escuro, ainda a correr fugindo.

Pouco adiante estacou desorientado. Via apenas a faxa pardacenta do caminho, mas este mesmo confundia-se em manchas que lhe turvavam o olhar. Circulando os olhos para resolver-se, reparou no enxame de fogos fatuos: uma multidão infinita de luzes, que ao em vez de clarearem, tornavam ainda mais negra a terra e o espaço, como nas noites estrelladas. Cuidou a principio que fossem pyrilampos, como os que elle vira no campo em noites de verão. Reconheceu porém que não eram, pois não esvoaçavam acima e abaixo; nem apagavam e reaccendiam os lumes: estes alçavam-se e desvaneciam-se, e notou que vinham do chão, que sahiam das sepulturas, eram como bolhas de fogo que se iam desprendendo. E eram tantos e de todos os lados, que o seu movimento incessante lhes foi dando formas, configurando-as, animando-as, com expressão e acenos e cicios. De todos os lados para onde olhasse Gonçalo, surgiam, assomavam, gesticulavam e murmuravam os vultos de lume sem luz. Gonçalo teve então a visão das almas. Eram as almas dos mortos, que pairavam sobre os corpos, velando-os, e conversando no silencio da noite. Ouvia-lhes as vozes sem discernir-lhes o sentido. Tinha os olhos tontos de tanta imagem: e cerrou-os para não ver. Temia caminhar, como se ellas occupassem a passagem, e quedou tremulo, junto ao tronco de uma ar-

vore, rezando, a ouvir apavorado o cicio das vozes das almas soltas.

Quando muito tempo depois reabriu os olhos, era madrugada; e elle despertou realmente para a sensação da vida. Ficava perto o portão principal do cemiterio. Gonçalo espreitava alguem que lhe acudisse; ouviu ruido de carrocinha de padeiro; esperou que se acercasse e gritou chamando. O padeiro que ia parar, soffreando o carro, notou de onde vinha o appello, e mal olhou o vulto de Gonçalo, teve um sobresalto, deu uma exclamação de susto, e fustigou o animal a toda brida. Gonçalo foi então beirando o muro do cemiterio até o ponto em que poude galgal-o e saltou á rua. Dahi até á casa da tia foi uma corrida, apenas disfarçada, quando elle avistava transeuntes.

D. Euphemia acudiu ao bater anciado da rotula, e deparando com Gonçalo não fez senão esfregar os olhos incredulos, esguelar: Meu Deus, Gonçalo! e rolar ao chão com um ataque. O assombro das outras pessoas da casa só foi menos forte porque lhes repartia a attenção o cuidado com a senhora desfallecida. Isso permittiu que Gonçalo falasse e agisse, provando que não estava defunto. Ouviram-lhe a narrativa; e á tia, que voltava a si do desmaio, já não foi difficil entender a explicação do occorrido.

O caso porém não perdeu a sua côr de milagre, e attribuiram-no á obra da santa padroeira, que tinha o altar na casa. Espalhou-se a noticia e a fé no milagre da santa.

O proprio Gonçalo chegou a acreditar na acção sobrenatural; mas a vaidade que sentia

a principio de se ver observado e apontado mudou-se em sensação molesta.

Os olhos que o olhavam, parecia apalparem-lhe as formas, verrumar-lhe as carnes, investigar-lhe os movimentos: e o exame pertinaz trazia um ar de permanente espanto e duvida. Não acabavam nunca de admiral-o; se apparecia pessoa nova, era logo informada do milagre, e a observação recrescia entre commentarios sussurrados.

Na officina o facto causou alvoroço no primeiro dia: instavam em que elle narrasse as peripecias; mas passada a curiosidade activa, miravam-no os companheiros silenciosamente e áparte, numa attitude de surpresa e respeito, em que elle por fim sentia desconfiança. A sua presença entibiava a expansão dos grupos; o mesmo patrão recebia-o e falava-lhe um pouco resabiado, observando-o de travez.

Gonçalo aborrecia-se no trabalho: tinha a impressão de ser o alvo de todos os olhares a cada movimento, e entretanto de estar sozinho. Alguma palavra que elle dissesse, ficava no ar, sem resposta, ou apenas respondida por uma curta phrase evasiva. Não atinava todavia a razão da mudança; duvidando se havia incorrido em alguma falta, ou se era da sua propria maneira suspicaz. E perdia-se em vão na analyse de si mesmo.

Pois se até a sua namorada já o extranhava! Não lh'o havia dito em palavra, mas os silencios della não significariam outra cousa. Dantes ella era expansiva, esperava-o risonha na sua rotula á hora em que elle volvia da officina, e havia sempre o que se dizerem, e

tudo era pretexto para conversas vivazes: agora, a conversa esmorecia nas primeiras palavras, com reticencias de silencio, em que um e outro se retrahiam conjecturando vagamente. Sem suspeitar de que ella quizesse bem a outro, começou a suppor-se entretanto menos querido; e attribuia a si mesmo a causa da mudança, e em presença della enleiava-se nas suas scismas, que lhe davam um aspecto de abstracção confusa. Ella notava-lhe a melancholia e a distracção, queria interrogal-o, mas não articulava a pergunta; fitava os olhos, a furto, e os movimentos esquivos que elle surprehendeu deram-lhe o acanhamento de olhal-a nos olhos. Encurtaram-se as paradas á rotula, e espaçaram-se. Embora soffresse de não vel-a á sua espera, Gonçalo sentia desafogo em não soffrer aquelles instantes de embaraço.

O mesmo serão de casa, em que elle costumava ler para a familia, e para a namorada, pareciam todos havel-o esquecido, depois da interrupção causada pela doença e morte delle. Tambem a preoccupação e o medo da peste haviam entibiado e dispersado a curiosidade do auditorio. O interesse de toda aquella gente convergia para o mal commum e o apavorante espectaculo quotidiano. Reuniam-se os vizinhos menos para distrahir-se que para commentar a tristeza e o perigo. Chegava sempre a noticia de morte de um conhecido; ou ia passando um feretro fóra de horas, ou era um carro de medico a toda pressa: e não falhava signal ou circumstancia de alvoroço sinistro. Depois fôra o proprio accidente de Gonçalo, a sua ressurreição milagrosa, o ataque da tia Euphemia,

o fervor da fé no milagre, os alongados conciliabulos em torno do caso extranho.

Quando já ia esmorecendo a epidemia, e voltava o antigo theor de vida, a tranquillidade pareceu monotonia áquella gente affeita aos abalos recentes. Todos requeriam commoção, e lembraram-se das novellas de Gonçalo.

Gonçalo recomeçou a leitura. Desde as primeiras palavras falhou-lhe á voz o timbre natural; e a dicção era menos vivaz; sentia esforço. É que na verdade a attenção delle se dividia entre o cuidado do descostume e o pensamento da namorada alli presente. Em outro tempo esse pensamento aguçava-lhe a expressão da voz, movimentava-lhe o olhar, e a leitura tinha o calor activo de uma conversa que elle traduzia em vida. Agora porém murmurava as palavras com lentidão e abstracto, e os olhos rebatidos á pagina tinham o aspecto somnolento de palpebras entrefechadas. Ajudava essa impressão a luz do candieiro projectada de cima, sobre a face delle. Com pouco aquella gente que fazia auditorio, attendia menos á leitura que á pessoa do ledor. E á imaginação de todos surgiu outra scena recente: era a mesma sala, quasi que a mesma hora, a mesma luz mortiça, e a mesma figura central com as palpebras descidas e aquella pallidez. Gonçalo morto jazia no canapé. A imagem, uma vez surgida, ficou a trabalhar aquelles espiritos singelos e credulos; e até o movimento de Gonçalo e a sua voz sumida predispunham á evocação, á extranheza e ao desassocego. Entreolhavam-se uns e outros; e sem muita palavra, com pequenos pretextos, se foram esgueirando e sahindo. Á porta da

rua as de maior crendice e prudencia persignaram-se.

E não ficou alli o sussurro do morto-vivo. A hypothese que aventada podia desvanecer-se ante a realidade opposta, correu de bocca em bocca, e fóra da presença de Gonçalo passou a ser um caso circumstanciado, documentado com uma serie crescente de provas que a imaginação em pura fé multiplicava.

Para encurtar o conto, o caso do morto-vivo tornou-se em pouco tempo mais impressionante que o medo da peste. Gonçalo, evitado por todos, não comprehendia nada senão o seu isolamento. Não havia como explical-o, nem a sua mesma turvação mental consentia em falar sobre o assunto e esclarecel-o. Entre elle e os outros era reciproco o aborrecimento da presença.

O instincto, mais do que a reflexão, deu-lhe o expediente de voltar para a provincia. Apenas o declarou, foi como se os outros o tivessem suggerido e aconselhado. Acudiu-lhe a tia com os recursos e Gonçalo na manhã seguinte partia.

Valeu uma ressurreição o desafogo daquelle mal-estar de deserto moral. Não lhe doia particularmente a ingratidão e o abandono da namorada, porque não fazia contraste com o sentimento de todos: já Gonçalo trazia embotada a sensibilidade. Na cidade provinciana respirou a confiança do aconchego domestico e recomeçou a vida. O mesmo instincto que lhe inspirara a idéa de voltar, preservava-o de alludir aos aggravos soffridos na Côrte. O facto capital do seu escape da morte fôra conhecido e admirado ao tempo em que chegara

a noticia: mas não havia o effeito das circumstancias para impressionar no momento. Dahi o seu esquecimento. Foi o proprio Gonçalo que tempos depois fez a primeira referencia em conversa com um amigo. A lembrança veiu, trazida pelo assunto, que era de morte. Contava o amigo casos de temer, e tremia-lhe a palavra. Gonçalo narrou então o seu; o conforto de amizade abria-lhe a expansão, tanto tempo contida; ou por ventura foi o gosto momentaneo de impressionar o interlocutor e dar relevo á conversa com a experiencia real da pessoa. Em verdade o effeito foi grande, e maior do que elle esperava, pois o amigo que o estivera escutando, já não lhe ouvia as ultimas palavras, todo attento no exame particular daquella figura, familiar até alli, mas agora extranha, tocada de um ar vaporoso e distante. Despediu-se mais depressa do que convinha ao disfarce do seu espanto: e no dia seguinte não acudiu ao encontro aprasado e quotidiano. Esquivava-se e não poude sobre si que não fosse communicando a voz interior da suspeita funerea.

A cidade era pequena, e a voz murmurada correu-a toda e rapida. Gonçalo sentiu de novo o deserto, em que o unico refugio era a sua propria casa; mas ahi mesmo chegava a silenciosa expressão de esquivança dos habituados que já não vinham ou dos vizinhos que se distanciavam. Comprehendeu que incutia medo: e assustava-se de causal-o. Lazaro moral, judeu errante, mas sem o consolo da caridade que vence a repugnancia physica, ou da curiosidade de infringir o preceito.

Era um condemnado sem crime nem sen-

tença e a uma pena sem appellação nem remedio. Trabalhava-lhe o espirito isolado no excogitar a sua condição: que tinha elle feito? que havia nelle, menos ou mais que nos outros? E estudava-se, esquadrinhava o passado e o presente. Toda a mudança procedia da sua morte apparente. Teria realmente morrido? mas os mortos... Quiz sorrir, dominando o que parecia credulidade infantil de ignorantes. Era possivel que suppuzessem, que acreditassem? Ante a sua figura, animada de movimento e de palavra? Estaria sonhando? Os espiritos... Contavam que os espiritos voltavam á terra; mas eram incorporeos, invisiveis.

Apalpava-se, mirava-se, movia-se, fazia resoar os passos, para a comprovação de que elle era em verdade um corpo. Um pequeno espelho deu-lhe a imagem do rosto, e elle então recuou ante o aspecto e a expressão das feições que não reconhecia. Aquelle olhar, aquellas orbitas fundas, aquelle nariz afilado e as faces cavadas: em tudo não viu senão a caveira, resaltada sob a chamma das pupillas. Santo Deus! Seria possivel? Entre elle proprio, elle só, e os outros todos, quem estaria em erro? Só por maldade; mas nada havia feito para soffrer a maldade teimosa de todos, até dos seus amigos e parentes. Os outros é que o viam e ouviam, os outros é que podiam julgar se elle era um morto ou vivo. Apalpava-se, movia-se, pisava com impressão, escutando o som do piso. O espirito girava-lhe num circulo, em que um hemispherio era realidade e o outro a allucinação. Não cessava o giro; e precipitava-se até o torvelinho. A principio

deram-lhe treguas algumas horas de somno; mas o mesmo somno foi a continuação da obcecação. O cerebro, acceso no meio da treva, interrogava, ao passo que as mãos automaticamente percorriam o corpo, apalpando, auscultando os tendões, esmaecidos sob a pelle flacida.

Occorreu-lhe uma prova que seria decisiva: se elle estava morto, não carecia de alimento. A febre da resolução não lhe deixou sentir nos dois primeiros dias a fome e a sede: e foi com espanto que elle ouviu chegarem-lhe ao pé da cama os parentes velhos com quem vivia, para trazerem-lhe comida e insistirem com elle que comesse. Recusava por acenos. Perguntaram-lhe se estava doente, e se queria que viesse o doutor. Balançava a cabeça.

— Mas isso não pode continuar assim, gente — concluiu a tia, condoida. Sem comer não se vive: você quer então se matar mesmo, Gonçalo?

Gonçalo arregalou muito os olhos para ella, e com um vislumbre de esperança no olhar e na voz, interrogou, dubitativo e surpreso:

— Pois eu não estou morto? E soergueu na cama o tronco macilento, como assomado pelo surto da esperança.

Expressão do olhar, timbre da voz, o movimento do corpo, o que quer que foi, a velha deixou cahir das mãos o prato, e foi recuando, recuando, espavorida, a benzer-se. Gonçalo viu-a sahir: as mãos apoiadas sobre a cama agarraram a um tempo o lençol, e rapidas, convulsivas, rasgaram o panno e apparelharam uma cor-

da, presa uma ponta á verga da cabeceira e a outra enlaçada ao pescoço.

Arremetteu o corpo para fóra da cama: e, depois de um ronco e um estrebuchão, aquietou para sempre. Foi a prova tardia de que não estava morto: mas ainda assim não convenceu os vivos que ficaram. A lembrança de Gonçalo perdurou como a de um morto-vivo. E nisso está o interesse, se acaso o tem, desta narrativa. Nem peripecias, nem drama, senão o sentido de que a morte é mais natural e mais real que a mesma vida.

SURDINA DA MORTE

— DIGA-LHE que eu perdoei... que eu nunca deixei de gostar d'ella...

A voz do enfermo vinha arquejada e sumida como se elle falasse em segredo. Parecia estar sonhando. As palpebras abaixadas realçavam com a sua saliencia a excavação das orbitas. No aspecto do rosto chupado pouco teria de mudar a ultima demão da morte. Signal de vida era só o movimento mal compassado dos lençóes sobre o corpo desfeito; e agora aquella voz que trazia o timbre cavo de som subterraneo.

A pessoa que velava o enfermo, despertando de um cochilo, tinha ido á cabeceira da cama, e escutava e espiava com o castiçal erguido acima dos olhos. Era noite alta. Deteve-se a observal-o; e como o enfermo se calasse, e não se movesse, cuidou que elle sonhava. E teve curiosidade de escutar a fala do sonho. Depoz a vela sobre a mesa, sentou-se e ficou attento. Minutos depois o enfermo abriu as palpebras. Os olhos tinham

um lume de aço e alargavam-se nas orbitas, fitados com espanto sobre o enfermeiro.

— Quem é? perguntou a mesma voz sumida. Quem é?

— Sou eu, sou Antonio. Não me está vendo, Ignacio? Como se sente? Vou dar-lhe o remedio, já são horas.

— Não; para que remedio? Não está mais ninguem?

— Não; estou sozinho. Que é que v. quer? Fale.

Ignacio não falou. Mas os olhos pregados na face do outro queriam dizer tudo; a sua fixidez incommodava Antonio, que se ergueu a pretexto de ir buscar o remedio ou uma chicara de leite.

— Nao! teimou o doente. Nem remedio, nem leite.

E depois de uma pausa, com aquelles mesmos olhos sobre elle:

— Queria dizer uma cousa, a ultima... Mais ninguem?

— Ninguem; só eu. Fale a seu amigo.

Ignacio balançou a cabeça negativamente; mas pouco depois, resoluto, falou:

— Vou morrer... Não, não é engano... Eu sinto a morte, e já era esperada por todos. Pensei que ao menos agora eu pudesse vel-a... Eu não lhe fiz mal... queria vel-a e dizer-lhe adeus... queria dizer-lhe...

— Quer que eu lhe passe um telegramma?

— Não, não. É inutil; chegaria tarde... se viesse; não viria.

— Vinha com certeza, mas fale, e farei o que v. mandar.

— Preferia que fosse outra pessoa... outra pessoa. Porque é que v. me acompanha?

— Não me está reconhecendo, Ignacio? Pois não vê que sou Antonio, seu amigo?

Não respondeu logo; mas passados alguns minutos:

— V. foi meu amigo... eu era seu amigo. Mas V. me trahiu. É á toa negar... Minha morte não lhe dá pena, nem a ella... nem a mim... Eu queria falar a outra pessoa, mas assim é melhor; falo a V. mesmo. Perto da morte, não ha rancor. Perdôo. Não sei de quem foi a culpa; mas eu não merecia ser trahido. Queria tanto bem a ella; era tão seu amigo, Antonio!

— Você está delirando, Ignacio. Tudo isso é loucura da febre. Vae passar, socegue. Fui e continuo a ser seu amigo.

Ignacio moveu-se como poude para soerguer o busto; o esforço foi vão, e a cabeça descahiu-lhe outra vez no travesseiro. Ficou arquejando. Afinal resignado á quasi immobilidade, que não deixava dar ás palavras a vehemencia dos gestos, continuou:

— É inutil... não zombe do meu estado. Vou morrer daqui a pouco. Não estou delirando; você bem sabe. Já disse que perdôo. Á beira da morte, depois de tanto soffrimento, ha uma serenidade de espirito que é superior á inimizade. Eu soube de tudo, já tarde para vingar-me. Antes, nada tinha visto, confiado em você e nella. Tinha a V. como um irmão. Não dei credito a uma carta anonyma, que recebi já doente; mas depois da carta, involuntariamente comecei a observar, a comparar; e algumas palavras, alguns olhares, al-

guns gestos esclareceram o que a minha boa fé não tinha visto. Depois nem foi preciso mais espreitar. Aqui neste quarto, quando eu já estava desenganado, uma noite, vocês pensavam que eu dormia... pensavam que eu não podia ver... e sem nenhum respeito ao meu somno, sem pena da minha molestia... vocês se beijaram. Eu ouvi, eu vi. Faziam quarto ao tuberculoso, amando-se. Nunca tive tamanho desgosto da vida e ao mesmo tempo tanta vontade de viver... para vingar-me! O pensamento de vingança parecia dar-me força nova. Fingi, esperando. Foi então que pedi, que mandei que ella voltasse para o Rio a pretexto de que era muita despesa; o que eu não queria era vel-a mais junto de mim, a mentir-me, a mostrar que me velava e a trahir-me... Que esforço foi o meu para continuar a ver você, quando você vinha visitar-me! De cada vez eu fazia o proposito de repellir você, de intimal-o a não voltar aqui. A molestia é que não deixou talvez exprimir o meu odio... e você não comprehendia o meu mutismo... Eu não contava com a sua presença esta ultima noite. Porque, em vez de estar lá com *ella*, veiu fazer quarto ao moribundo trahido? Talvez para apressar a minha morte...

Tudo é possivel... Vê, pouco tem que ajudar... A morte vem chegando... Eu soffro muito de não ver mais as minhas filhinhas... *minhas?* Chego a crer que não são minhas filhas. Mas eu queria-lhes tanto e soffro com a idéa de que ellas vão ficar sem mim para amal-as e educal-as. Minhas filhinhas... orphans. Ella deve casar. Casem-se, mas não...

sim, será melhor que se casem, para que minhas filhas não vejam o crime della, não venham a saber a trahição... Foi bom que você assistisse aos meus ultimos instantes... para ouvir o que eu lhe disse... o que você me fez, o que ella me fez... mas que eu perdôo, que eu perdôo, que sempre, sempre quiz bem a ella... e que não me esqueça, e olhe pelas minhas, nossas filhas...

A voz custava-lhe muito; era arrancada com ancia, nos intervallos da dyspnéa; e Antonio, que a principio o interrompia, contestando, desviava os olhos e ouvia de cabeça baixa sobre as mãos. E estava tão concentrado no pensamento interior que sem o saber já não escutava a voz do enfermo, e não advertiu que a voz já se calara. Quando ergueu a cabeça, é que notou o silencio e a immobilidade do outro. Tinha os olhos entreabertos; a bocca escancarada e torcida; as mãos encurvadas como garras sobre o meio do peito. Já não deixava duvida o semblante da morte.

II

Ao contrario do que Ignacio suppuzera, ella acudiu ao telegramma de Antonio; mas chegou apenas a tempo de acompanhar o cadaver de volta da estação de Mendes para a casa da cidade, de onde sahiu o enterro. Antonio dirigiu todos os aprestos funebres, e a impressão dos que assistiam ao sahimento não foi diversa da que dão as scenas ultimas dos

mortos pranteados. Houve o chôro espantado das filhas pequeninas; e sem simulação nem esforço a viuva chorou, de novo, abundantemente, ao fechar-se o esquife. Antonio não lhe tinha transmittido ainda as ultimas palavras do morto; e não pensava em dizer-lh'as, primeiro por lhe faltar occasião, em seguida por embaraço de consciencia. Fôra o mesmo que accusar-se a si mesmo em voz alta. A culpa era de ambos; mas a acção era menos dura e mais facil que a analyse da maldade.

Não lhe custara muito commetter a infidelidade contra o amigo, ou ella fôra tão indistincta na sua progressão desde o primeiro passo que a meio della Antonio não havia cogitado da qualidade dos pequenos actos que a compunham. Pensamento e sentimento absorviam-se-lhe em cada olhar, depois em cada beijo furtivo; e a presença ou a lembrança do amigo assumira então o caracter reflexo de uma contrariedade a evitar. Se os embaraçava, o marido presente era um intruso; ausente, não occupava logar onde toda a attenção delles estava no goso vivaz das occasiões fugidias. Referiam-se a Ignacio alguma vez elle e a amante, mas era em palavras breves, não raro com intento affectuoso, se ahi o affecto não encontrava a paixão que unia os dois. Em face porém um do outro, não havia momento para o cuidado reciproco. Analyse reciproca, se a faziam, era com a idéa egoistica, a qual excluia a conclusão isenta. Exame de consciencia só era possivel em escassos dias de fadiga dos sentidos, mas esse exame não se revela em voz, senão em palavras silenciosas, que ficavam sem effeito no

seu silencio, e cahiam no esquecimento immediato.

Aquellas palavras do moribundo porém, na sua articulação pausada, pareceram-lhe dar voz ás outras interiores ouvidas só por elle; e as do moribundo só elle as ouvira. Se houvera terceiro ouvinte, a precisão de defesa quebraria a taes palavras a intensidade do sentido e do tom; e não teriam tido echo na consciencia delle. Mas ouvira-as, sem responder, por desnecessario; e uma a uma, cada palavra soou-lhe no cerebro, e vibrou-lhe a sensibilidade e gravou-se como imagem viva na memoria. E justamente porque não eram de vingança, nem já de desaffecto, tinham maior prestigio as primeiras ouvidas e ultimas repetidas.

— Diga-lhe que eu perdoei... diga-lhe que eu nunca deixei de gostar della...

Não as tinha transmittido, mas ante o chôro da viuva junto ao esquife, teve impetos de dizer-lh'as alli mesmo para que todos as ouvissem. Esqueceu-lhe o sentimento de dó com que as tinha recebido, esqueceu que Ignacio era defunto, e pensou que essas lagrimas della eram um roubo do que tinha como seu. Tudo porém foi pensamento rapido, e elle concluiu tambem rapido que as lagrimas denunciavam a força de simulação da adultera.

Nos dias seguintes não houve opportunidade de pensarem no morto, justamente porque mais se occupavam então das cousas relativas a elle. As visitas de pezames, a missa, os arranjos do luto, os papeis do montepio, a mudança de casa, eram bastantes em si, como

assunto, para atarefar o espirito, sem envolver o coração.

Quando se normalizou a vida na casa nova, sim, era a occasião para o sentimento retomar seu curso. Ignacio deixara meios, não muitos, mas sufficientes para a viuva montar uma casa modesta, inferior é certo á que tinha em vida delle. A situação moral de Antonio creava o tacito dever de supprir o que faltasse e a elle e a ella occorria, sem se dizerem, a idéa de que o casamento concertaria o mais, e havia de ser a reparação da falta.

Era, mais que esperança, um proposito feito separadamente por cada um delles.

Antonio visitava-a com a frequencia anterior ao luto, mas não a encontrava só nos primeiros tempos, porque sempre havia parentes a acompanhal-a. Eram visitas aquellas forçadamente curtas; elle acautelava-se em sahir primeiro que os outros para não incutir suspeita. A probabilidade do casamento ensinava-lhe agora maior zelo pela reputação da que havia de ser sua mulher. Ella parecia menos cuidosa disso, ou indifferente, e a cada passo Antonio receiava uma indiscreção de gesto ou de olhar e mesmo de alegria.

Mas começou a diminuir a frequencia dos parentes; e uma noite emfim elle achou-a só. As filhas, meninas de dez e oito annos, vieram logo acaricial-o; gostavam muito delle, e alheias áquella união secreta e a qualquer desconfiança, tratavam-n'o como o grande amigo, que lhes fazia as vontades e as apadrinhava e lhes dava presentes. Nessa noite não queriam ir para a cama e das admoestações maternas appellavam para a intervenção de Antonio.

Elle porém menos interessado nos carinhos dellas que em ficar só com Alzira, falou-lhes com frieza e quasi autoridade. Surprehendêram-se as duas meninas, indecisas um momento, e sahiram olhando alternadamente, e pela primeira vez desconfiadas, para a mãe e para o amigo.

Alzira foi pouco depois verificar se as filhas estavam deitadas. Apagou a luz do quarto, cerrou a porta, e mal retornou á sala, guiou para Antonio, agarrou-lhe a cabeça com as duas mãos e beijou-lhe soffregadamente a bocca. Foi uma explosão do desejo contido e contrariado durante dois mezes. Tão subito, que n'elle a impressão immediata foi de aturdimento, depois de espanto, de fadiga e de pena. Reparou na saia de luto, que ella rebatia e alizava, e a côr negra do vestido pareceu-lhe irrisoria. Reflectiu na farça que representavam, e repugnou-lhe o papel de comediante, ao fim, quem sabe? enganado como o outro. E a idéa do outro surgiu com uma intensidade que não tinha em vida, quando podia ser materialmente obstaculo á sua acção desleal.

Recordou a ultima noite, quando vigiava o enfermo e lhe ouviu aquellas palavras:« — Diga-lhe que eu perdoei, diga-lhe que nunca eu deixei de gostar della...»

Depois, a confidencia do moribundo, uma accusação segura, realçada pela magua e o perdão.

Alzira olhava para Antonio, esperando que elle explicasse a sua attitude absorta, e de todo extranhavel. E como elle continuasse ca-

lado e alheio, perguntou directamente o que era.

Achou Antonio difficuldade em dizer logo o que sentia; era confusa a sensação; mas resumiu-a em uma palavra:

— Um pouco de remorso... Ha só dois mezes que elle morreu.

Alzira pareceu tocada do mesmo sentimento, mas corrigiu o tom do semblante, com um riso de canto de bocca.

— Remorso, agora que Ignacio está morto!

E sorrindo com intenção:

— Você que o trahia em vida!

A palavra feriu Antonio; e elle quasi exclamou, como um protesto:

— Eu?... Nós, quando muito; você, sim. Está esquecida; lembre-se como foi: veja quem teve a maior parte da culpa.

Travava-se assim inesperadamente o ajuste de contas da sociedade de peccadores; meia hora antes fôra impossivel e incrivel.

Alzira calou-se, por incapacidade de replicar convenientemente. A consciencia confirmava a palavra do outro; mas por isso mesmo que era verdade, essa palavra era mais offensiva. Nunca Antonio assumira esse papel commodo e superior de requestado; nos primeiros tempos, se o fizesse claramente, só aguçaria o sentimento novo della; agora, porém a recordação equivalia a diminuir em condescendencia a natureza da sua reciprocidade. Era mais que doloroso, era amesquinhador para amante. Subiu-lhe então do intimo uma irritação, não de odio, mas de desapreço, de despeito, de arrependimento de se haver dado a quem não sabia prezar o valor dessa posse.

Mastigou a sua colera, longamente, e disse por fim nestas palavras o que exprimiria em mil:

— É verdade. Você tem razão. Fui eu que errei. Tem toda a razão.

O effeito foi o que ella esperava. Antonio cahiu em si e quiz emendar o tom que déra á expansão primeira.

— Você desvirtuou o que eu ia dizer-lhe. Falei em remorso, porque me lembrei das palavras de Ignacio, pouco antes de morrer. Nunca as disse a você. Era um recado que elle lhe mandava, sem saber a principio que era eu que estava no quarto.

E referiu a scena tal e qual, inadvertido de si e della, repetindo com exacção toda a confidencia do moribundo, como lhe resurgia da memoria, onde parecia haver se gravado palavra a palavra. Para justificar o seu sentimento de pouco antes, esquecia as precauções que não lhe escapariam aliás ao seu instincto de amante.

Alzira escutava-o com crescente curiosidade; a principio com os olhos fitos nelle e na sua bocca; depois curvada, cotovellos sobre os joelhos, o rosto sobre as mãos, olhando para um ponto no ar, e ultimamente numa attitude de concentração, abaixados os olhos para o assoalho, fixadamente.

Antonio repetiu ainda, como um recurso de defesa propria, o recado do moribundo:
— Diga-lhe que eu perdoei, diga-lhe que eu nunca deixei de gostar della.

Mas tomou-se de surpresa, vendo o movimento nervoso que agitava a um tempo a cabeça e os pés da amante. Notou que ella

chorava; as lagrimas escorriam-lhe dos olhos, e pouco depois sacudiu-a toda o pranto que ella quizera conter. Chorava abundantemente.

Antonio entendeu então que fôra incauto e excessivo contra si mesmo. Occorreu-lhe o pensamento do dia do enterro, quando a vira soluçar junto ao cadaver. Alli podia ter sido artificio de magua, mera representação de choro, como é o das carpideiras. Agora porém não havia espectadores para essas lagrimas.

Pungiu-o uma ponta de despeito, que elle achou prudente dissimular, e disse, emendando-se:

— Ignacio delirava, quando me falou assim. Não ha razão para você chorar. Olhe que V. foi agora além do sentimento que me censurou ha pouco, e de que até zombou, Alzira.

Ella sem attentar no que ouvia, pediu-lhe que repetisse as palavras de Ignacio.

— Para que? não tem a importancia que V. lhes dá, foi um delirio.

— Por favor, Antonio. Eu lhe peço...

E o amante teve que repetir, forçado pelas interrogações que requeriam minucias, toda a confidencia do moribundo. A viuva tinha enxugado o rosto, mas a expressão do semblante dizia mais do que o mesmo pranto.

Antonio observou-lhe a extranheza de impressão tamanha, e perguntou, por despique, se era remorso.

— Pensei que elle ignorava tudo, disse ella, proseguindo uma reflexão silenciosa. Nunca suppuz que elle soubesse. Como deve ter soffrido! Sim, fui eu a culpada; elle não merecia, nunca me deu motivo de ser má para elle.

— Mas isto está passado, Alzira. Acabou-

se, não pense mais nisso. Foi uma impressão de pena ou de remorso. Amanhã V. não se lembra mais. O remorso, se é o que V. sentiu agora, só provem da possibilidade de uma ameaça, de um perigo. Ignacio morreu. Quem lhe pedirá contas?

Ella respondeu simplesmente:

— A consciencia, Antonio. Não sei se você me fez mal ou bem contando-me; não, fez bem. Tinha a obrigação de dizer-me as ultimas palavras delle; e agora eu não posso mais esquecel-as, emquanto viver, estas palavras: «diga-lhe que eu perdoei, diga-lhe que eu nunca deixei de gostar della».

Antonio começava a irritar-se com ella e comsigo, accusando-se a si mesmo de seu desaso, e a ella de impostura. Achou melhor rematar a comedia; e sem o querer, disse com desdem:

— Amanhã a sua consciencia será outra, ou estará mais leve. Adeus.

Nunca foi tão frio nem tão convencional o beijo que se deram. O della foi quasi automatico; dentro do seu cerebro resoavam como um estribilho as palavras: «diga-lhe que perdoei, diga-lhe que eu nunca deixei de gostar della».

E fosse consciencia tardia, fosse o que fosse o que actuou no sentimento della e afinal no delle; aquellas palavras, mais prestigiosas do que a presença do marido enganado, mais impressionantes do que uma formal ameaça, alteraram os sentimentos dos dois amantes, num alternado contraste, que alguns mezes depois era uniforme indifferença reciproca. E a idéa do casamento nem chegou a ser

formulada. Os dois afastaram-se e esqueceram-se.

Um credulo supersticioso diria daquellas taes palavras que ellas tinham sido na realidade a surdina da morte.

IMPRESSÕES

(PAGINAS DE THERESOPOLIS)

PASSARO CANTOR

HA um passaro cantor que o povo do campo nomeia differentemente, segundo o seu logar de origem ou a primeira suggestão do ouvido. *Tempo-quente* chamam-lhe nestas bandas, onde a voz delle coincide, como a das cigarras, com os calores da primavera. Lá pelo norte o nome que lhe dão é o de *peito-ferido;* e tal na verdade parece a articulação do seu canto a quem o escuta em disposição de melancholia.

A voz é de timbre medio, simples, toada em duas notas, num compasso rudimentar de tres tempos, que se repete sem variedade, compondo o rythmo incisivo, mas velado, de uma advertencia ou de uma queixa. Ouve-se horas seguidas, e tão egual que assume a monotonia de um som automatico distante e em surdina, como o ranger de uma serra ou o cooir das argolas de uma rede nos ganchos. Ouve-se ou já não se ouve, pois que a voz se ensurdece na sua mesma monotonia.

Eu, depois de ouvil-a e escutal-a com a cu-

riosidade de recemvindo a este canto, ainda não despido, de montanha, achei que essa voz insistente dava materia de interrogação e commentario.

Tempo-quente ou *peito-ferido,* voz de aviso ou de queixa, para quem canta? E quem já o escuta? Não me parece que outra voz lhe responda, pois a resposta, ainda a mais disfarçada, traz a sua tonalidade expressiva; e este canto tem sempre o quebro de um alongado appello, monotonamente esperançado. Será simples queixa que vozeia? Quem já o ouve?

Ouço-o eu, e occasionalmente me interesso em escutal-o e entendel-o; ouvem-no acaso as arvores e as outras aves, indifferentes, porque a voz por estranha não lhes repercute sentido ou por monotona amorteceu-lhes a percepção.

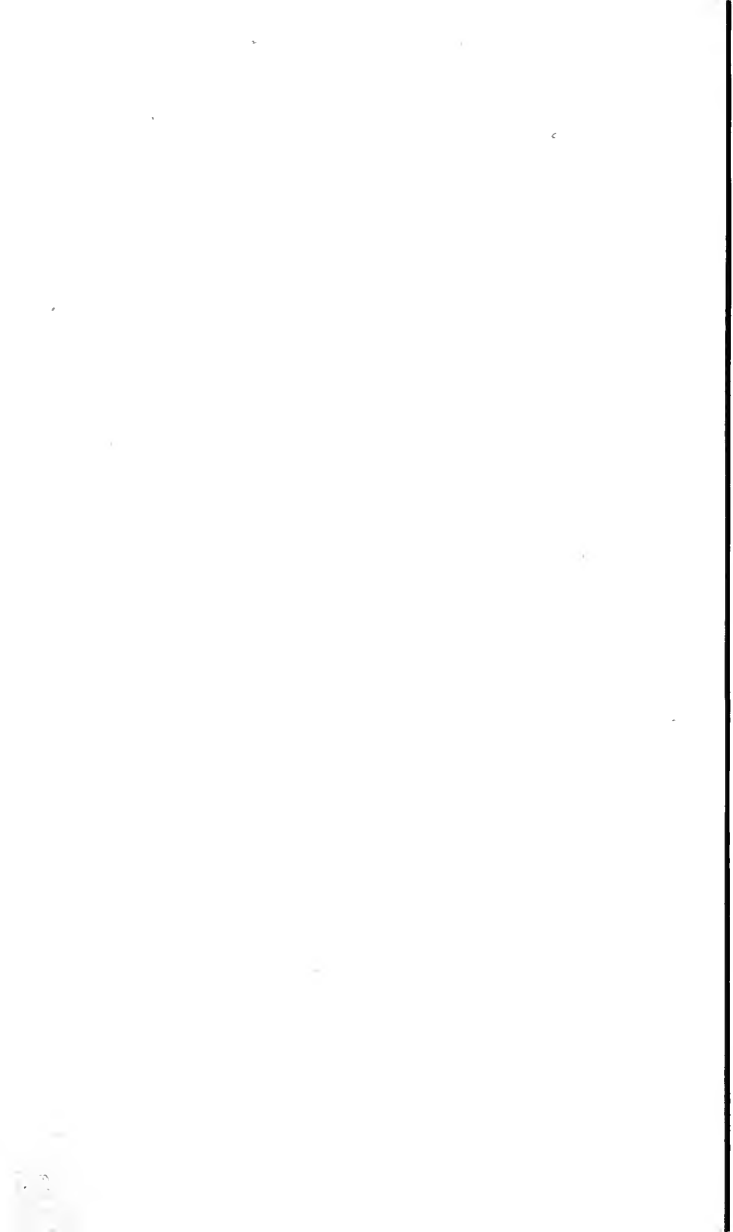
Terá *tempo-quente* ou *peito-ferido* discernimento do seu auditorio? A insistencia em cantar nas suas mesmas duas notas tantas horas seguidas está inculcando a presumpção e já certeza de que tem auditorio; e o auditorio, circumscripto ao alcance da sua voz, será para elle tanto uma moita como o universo. Se a orbita do seu olhar admittir a idéa do sol, é possivel que em algum momento lhe pareça que o sol se levanta para escutal-o, e as nuvens se agitam pelo que lhe ouvem a elle. Será essa a sua vaidade, se elle puder tel-a; mas a consonancia da supposição e da realidade será incerta ou nenhuma.

Não o escutam os que elle imagina que o ouvem; e ouvem-no e interpretam-no os que não existem para os sentidos delle. *Tempo-quente, peito-ferido* são nomes que elle não

sabe, nem entenderia; e o homem que lh'os deu, não distinguiu determinadamente a unidade naquella familia, nem mesmo qualificou outra cousa que o seu proprio sentimento de occasião; e os nomes se vão repetindo...

Este commentario tinha-o eu feito como uma variação do espirito ocioso que salteando a pagina da natureza reflectia no homem; na sua gloria, na sua vaidade, na sua esperança de ficar individuo entre a confusão total da especie e do mundo.

Foi quando me chegou a noticia da morte de Rostand; a minha scisma entristeceu e, pensando na voz que desapparecia, associei, apezar da diversidade das notas, aquellas interrogações: *Tempo-quente, peito-ferido,* voz de aviso ou de queixume? Rostand, *Musardises, Cyrano, Aiglon, Chantecler*...

Que é gloria? perguntaria por desintelligencia o cantor obscuro da matta. Que é a gloria? terá pensado muita vez desilludido esse glorioso passaro divino.

BICHOS DA NOITE

PODE-SE dizer, com absoluta generalização, que o homem tem sêde e fome da verdade, e, se a palavra exprimisse a idéa do necessario irresistivel, eu diria que tem somno da verdade. Todos os seus movimentos, individuaes e collectivos, são gestos de aspiração para a luz: surtos, braçadas, rastejamentos... Não importa a diversidade da acção, não importa a idealização do que ella seja, a verdade. O desconhecimento e o desejo fazem justamente o desvairado das concepções; e a relatividade do espirito é que acondiciona a direcção dos caminhos que o homem vae seguindo para alcançar a sua razão, a sua explicação, a sua verdade.

A propria fantasia é como uma estrada de juncção, feita no ar, para transpor o caminho que logo no seu começo descontinúa: imagina o espirito o apoio do outro extremo, architecta a projecção, combina o seu material, dá-lhe elasticidade, conjuga-o em dependencia, e arremette-o; e das palavras que se entre-

meiam e se auxiliam,surge sobre o espaço. como as teias de aranha, suspensa, a ponte dos mythos entre a realidade palpavel e o sonho, que é a realidade aspirada.

A religião faz como a fantasia, com a differença que o seu material é só apparelhado com os aculcos do soffrimento e os fios da esperança. Mais pretenciosa, a filosofia desdenha os caminhos do sonho e da sensibilidade, ou desmancha-os para compor o seu proprio; mas ao seu atrevimento não responde a facilidade da imaginação, e ao cabo toda a sciencia, argucia e destreza não fazem senão aquellas teias de aranha no espaço, sem a leveza e a harmonia do entrelaçamento das outras, em desconcerto de linhas, e com pouco desequilibradas, e rôtas e caidas, como ponte que arruiu. Outros vêm e concertam-n'as, mas de novo a ponte se fende... Ha quantos seculos? E o homem não desanima e prosegue, compondo e refazendo os seus mythos. a sua religião, as suas filosofias, na aspiração e indagação da sua verdade.

Mas, fóra da logica, a qual é como um circo onde as palavras se individualizam e fantasiam em figuras de idéas e fazem mostra de acrobacia, malabarismo e luta corporal, onde está a verdade? Tantos seculos de busca incessante, feita e refeita, innovada e renovada, não approximaram o homem, no seu caminho, um palmo além do inicio em que o primeiro passo foi a circulação do olhar maravilhado pela natureza.

Não será talvez a verdade inaccessivel, só por ser ambiente e diffusa? Não será para o

homem, como a luz do sol para os insectos nocturnos?

É no que eu pensava uma destas noites, olhando o espectaculo que me offerece a varanda deanteira de casa, nas noites sem lua. Abre-se a lampada electrica e a luz impertinente espadana, isolando subitamente em clarão, como uma ilha, um trecho da chacara. A escuridão em roda fica mais densa. Com pouco vêm chegando os insectos, mariposas e bezouros. Parece que despertaram estremunhados e a luz os espanta. Investem o vôo contra a lampada, giram em torno do vidro, tocam-n'o de novo, e giram.

As mariposas têm a tenuidade silenciosa das suas azas; outros insectos são pequeninos, minusculos como grãos de poeira em rodamoinho de ar, ou gottas de chuva espalhadas ainda no espaço pela aragem. Os bezouros não zumbem como fazem, ao sol, sugando flor e fluctuando: agora arremettem pesados e negros, com um sonido rojado de dardo, e resaltam da lampada como por effeito de repercussão.

O giro é uma rotação de defesa; volvem, circumvolvem, num movimento que cansa os meus olhos antes que esfalfe as frageis azas agitadas em frenesi.

Durante o dia o vôo desses bichinhos era fluente e espraiado: a luz branca e circumfusa não os impressionava distinctamente, e elles não tinham a sensação particular de um sentido. A claridade está nas cousas mesmas, traduzida em cada côr; e o sol que a produz, fica fóra do alcance dos olhos pequeninos. Mergulhados na luz do dia, elles respiram-n'a e

vivem-n'a, sem a sentir, como o homem respira o ar normalmente sem ter a percepção do ar.

Mas neste fóco artificial a luz se particulariza e apparece como accessivel na sua origem aos sentidos dos voadores nocturnos; elles accorrem estonteados para fital-a e attingil-a: a transparencia do crystal dá a illusão do contacto; tocam-n'o com as antenas e as azas, giram, regiram, volvem, revolvem, circumvolvem, em ancia, attonitos, tontos; e quando a fadiga supera o afan curioso, elles tombam no chão, as mariposas ainda com a trepidação assustada das azas, os bezouros, resupinos, a debaterem as articulas e distendendo as cartilagens escusas, em esforço de rehabilitarem a postura do corpo.

Entretanto, desde que á luz aberta começou aquelle voejar da sombra para o clarão, vinha galgando os degráos da varanda, sem ruido, uma intanha, habituada desta occasião propicia. Toma logar e espera; immovel, parece adormecida, ou inanimada como um calhão tosco; os olhos proeminem-lhe quietos e dilatados; e só se lhe nota a vida no papo, que alteia e abaixa, digerindo. Subito dá um pincho elastico, com que desencrusa e distende os membros e projecta o bojo: e o bezouro que se debatia, a mariposa palpitante, desapparecem no sorvo da guela rasgada e desmedida. E de novo se aquieta a intanha, emquanto os insectos, mariposas e bezouros, giram e aturdem-se, em torno da luz artificial e impertinente.

OS ANNEIS DAS TRINCHEIRAS

NAS trincheiras francezas, durante as estiadas de fuzilaria e canhoneio dessa longuissima guerra, engenharam alguns soldados um entretenimento, feito da propria materia da morte, mas alheio a toda idéa de combate. Das granadas inimigas explodidas aproveitavam a parte de metal que compunha o extremo afusado e fabricavam anneis. Deram ao tempo as revistas as fotografias desses ourives improvisados e da obra singela e curiosa.

Não me ficou só nos olhos a imagem; trabalhei-a interiormente, e descortinei a scena em seu pittoresco, seu ambiente e seu sentido de esthetica humana.

Naquelles dias negros era o principal cuidado não morrer, e matar; as ciladas multiplicavam-se invisiveis; estava aguçado e em mira o olho dos fuzis e das metralhadoras; e os soldados, feitos toupeiras, moravam em subterraneos ou transitavam e assistiam nos estreitos conductos de communicação, vigian-

do ou alvejando o inimigo. Atolavam-se os pés em lama; ás vezes a agua subia aos joelhos; as vestes eram grotesca mescla de trapos, panno e papel, acamados e amarrados para defesa do frio cortante. A morte acompanhava-os, ora multipla com o baque simultaneo de grupos abatidos numa explosão, ora pontuada e successiva como uma reticencia de metralhada; se não era a molestia que fazia gemer e descahir, sob as fórmas velhas de doença e outras novas originadas nas trincheiras e no theôr anormal da vida.

Nenhum soldado tinha segurança contra a morte, que era uma ameaça de todos os lados, de cima, de flanco, de frente, das costas, de baixo. O mesmo silencio, a mesma pausa, eram uma aggravação da espectativa; ou ia abrir-se um vulcão de mina, ou ia desabar um assalto.

Pois era ahi, em tal sitio e com tanto e instante perigo, que os soldados improvisavam aquelle passatempo de paz innocente.

Imagino o quadro em movimento. Passara a hora das rajadas; tinham adormecido sob o chão as ultimas repercussões de um estrondo explosivo. Das gargantas do sub-sólo e dos meandros tortuosos das trincheiras apontavam, farejando socego, cabeças famintas de ar e sol.

Havia possibilidade de tregua. Agrupavam-se as figuras num claro; piscavam os olhos affazendo-se á luz branca; as bocas entrefalavam saudades. Ao pé, jaziam os fragmentos de bombas e metralhas; e, desoccupadas um momento de matar, as mãos apalparam distrahidas aquelles pedaços do instru-

mento mortifero; e onde os dedos acharam materia malleavel, foram-n'a destacando, massando e ageitando.

As boccas sempre entrefalavam saudades, e, ao geito do que inspirava a saudade, sem premeditação, amoldavam-se os aros para outros dedos de mãos distantes, que acenavam bençam ou beijos de amor. E assim foram feitos aquelles toscos anneis.

A occasião deu a materia, o momento deu a qualidade do artefacto; o sentimento motivou a tenção. E entre mortes, de um instrumento de morte, operavam sem proposito o alheiamento do fim talvez proximo e da realidade circumstante.

Não é assim toda poesia, nas suas modalidades de voz, pincel, corda, sopro, escopro, buril e penna? Não é assim que ella se origina, e toma do accidente o seu material, e enforma-o pela saudade e para a distancia, e gera na abstracção o sonho, o inebriamento, a libertação?

Não peçam á poesia outro officio e outra utilidade. A vida, segundo os sabios, se não érro, é um esforço de libertação; e o seu termo é a liberdade na morte.

A arte liberta melhor, apenas transfigurando a realidade, suavizando-lhe as arestas, crispando-lhe em luz as falhas, adornando-a de sorriso e de belleza, sem morte, porque até da destruição faz vida e motivo de esquecimento e doçura.

Foi o que me disse a imagem daquelles anneis, fabricados nas trincheiras pelos artesãos da morte.

HYETOPOLIS

NUM alto da serra, a perto de mil metros, ha um povoado que a esperança mais que a realidade ergueu em categoria acima de villa. Dispoz ahi a natureza o que convinha para attrahir e prender o homem: o sólo é fertil, a vegetação tem pujança, e a configuração do terreno compõe aspectos de belleza para os olhos e espaço estendido para habitação folgada e densa.

O povoado parece ter vindo antes do interior que do mar, segundo indica no ponto mais alongado do mar a velharia e o feitio das casas, em contraste com a novidade e o ar cidadão, senhoril ou casquilho da parte alta. Todavia, a communicação mais antiga e menos difficil devera ter começo no littoral, onde já em tempo remoto havia uma cidade prospera, com recursos de lavoura e industria.

Abriu-se caminho pela serra acima, fixou-se pouso a meia altura, e já no alto esplanado, desde muitos annos, havia um cen-

tro de serviço regular para transporte de viajantes. Subiam os homens a cavallo, as mulheres em liteira. O curioso é que, attingindo a altura, não se demorassem nella, e fossem por diante, a mais de uma legua, ao nucleo primitivo assentado para além de uma quebrada de montanha, na parte espraiada em declive. Só muitos annos depois, já substituidos os vehiculos morosos, abandonada a estrada de pedra, foi surgindo a parte nova e prematuramente cidadã.

A terra é linda e boa; ao pé da matta, larga e farta, ha taboleiros de flor. Toda a flor dá-se ahi, sem escolha de origem, e toda a fructa prospéra. E como a flor e a fructa, assim é a gente, creada ou refeita na atmosphera da montanha. Pallidez e macilencia são como enxertos extranhos ainda acondicionados em torrão; os nativos ou já experimentados da força do solo trazem côr viçosa.

Virtude do ar ou da terra, o somno é facil e descansa: embala-o, quando o vento socega, o murmurio de rios ou riachos, que vão deixando em suspensão o arrepio sonoro das aguas arrastadas sobre as pedras. Não escasseia tambem a voz dos passaros, e quando elles dormem, cantam as rans no seu côro campestre que para os ouvidos, chegados de uma grande cidade bulhenta, é como a voz do silencio. E tudo assim faz aquietar os nervos cansados, e refazer as carnes sumidas, e dá repouso.

Mas

Digam agora os sabios da escriptura
Que segredos são estes da natura,

que, nesse alto de serra, possue força e vida e belleza, e não tem sol. Não, não tem sol, ou não o tem como os outros logares.

Tambem a lua é timida, e surge e espia, para logo esconder-se. As estrellas annunciam de longe em longe que não desappareceram do céu, e fazem-no em mostras bréves. Mas emfim lua e estrellas são quebras da generosidade da luz; nem os homens, que nesse alto de serra devem ser como os gallos, têm muitas horas para sentir a falta dos lumes da noite.

O sol, porém, por que ha de ser tão raro e tão escondido? Se aponta, quando aponta, parece astro extranho aos olhos de quem o viu nascer em outros logares, tão forte que não podiam fital-o, e aberto como esmalte de ouro no rendilhado do oriente, ou na porcellana azul do meio dia ou na opala do occaso. Nesse alto de serra, se elle aponta, quando aponta, é como um velho cansado e friorento, embuçado em pelles e arminhos. Quando aponta!

Correm dias, uns após outros, em que elle se deixa ficar recolhido e deitado. E parece que, para não lhe perturbarem o somno, acolchoa-se o firmamento de fofas nuvens. A viração serviçal corre as cortinas do nevoeiro para interceptar o som da terra; e para lhe acalentarem o somno com a voz do somno os famulos lá de cima abrem os chuveiros de todo o espaço; e a chuva cahe, a chuva cahe, emquanto o sol dorme, esquecido de si e desse alto de serra.

Uma alma soalheira, nascida no calor e sob o azul, foi um dia parar nesse alto de serra, e ali se recolhia transida, espantada, pensando no diluvio do Senhor. Diz a Biblia

que a chuva cahiu sobre a terra quarenta dias e quarenta noites, e seguiu-se o diluvio, porque, crescendo muito a inundação, cobriram as aguas tudo na superficie da terra.

Nesse alto de montanha chove, não quarenta dias e quarenta noites, mas sessenta dias e sessenta noites, oitenta dias e oitenta noites, duzentos dias e duzentas noites. Não ha diluvio, e não ha nisso milagre; senão em que, apezar da chuva, a terra molhada e fria dê saude e força. Os rios correm para o mar e os cimos daquella serra correm para o céu como dedos que o apontam.

Mas a alma soalheira sente o seu diluvio, e, como a arca de Noé, fluctua sobre as aguas, fechada. Abre de tempos em tempos uma vigia e soita para o mar de cinza uma pomba; a pomba regressa sem rumo de luz; envia então o corvo explorador, e o corvo retorna, crocitando estas vozes lentas de tedio: — Chove noite e dia. Que monotonia! Que melancholia!

SUUM CUIQUE

UMA destas manhãs comprei a um roceiro de serra-abaixo uma partida de generos e, feita a conta, como elle não tivesse nenhum dinheiro miudo, dei-lhe uma cedula com a qual iam pagos dous terços do debito e elle podia arranjar troco para vir de volta receber o resto. Depois que elle se foi, verifiquei ter-me enganado na somma contra mim.

Fui sempre um máo sommador: emquanto os olhos e a voz se enfileiram pelos algarismos, meu espirito divaga e salteia por fóra. Desta vez a distracção fôra demais, e só o accidente da falta de troco reduzia o prejuizo ao que já fôra em excesso na cedula. — Se foi em boa fé que elle attendeu á conta, pensei commigo, o roceiro voltará pelo resto. Se desattendeu por ladino, voltará ainda por astucia, fiado na minha distracção; pois que a elle, no peor caso, a teimosia na esperteza só lhe custará uma restituição, sem necessidade de descuipa.

Não voltou nesse dia, e eu tive o meu dinheiro e o meu engano como levados serra-abaixo, até que dous dias depois elle reappareceu. Vinha risonho, trazia troco e explicou que não voltára na tarde do outro dia, por causa do aguaceiro.

Rectificada a conta, mostrou surpresa, disse com indifferença que não tinha dado pelo engano, restituiu-me o que levára a mais e ali mesmo lhe tornou em nova compra, e com os olhos de quando em quando em mim, entre-sorrindo, não poude abafar um pensamento do fundo da alma:

— Se eu imaginasse, não tinha voltado aqui, para ter este prejuizo. Contava com mais sete mil e quatrocentos, e ainda tive que dar dous mil e seiscentos!

— Mas se você tivesse recebido tudo, e désse pelo meu engano, não voltava?

— Eu? hom'essa! cá não vinha.

— E perdia um freguez!

— Eh! ha tanta freguezia por ahi abaixo.

— E a sua consciencia?

— Ah! isso é verdade... Mas se eu soubesse! cá não voltava, para ter este prejuizo!

— Eu? hom'essa! cá não vinha. — E perdia um freguez! — Eh! ha tanta freguezia ahi abaixo. — E a sua consciencia? — Ah! isso é verdade... Mas si eu soubesse! cá não voltava, para ter este prejuizo!

Franqueza e riso não exprimiam cynismo, senão a pura ingenuidade da natureza. E foi o que no caso me interessou.

Este roceiro é honesto, como o é a maioria dos homens honestos. Para elle existe uma propriedade, que é a sua, porque elle a sente,

apalpa-a, tem-na incorporada no seu desejo. Da alheia elle só tem a noção; e como a essa noção se conjuga a de uma defesa e por isso a de uma ameaça e de um risco, que elle imagina, por inversão de posições, não lhe occorre a idéa de se apossar do que não é seu. Mas onde não haja defesa, nem possibilidade de ameaça ou de risco, desvanece-se aquella noção do alheio; e na posse que se lhe segue, gera-se logo o sentimento da propriedade, e já não ha logar para discernir a qualidade do acto que a originou.

Um engano de conta não differe no seu effeito de um esquecimento de cobrança, da indifferença de vigia, ou de um extravio casual. Ha muito homem limpo e abastado que não paga a sua passagem de bonde, por inadvertencia do cobrador; não porque elle tambem não advirta no descuido; ao contrario, dá por elle; e, não raro, á espera da cobrança, vendo passar a occasião, recolhe ao bolso o nickel que já tinha em mão e ao esquecimento a consciencia tranquilla.

A propriedade é, para esse homem educado e honesto, como para o meu roceiro, uma noção, ainda atenuada e esgarçada pelo anonymato collectivo da empreza que possue o direito da passagem. Tem o sentimento do seu nickel que apalpa e põe no bolso, mas não *sente* a obrigação de pagar o serviço que recebe, porque não lhe veiu dar a presença do servidor pessoal ou real, a sensação de imminente defesa e ameaça.

E tal é a contingencia do Estado, no seu papel de proprietario: collectivo, impessoal,

abstracto, é o grande logrado, já nem digo pelo furtador, mas pela honestidade média.

Quem ahi ha que se desdoure de passivamente esquivar-se ao pagamento de um imposto? Quem ahi ha que, mesmo activamente, se não correr risco de infamia, não diligencie, pelo favor, pela condescendencia, pela cumplicidade risonha ou austera, em recusar ao Estado, o que lhe deve, ou tomar ao Estado mais do que por este lhe é devido?

A propriedade é para quasi todos uma noção, e não é outra cousa para quasi todos o Estado, collectivo, abstracto, incorporeo, aereo, como que estranho, de tão alto que é, e impessoal. As pessoas que o representam, em funcção, não o approximam da terra, não lhe dão corpo, senão através de si mesmas, e salvo o caso em que o sentimento pessoal se identifique com o da funcção, mais concorrem para volatilizar a entidade abstracta, que parece existir para ser empulhada e lograda. O collectivo é real no concreto que possue e é anonymo na propriedade e no direito da posse; os que compõem esse collectivo não o realizam mentalmente, entretidos que ficam em porfiar entre si, esquecidos de que se colligiram para a melhor guarda do que é commum.

Quasi ninguem o sente concretamente, para lhe sentir a propriedade e o direito. Qual o que póde, em consciencia, mesmo de lusco-fusco, ralhar com o contrabandista? Qual a consciencia em claridade de zenith, que no intimo, bem no intimo, condemne o furto, a que se assemelham, como em familia, todos esses actos de habilidade, todas as operações instinctivas do homem?

Tudo se desenrola numa escala quasi infinita, cujo primeiro degráo é a mesma origem da sociedade. A civilização fez a lei, ou a lei fez a civilização: e a honestidade que se funda na lei, que resulta só da noção, é precaria.

Para a honestidade inteira e perfeita fôra preciso *sentir*, mais do que saber, a propriedade alheia; mas o *suum cuique* é a flor da razão humana, e o sentimento impessoal é privilegio divino.

Este roceiro de serra-abaixo, com a sua palavra e o seu riso de enganador ingenuo, fez-me sorrir de sympathia; e achei-lhe graça e não desconfio da sua honestidade humana.

COUSAS DO TEMPO

PARA entender a linguagem colloquial da nossa gente moça, será em breve preciso ter-se á mão um vocabulario de folhas volantes que acompanhe as aceleradas innovações idiomaticas. Quanto a mim, fico em branco ouvindo expressões que andam correntes e sem duvida traduzem idéas. Registo algumas que me estão lembrando: *abessa, baita, batuta, p'ra burro, é um succo;* e ha muitas outras que taes.

Constitue esse vocabulario uma geringonça; mas, ou eu me engano, ou são as geringonças peculiares a ajuntamentos quotidianos e restrictos, como as escolas e quarteis, ou á gente popular unida em identidade de profissão ou de vicio. Creio tambem que á linguagem popular não é difficil descobrir-se uma origem na metaphora, na frequencia dos seus utensilios, ou na corrupção da ignorancia. Tem ella ainda um certo pittoresco, que resulta da propria transparencia ou geito do voca-

bulo, ou porventura do seu uso limitado a um grupo.

Mas ao idioma novo a que me refiro, desde que é geral aos moços de toda procedencia, não quadra a razão de ser das geringonças. Os salões que elles frequentam assiduamente deviam ser um meio neutralizador ou annulador de habitos e cacoetes adquiridos onde a graça se contenta de ser chulice e a communicação de idéas se satisfaz com esgares de palavra.

A casaca e o peitilho engommado obrigam ao aprumo do tronco e ao gesto commedido; e até o corpo que não tenha natural elegancia, apparenta-a sem o pensar. Tambem ali a voz não ultrapassa o diapasão de surdina; alinha-se a palavra em harmonia com o timbre e as attitudes; tem compostura, affeiçoa-se á delicadeza da presença feminina, e enforma espontaneamente em galanteio.

Ora, a geringonça dos moços de hoje não é só delles entre si, senão delles para ellas e dellas para elles. Mais os entendem ellas do que eu, que sou velho, ou o homem do povo, que tenha a rudeza da vida simples. Mas o popular frequentador da Avenida e dos theatros e cinemas, esse conhece tambem e pratica a geringonça das moças.

Apagou-se a linha divisoria do gesto, da linguagem e até dos habitos de salão, como já não ha differença entre o salão e o bonde.

O decote era a concessão convencional que o pudor fazia á elegancia selecta do baile ou consentia á discreção de um camarote em espectaculo de gala; mas exigia a sombra de um carro e o abrigo de uma pelliça; agora

desce pedestremente á rua, e toma o bonde, e senta-se entre gente grosseira e estranha, e deixa-se ver sem convenção e medida pelos olhos da multidão.

As pernas tambem já não se escondem, e esqueceram que a graça e a magia do seu encanto provinham de andarem occultas. Bastava á imaginação a possibilidade de descobril-as, e o principal era adivinhar, ou surprehendel-as a furto, ao acaso de um movimento, e que não as vissem muitos olhos a um tempo ou não mostrasse a dona gostar de mostral-as. No gesto apressado de reescondel-as e no rubor subito accendido nas faces da dona estava a delicia da visão mysteriosa e breve. Musset não achara poesia nas pernas da sua andaluza, se ellas fossem espectaculo quotidiano, em vez do imprevisto e da surpresa. Mas a andaluza de Musset usava espartilho, e ao tempo delle as casacas não usavam em publico outro rythmo de movimento que o giro de adejo.

Agora a musica dos bailes não tem o compasso de ondulação suave: chocalha; não deslisam os pés: sapateam; não se alinham os corpos em par que revôa, apenas unidos pelo toque leve dos braços: agarram-se, aferram-se; nem o movimento é composto pela attitude da belleza: os troncos dobram-se, encocam-se, sacodem-se e pulam, desconjuntam-se e descambam, ou só remexem, jungidos, em quebros de melopéa ou batuques de cateretê, durante os quaes não raro, para maior effeito, ha uma pausa na musica e um grito do batuta: — *Maricota, sáe da chuva!* ou estribilho equivalente. E o saracoteio recomeça

mais vivo, num gingo-gingo estonteado e suado de samba.

Não estará ahi a explicação daquella geringonça que eu não entendo? *Baita, batuta, abessa, p'ra burro* são flores de jardim moderno, em que se alternam ou confundem as couves e salsas com os cravos e as rosas. Eu não desdenho as hortaliças, antes gosto muito dellas, mas o meu sentido esthetico não as quer senão em horta ou já temperadas no prato de refeição. Repugna-me ver em lapella uma folha de alface, nem supponho que ninguem acceite para um jarro de salão um ramo de violetas entremeadas de cebolinha. Tal a impressão que recebo dessa geringonça em labios de fina gente moça

MANHÃS E NOITES DA SERRA

SUPPONHO que o deus regulador dos meteoros achou excessivas as palavras em que desafoguei o meu aborrecimento de tanta nuvem e tanta chuva; e agora, para confundir-me, ordenou que sobre esta serra o sol irradiasse toda a sua força, e a lua desdobrasse toda a sua doçura.

Manhãs como estas, luar como este, não me lembro de os haver sentido senão outrora na minha Tijuca. Mas não, nem ali; que a Tijuca nao é tão alta que esteja fóra do alcance do ruido da planicie e do progresso da cidade. Galgou-a a edificação, invadiu-lhe os caminhos o lume do gaz e depois o clarão electrico; e só alguns recantos ficaram a salvo das innovações humanas.

Aqui, em cima, graças á altitude e á distancia, graças á indifferença vagarosa da ferro-carril, graças á pobreza da municipalidade, graças á Providencia, ainda as casas não estragaram a paysagem, a electricidade respeita a sombra das estradas; e o aspecto é ainda

de campo, ao menos onde me acolhi, e posso alongar a vista, sem a intercepçaɔ de casaria agglomerada.

As montanhas dispoem o alto scenario, de modo que se desdobra a madrugada, e a contemplação e o goso da luz se prolonga, antes que o sol, assomando, restrinja com o seu fulgor a capacidade do olhar circumfuso.

De lado a lado, de horizonte a horizonte, ha uma trepidação azul. Assiste-se ao acordar das arvores: movem-se-lhes os ramos, espreguiçando-se; abrem-se-lhes as vozes que murmuram a primeira oração de bençam ao calor fecundante e sagrado; e de toda a espessura do arvoredo, o halito das folhas que sussurram as palavras em hymno, sobe, condensado em nevoa.

A nevoa é alva e fina, e paira sobre as frondes como os rolos em espiral do incenso num templo, em horas de prece; e ascende, atenua-se, esgarça-se e desfaz-se na immensidade azul: candida oblação da terra agradecida e illuminada aos deuses, que a recebem propicios e contentes. Só esta altura de serra permitte acompanhar assim no seu processo a operação ritual da natureza que desperta.

Tambem só neste alto de serra é ainda possivel sentir-se e entender-se o luar. Ao contrario do sol, a lua vem caladamente.

Fez-se já a murmuração da prece no crepusculo: aquietou-se a natureza para o descanso; surgiram todas as estrellas, e enchem o caminho da via-lactea com uma scintillação que excede o espaço e refulge e esfarinha-se em brilho profuso.

Que póde faltar á belleza da noite? Silencio! Espera! As estrellas são como uma multidão espectante, que murmurinha e cochicha, mas ante o scenario a abrir-se, abstráe-se e retráe emmudecida.

A lua apparece lenta e discreta, como uma ronda divina. Estão adormecidas as arvores. Se algum ramo balança, é em movimento de somno.

O luar infiltra-se entre as folhas, derrama-se em meio dos troncos, envolve as copas e é como um fluido magico, feito do sumo de papoulas brancas; ajuda o repouso das arvovores e proporciona-lhes o sonho e as vozes do sonho. E ellas exhalam então, no descuido e inconsciencia de adormecidas, o segredo mais intimo do seu perfume, que escondem ao sol. Da mais pequenina flor, da mais escusa folha escapa o aroma subtil, como de uma bocca, em somno profundo, sáe uma palavra reveladora.

Opera-se uma interfusão: a do luar pelos poros das plantas e a essencia das plantas no luar; e a luz tem cheiro e fórma a atmosphera, que acalenta e acaricia.

E então nada aqui vem turbar a quietude do espectaculo. Não vejo o estardalhaço da luz electrica, não ouço o alarido nem o tropel humano: algum latido, remoto e espaçado, accentua a illusão de distancia e de ermo: e as vozes nocturnas, o coaxar de sapos, o trissar de morcegos, o rilhar de grillos são o estribilho do silencio.

O céu agora é todo um esmalte opalino, e sobre elle, nas linhas do horizonte, recorta-se o esboço das arvores, em manchas, em traços apenas sensiveis, mais suggeridos que

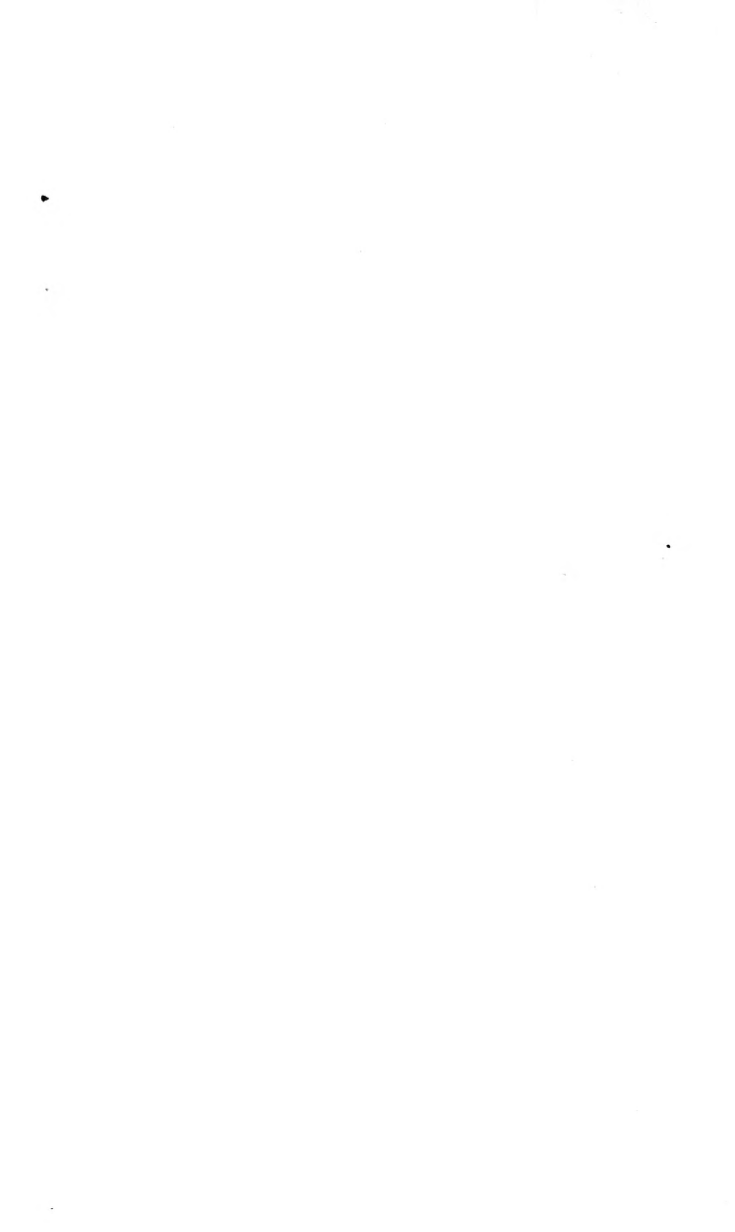
apontados, idealizados como numa transfiguração de arte.

Mais do que o sol, o luar é creador de belleza, porque transforma as imperfeições, não desenha, não attende ás minucias, não individualiza; e a admiração, que não se fatiga em analysar, é encanto total.

Para que inquirir a razão do luar? Lembra-me um conto de Maupassant, *Clair de lune*, em que um cura de aldeia, indagador da causa de tudo, só não atinava com a causa desse desperdicio de luz nas horas de somno. Tinha o cura á sua guarda uma sobrinha em edade de amor, e vigiava-a rigoroso e desconfiado. Uma noite ouviu ruido fóra, suspeitou a presença de um namorado, armou-se de um cacete e, ao tempo preciso, da porta subito aberta irrompeu no quintal. Mas deteve-se atonito, admirado do luar que fazia; e o espirito philosophante enleiou-se na indagação da utilidade desse clarão da noite, tão bonito. Nesse momento apontava sob as arvores, no descuido do seu enlevo, cingido pelos braços, um par amoroso: a sobrinha com o seu namorado. O cura comprehendeu então para que era o luar: era para o amor; e recolheu de manso, cauteloso de que não o visse, nem se turbasse, o par de namorados.

É um lindo motivo humano. Mas á lua devem ser alheias as cousas humanas. Basta-lhe a só noticia da terra.

O luar é uma propiciação divina: a lua, é a divindade tutelar que discorre em vigilia, preservando o somno das cousas, em quietação, serenidade e beatitude.

E neste entorpecimento delicioso que infunde em luz a natureza adormecida, até a morte póde ter a doçura de uma transformação e de um extase.

CIGARRAS

HA annos, em Lorena, perlongando um trecho de matta virgem, ouvi voz de cigarras, differente da que eu sempre ouvira e gostava de ouvir nos arrabaldes do Rio. Nem estridulo nem cicio. O canto começava forte, mas não passava do preludio, e batia as mesmas notas graves e cheias, como um fabordão.

Eu ia maravilhado da visão da matta, da qual pela primeira vez me acercava, com o espanto curioso do desconhecido. Tudo me apparecia grande e extraordinario: as arvores que tinham seculos, a sombra que o sol não descobria, o silencio que respirava do emmaranhado socavão da floresta, como de um subterraneo suspenso, e as vozes que o augmentavam dando a sensação do profundo e do immenso.

E a minha imaginação attribuiu áquellas cigarras da matta virgem o tamanho de um palmo, que se me affigurava proporcionado á tonalidade do seu canto.

Ora, aqui, em Therezopolis, tenho ouvido a mesma voz estranha, e pude, guiando-me por ella, approximar-me da cigarra pousada em um tronco, e ver, com decepção, que ella não é maior, senão talvez mais pequena, que as outras cigarras conhecidas. Semelhantes em fórma, da mesma especie em summa, por que cantam differentemente?

As cigarras que frequentam as chacaras do Rio e os bosques das cercanias, têm uma voz mais aguda, que é como uma vibração de luz, um raio de sol que na travessia do espaço azul se embevecesse do espectaculo e se desmanchasse em ondulação. Irrompe em estalo, explosiva, repercute no estridulo que dá a impressão de um éco, depois balança, suave, em cicio, escalado, prolongado, ascendente, até que subito suspende, desvanecido. Cessou, desappareceu; e outra explosão, outra escala, e o cicio trepidante, fino, que ascende. enche o ar, abafa as outras vozes com a sua ondulação mais ampla e absorvente, como a luz do sol amortece as outras luzes. E é, na sua sonoridade, tão larga e dominante, que parece a propria voz de toda a natureza, em hymno, expandida na plena alegria de viver.

E por isso não ha som que mais influa a bemaventurança, sensual, mas incorporea, em que o espirito não toma parte, mas a da carne é tão subtil como a filigrana daquellas azas sonoras; sensação diffusa de aragem do goso.

Anacreonte sentiu-a, e apezar de que foi um gosador dos sentidos, symbolisou na cigarra a felicidade pura, irradiante, serena, como a dos deuses, em cujo corpo não havia sangue, e em cuja voz não havia sombra. Sobre

um fragil ramo de arvore a cigarra era senhoril e absoluta como um monarcha.

Mas alegria tamanha e aerea traz descuido e frivolidade, e não foi errada a philosophia nem de todo injusto o desdem da formiga. A vida, para ser normal, ha de ser feita de luz e sombra.

É o que ha nesta outra voz estranha de cigarra da matta. Não se parece com o som de luz, não é explosiva de enthusiasmo, não tem a trepidação do embevecimento. É antes um anceio e um queixume; vem menos do alto que sobe do chão; arquejo, soluço, voz opprimida, que incute melancholia. Arrasta-se monotonica: *a-a-a-háaan — a-a-a-háaan.*

Ouvindo-a, onde a primeira vez a ouvi, entre o rumor silencioso da matta virgem, achei-a harmoniosa com a immensidade sombria, pesada, desconhecida da espessura impenetravel. Era bem a voz alada, que, tendo o seu vôo interceptado pela maranha das frondes, retrocedia e quebrava-se em notas incompletas, constrangidas, quasi abafadas, mas cuja sonoridade ficava mais profunda, como uma força contida.

Estas de Therezopolis serão cigarras da matta virgem, trazidas acaso pelo sopro dos ventos, e estão aqui transviadas e surpresas entre as outras cigarras estridulas e ciciantes. Cantam todas simultaneamente, mas estou que não se escutam umas ás outras nem se comprehendem.

Eu é que pareço entendel-as, no comparal-as, e não sei porque ando a relacionar a diversidade dellas com a diversidade da nossa gente, a do littoral e a do sertão: da mes-

Ora, aqui, em Therezopolis, tenho ouvido a mesma voz estranha, e pude, guiando-me por ella, approximar-me da cigarra pousada em um tronco, e ver, com decepção, que ella não é maior, senão talvez mais pequena, que as outras cigarras conhecidas. Semelhantes em fórma, da mesma especie em summa, por que cantam differentemente?

As cigarras que frequentam as chacaras do Rio e os bosques das cercanias, têm uma voz mais aguda, que é como uma vibração de luz, um raio de sol que na travessia do espaço azul se embevecesse do espectaculo e se desmanchasse em ondulação. Irrompe em estalo, explosiva, repercute no estridulo que dá a impressão de um éco, depois balança, suave, em cicio, escalado, prolongado, ascendente, até que subito suspende, desvanecido. Cessou, desappareceu; e outra explosão, outra escala, e o cicio trepidante, fino, que ascende, enche o ar, abafa as outras vozes com a sua ondulação mais ampla e absorvente, como a luz do sol amortece as outras luzes. E é, na sua sonoridade, tão larga e dominante, que parece a propria voz de toda a natureza, em hymno, expandida na plena alegria de viver.

E por isso não ha som que mais influa a bemaventurança, sensual, mas incorporea, em que o espirito não toma parte, mas a da carne é tão subtil como a filigrana daquellas azas sonoras; sensação diffusa de aragem do goso.

Anacreonte sentiu-a, e apezar de que foi um gosador dos sentidos, symbolisou na cigarra a felicidade pura, irradiante, serena, como a dos deuses, em cujo corpo não havia sangue, e em cuja voz não havia sombra. Sobre

um fragil ramo de arvore a cigarra era senhoril e absoluta como um moñarcha.

Mas alegria tamanha e aerea traz descuido e frivolidade, e não foi errada a philosophia nem de todo injusto o desdem da formiga. A vida, para ser normal, ha de ser feita de luz e sombra.

É o que ha nesta outra voz estranha de cigarra da matta. Não se parece com o som de luz, não é explosiva de enthusiasmo, não tem a trepidação do embevecimento. É antes um anceio e um queixume; vem menos do alto que sobe do chão; arquejo, soluço, voz opprimida, que incute melancholia. Arrasta-se monotonica: *a-a-a-háaan — a-a-a-háaan.*

Ouvindo-a, onde a primeira vez a ouvi, entre o rumor silencioso da matta virgem, achei-a harmoniosa com a immensidade sombria, pesada, desconhecida da espessura impenetravel. Era bem a voz alada, que, tendo o seu vôo interceptado pela maranha das frondes, retrocedia e quebrava-se em notas incompletas, constrangidas, quasi abafadas, mas cuja sonoridade ficava mais profunda, como uma força contida.

Estas de Therezopolis serão cigarras da matta virgem, trazidas acaso pelo sopro dos ventos, e estão aqui transviadas e surpresas entre as outras cigarras estridulas e ciciantes. Cantam todas simultaneamente, mas estou que não se escutam umas ás outras nem se comprehendem.

Eu é que pareço entendel-as, no comparal-as, e não sei porque ando a relacionar a diversidade dellas com a diversidade da nossa gente, a do littoral e a do sertão: da mes-

ma raça, e de canto e maneiras tão differentes, pela frivolidade e alegria de uns, e pela tristeza fundamental dos outros, ainda espantados da immensidade e do silencio da terra.

ANNEL DE POLYCRATES

SE eu chegasse a ser grande homem, supplicaria diariamente aos deuses que não me deixassem attingir a plenitude da gloria. Fôra o mesmo que pedir-lhes a preservação do meu bom senso, instincto moral dos homens simples e obscuros, guia direito da vida e que a muita notoriedade perturba, perverte e embota.

É já um truismo o dizer-se que a vida tem um rythmo proprio; mas parece ainda não ser demais, tanto vae isso desentendido e esquecido, o affirmar-se que o compasso dos actos humanos é como o das ondas do mar, e tem os limites das suas variações entre os pontos extremos do fluxo e refluxo. É tambem como o das ondas o diapasão da voz humana: tons de affago e blandicia na maré-crescente, que afflue em ondas espraiadas ou se choca em som molle contra os rochedos; na preamar é voz lenta, abafada, em que adormecem ameaças; e quando sobe o tom, é voz

de resaca, atropelo, revolta, tempestade e destruição.

No mar dos homens, é judicioso e feliz o que sabe e pode esquivar-se á condição de onda passiva, entregue á mercê dos ventos; e, obediente ao preceito de Delphos, se conhece a si mesmo, e mede as suas forças, calcula as possibilidades, perscruta as correntes, sonda os arrecifes, e na preamar, contente de ser o que deve ser, recolhe de manso, antes que o volume de aguas, por excesso, se encapelle, e arremetta em rolos de férvidas furias ou vans espumas.

Assim em tudo, nas profissões, nas artes, na acção social e politica, tudo, em summa, em que collabora o individuo com a massa das gentes. É o que a intuição dos homens sagazes traduz na prudencia, e a ingenuidade popular exprime nas linhas confusas da superstição.

Ha uma medida inilludivel para a capacidade individual e para a benevolencia dos deuses. E a sabedoria que o revela é velha como os tempos.

Amasis, rei do Egypto, impressionado pela prosperidade do seu amigo Polycrates, tyranno de Samos, advertiu-lhe o risco de tamanha e persistente fortuna, aconselhando-lhe que, para propiciar a complacencia dos deuses, interrompesse com as suas proprias mãos a continuidade do bem, a qual podia enfim tocar a inveja divina.

«Eu prefiro, dizia-lhe Amasis, para mim e para os que me são caros, prosperar aqui e mallograr alli, e assim discorrer a vida em alternativa do mal e do bem, antes que prospe-

rar sempre e em tudo. Pois não sei de ninguem que, prosperando sem estorvo não afundasse ao cabo em mal. Se crês em mim e queres remediar a tua até hoje continua ventura, examina o que possues mais valioso e estimado e cuja perda mais te faça doer, e despoja-te disso, absolutamente».

Acatou Polycrates o conselho, entendeu-lhe o avisado intuito e privou-se do que possuia de maior preço entre as suas riquezas, um annel de ouro e esmeralda, o qual atirou ao fundo do oceano.

Eram tardios porém o conselho e o acto, pois que os deuses fizeram voltar a Polycrates o seu annel, no estomago de um peixe; e o dono acabou na peor das torturas, crucificado.

Partilho e pratico a superstição de Amasis, e lastimo os grandes homens felizes, que não têm amigos como aquelle, sinceros e opportunos. A amizade vale para as occasiões em que falha o instincto da medida e a obediencia ao preceito de Delphos.

Mas parece que nos tempos de hoje, é veso dos amigos, ou por erro de boa fé, ou cegueira de lisonja ou estimulo de proveito, agirem como faria a inimizade consciente.

Vejam Wilson, desaconselhado e já arrastado pelos primeiros vagalhões da sua gloria excessiva e palreira. Amasis lhe teria dito que não sahisse de Washington, e satisfeito de uma presidencia, um momento illuminada pela fortuna, voltasse á sua discrição e eloquencia de professor.

Aqui no Brasil os amigos do conselheiro Ruy Barbosa dão a impressão de que os molesta o seu extraordinario renome de juris-

consulto, advogado e escritor, e querem tiral-o do socego da sua sciencia, do brilho da sua facundia, e da perfeição da sua arte, para o torvelinho, a incerteza e a traição das ondas tempestuosas.

Se uma voz pequenina pudesse ter audiencia fóra do côro bulhento de tantas vozes; se uma admiração reflectida pudesse valer como amizade e ser escutada sem desdem; eu lembraria ao grande brasileiro que, meditando a palavra supersticiosa de Amasis, rejeitasse absolutamente o seu annel de Polycrates, que já uma vez, propicia, a fortuna lhe arrebatou, mas agora, talvez adversa e movida da impaciencia dos deuses, ameaça restituir-lhe escondido no ventre de uma sucuriú.

NUPCIAS DE VAGALUMES

UMA tarde desta semana voltei para Therezopolis sem chuva e sem ameaça de chuva. Mar de bonança, céu enxuto, viração de leque; e ao longo da quilha o ruido molhado das ondinhas ligeiras.

Ficava o calor para as bandas do Rio; ficavam esquecidas as canceiras de outras viagens. Incertezas, atropelos, pressas, aborrecimentos, decepções, tudo se foi esvaindo na limpidez da atmosphera acariciadora.

Depois da *Raiz da Serra* havia o sol transmontado; o céu tornou-se mais profundo, e no alto, sobre o contorno de uma montanha já em sombra, espiou a primeira estrella, tão grande que era como outro sol pequenino. Sirius, mas os meus olhos enlevados tomaram-n'a por Venus. Extasis de contemplação podem bem confundir estrellas e planetas; e a luz, primeiro vista, tinha mais doçura de reflexão que o brilho ardente do astro do estio.

Ennegreceram-se os cumes e as lombadas das montanhas, e avivaram-se as linhas

agudas, sinuosas ou extranhamente encurvadas da superficie da serra.

A subida em largo semi-circulo ia descortinando o desdobramento das quebradas e dos valles; e o espaço arqueava-se em flor de luz. Vi a multidão infinita das estrellas na sua viagem pela Via-lactea, expandida em toda a sua largura; e não havia cansaço em percorrer, saltear, volver no innumeravel esplendor das constellações, desde as *Pleiades* apressadas e *Orion* soberbo até, na linha do horizonte, inclinado e amplo, o *Cruzeiro do Sul*. Eu sentia a harmonia silenciosa do turbilhão constellar.

Mas, depois que a noite desceu, mais densa sob o esplendor mais vivo do firmamento, desinteressei-me do céu, tomado de uma surpresa e de um enlevo, que me faziam cantar a voz em exclamações retidas na garganta. Assistia, em instantaneos jámais logrados antes e em condições tão propicias, a uma apparição de vagalumes.

Grandes como estrellas, de luz mais scintillante e mais linda, em tons de opala, azul e verde-laranja, mais numerosos que os astros lá em cima, os vagalumes esvoaçavam sobre todo o fundo negro da matta. Era como se o firmamento se reflectisse num espelho de onyx de facetas conjugadas para a infinitude da imagem. Era como se o céu tivesse descido á superficie anfractuosa da serra. Era mais: porque as estrellas não têm aquella mobilidade, aquella inquietação, aquella surpresa, aquella alternativa de brilho, com que os vagalumes se multiplicavam, improvisando constellações.

Vi columnas luminosas que se erigiam e de repente se desmanchavam em espiraes e nevoas; arvores em treva abriam-se em scintillação tão intensa que todo o tronco, os galhos, os ramos, as folhas parecia que borbulhavam brilho.

Já não podiam desviar-me os olhos os astros distantes. Interessava-me mais o espectaculo dos seres pequeninos, de breve existencia, capazes, no seu minusculo tamanho, de pôr na terra a illusão do firmamento estrellado.

Ouvi dizer que é no tempo do amor que os vagalumes apparecem assim, em enxameadas pelo ar. Em verdade, só o amor originaria esse concurso e concerto maravilhoso de lumes.

É o tempo das nupcias. Alvoroçam-se e partem dos seus esconderijos para o espaço livre. Impelle-os, machos e femeas, a força mysteriosa; e accende-se-lhes a luz, que é a linguagem e o canto com que elles se communicam e se attráem. A sombra encobre as solicitações, as repulsas, as rivalidades, as lutas e o espasmo victorioso. Mas, pois que o amor as accende, as luzes são indiscretas, e descrevem e recontam, nos seus hieroglyphos fluctuantes, as scenas do instincto supremo.

O rythmo era calado, mas transmittia ao ar uma palpitação como de azas, que faziam no bojo da sombra um fremito de volupia.

E, olhando os vagalumes, eu murmurei, em espirito: — Natureza, tu és boa, és divina e deves ser bemdita. És a doadora de todos os bens. Se dás o mal, todo o mal é como esta treva da noite, que adornas com o brilho dos astros e as constellações destes

insectos. Fazes soffrer, mas fazes amar. Rasgas abysmos, mas ergues estas moles de serra, que abrem sobre elles as maravilhas das alturas. Compões a variedade e o contraste; e da mesma necessidade fazes doçura. Amaldiçoam-te os homens que não te comprehendem, nem querem olhar-te. Se a tua indifferença se traduz na impassibilidade dos astros, altos e eternos, a tua sensibilidade é tambem humana e manifesta-se em momentos como este, em que dás ao instincto o vôo luminoso de um sonho. Eu te bemdigo, por este instante de enlevo em que tu celebras as nupcias dos vagalumes. Nem os homens nem os deuses fariam espectaculo mais perfeito e mais simples do que esta festa de amor, de belleza e de luz.

CRESCITE ET MULTIPLICAMINI

O apoucado de entendimento devo ser eu; mas, muito embora, sempre direi o que penso dessa estravagencia que se convencionou chamar de feminismo. Como todas as estravagancias, esta achou proselytos e vae tendo o louvor dos que se envergonham de não partilhar as idéas ruidosas da maioria. E assim se fazem as maiorias. Eu, porém, folgo de pensar por mim mesmo, segundo a minha razão; e na minha razão podem mais os argumentos que os argumentadores.

Pouco se me dá, por exemplo, que na Inglaterra, que eu admiro e estimo, e nos Estados Unidos e em breve na Allemanha e no resto do mundo, a mulher esteja equiparada ao homem para o uso e goso de todos os direitos e funcções sociaes. Para mim essa equiparação é tão absurda como seria o reconhecimento legal da maternidade masculina.

A natureza, que é autoridade incontrastavel, formou a differença dos sexos, e esta-

tuiu-lhes as necessidades respectivas, de que resultam attributos differenciaes com prerogativas humanas, e consequentemente capacidades diversas. E ainda ahi procedeu a natureza por fatalidade de selecção e de progresso.

Na animalidade inferior, e, a crer na Biblia e em Platão, até no homem, a origem foi a confusão. Separados os sexos, tornou-se possivel o amor e a harmonia, que são o instincto e a funcção dos contrarios, como a contrariedade na especie é a condição do seu aperfeiçoamento.

Que pretendem, no entanto, ou já estão fazendo os homens agora? O opposto da natureza, o opposto da perfeição, a marcha invertida da contrariedade para a egualdade, da differenciação para a confusão, do amor e da harmonia para o desamor e a desordem. Enganam-se, considerando o accessorio como principal, o accidente como substancia, o contingente como necessario, a excepção como regra, a perversão como naturalidade; e affirmam convencidos — se convencidos — a egualdade do homem e da mulher. E eu contesto que não ha egualdade. O homem é pae, a mulher é mãe. São physiologicamente differentes, e psychologicamente e socialmente hão de ser differentes. E nesta differença se firmou a constituição da familia, e pela familia a da sociedade.

Concluir-se de occorrencias excepcionaes, como as desta guerra, em que a mulher exerceu, por imperio do momento, os mistéres sociaes do homem, nos quaes revelou virilidade moral, agilidade muscular, pericia technica, resistencia physica; concluir-se da revela-

ção de qualidades sociaes e profissionaes, que a mulher pode e deve substituir o homem ou equiparar-se ao homem no desempenho do papel que a este coube pela ordem dos factos universaes e inclinação da natureza, é de uma logica viciada, que, a ser acceita, imporia, pela força do excepcional e do particular, a acceitação do homem pervertido, effeminado, desmasculinizado, para o papel que a natureza e o curso da historia destinaram á mulher. Seria forçoso tambem admittir como normal e permanente o estado de guerra, que originou aquellas manifestações femininas excepcionaes.

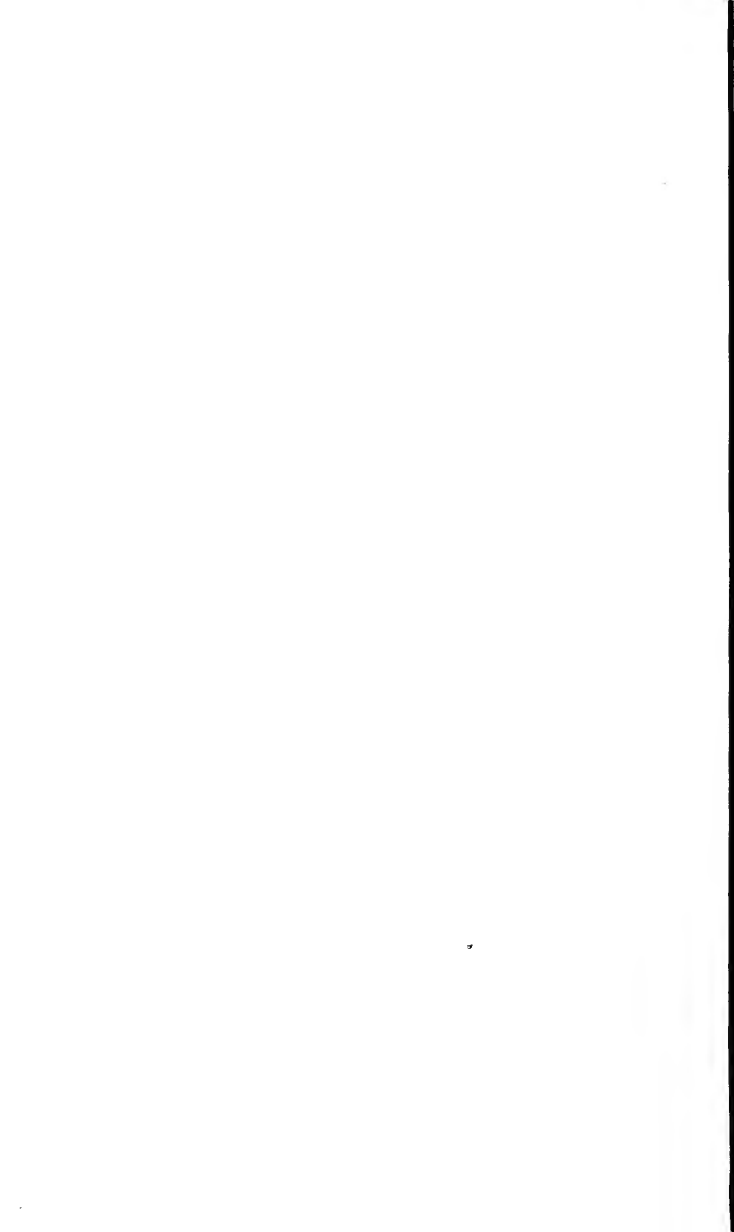
Terminada a guerra, que é ebulição e desequilibrio, tudo ha de voltar á normalidade e ao estado natural. A agua que se fez vapor, e adquiriu violencia para vencer a gravidade, congela-se e borbulha em gotas, e é de novo a brandura, a liquidez, a obediencia do elemento primitivo.

Assim, dispa a mulher o seu uniforme, tire a blusa e as calças machas, e volte para a lareira, a sala, a alcova e o quintal da sua casa, a ser a dona, a esposa e a mãe. Eu quizera mesmo que ella renunciasse aos officios, que, embora compativeis com a sua delicadeza, a sua dextreza, a sua perspicacia, a sua diligencia e a sua feminilidade, como são os do magisterio e das officinas de costura e das lojas, lhe affeiçoam mal o teor da vida, desenraizando-a do lar, envaidecendo-a de masculinização espiritual, embotando-lhe ou pervertendo-lhe o instincto especifico. Basta que a miseria ou o descaso dos homens já tenham imposto sobre a mulher a precisão de, para

ganhar a vida, violentar o encurvamento do seu ventre.

Porque ha de ainda a consciencia dos homens politicos estimular e facilitar a desnaturada excepção que já faz a mulher, que, em toda a série das femeas animaes, é a unica a praticar ou consentir no desninhamento da prole? A besta-féra não acceitaria o beneficio da creche, e onde é mais feroz é no amor da cria, no sacrificio e na abnegação da maternidade. A solicitude umbilicial da ninhada é que perserva a especie; e, todavia, os homens que ostentam a obrigação social do Estado de olhar pelo individuo, pela hygiene e pela instrucção, rebaixam a creança humana á condição de pintainho, que póde ser artificialmente incubado. E não é muito que idealizem tambem a classe dos gallos-capões na sociedade humana. O que se deveria promover, ao contrario, é que o labor da mulher fosse caseiro e lhe não desviasse o cuidado e a vigilancia da sua funcção sagrada.

Negar á mulher a egualdade juridico-social com o homem não implica o pensamento de que ella lhe é inferior. É só differente, e porque é differente, equivale ao homem, se porventura não vale mais do que elle. Em verdade, coube-lhe tudo o que ha de sublime e puro no seu destino doloroso de ser mãe; tocou-lhe a fraqueza que lhe inspirou a sabedoria da bondade; o sentimento creou-lhe a finura da intelligencia; a fórma deu-lhe a passividade; e do seu conjuncto e da sua contingencia emana, como de fonte, o carinho de que o homem tanto precisa, quanto a creança precisa do leite que mama nos seios maternos.

Ao homem, a luta, o trabalho manual, intellectual e politico; ao homem, o dever penoso de partilhar e concertar as paixões ambiciosas do mando publico; á mulher fique o que vale tudo isso, o seu papel de mulher, de amante e mãe, formadora da familia; papel tão grande, tão nobre e tão exclusivo que, pela sua significação e suas consequencias, só se symbolizaria bem no mytho de Atlas a soerguer nos braços o mundo. O feminismo teria por symbolo a allucinação e a confusão das Danaides.

CORIOLANO

SE a Historia, do mesmo modo que o rosto humano, nunca se reproduz em traços exactamente eguaes, multiplica-se, como elle, em semelhanças e em analogias que impressionam e é sempre interessante annotar.

O mallogro por exemplo da já declarada victoriosa candidatura do Sr. Ruy Barbosa e o seu justo e rumoroso resentimento pessoal, lembram-me o caso de Coriolano.

Identicas as situações; analogos os antecedentes e as circumstancias, e quasi que o mesmo o desfecho desesperado. Feito consul pelos patricios, viu Coriolano a realidade da sua ambição desvanecida pela recusa dos tribunos do povo a homologar-lhe o consulado. Não esqueciam os tribunos o desprezo uma vez manifestado por Coriolano para com o povo faminto; temiam-lhe a arrogancia, não lhe perdoavam a feição aristocratica; e preferiam, a soffrer-lhe a autoridade, ser ingratos aos grandes e decisivos feitos militares, a que deveram a salvação de Roma.

Arrosta Coriolano a opposição tenaz, mas é banido. A pena de exilio azeda-lhe o orgulho, cega-lhe o sentimento da patria; e contra a propria Roma, que elle salvara dos Volscios, agora, offerecido general dos Volscios, arremette como inimigo para vingar-se da affronta.

Transe de paixão impetuosa, é um dos pontos de relevo sobre a superficie da Historia nivelada pelo pó dos tempos; e não ficou despercebido ao genio de Shakespeare, que o tomou para insuflar-lhe a vida eterna de uma tragedia.

O Coriolano que vive é menos a figura estricta de um guerreiro revoltado e trahidor por vingança que a personificação universal do orgulho humano ferido, despeiado da razão, violento, tempestuoso e destruidor.

A sua justificação da vingança, a expressão do seu odio, a ejaculação do seu desprezo, o impeto da sua furia ficaram absolutamente definidos nas apostrophes do Coriolano de Shakespeare acampado ás portas de Roma para o assalto decisivo.

Mas uma voz feminina o venceu, menos a de Volumnia, atrevida como a do filho, que a de Virgilia, inspirada pela brandura e vestida de meiguice. Coriolano, a ponto de dominar Roma, volve, amansado na sua colera, deixando preservada a patria, trahidor agora dos Volscios, que elle arrastara e commandava.

Para excitar o orgulho ferido do candidato á presidencia da Republica, não faltou o estimulo dos Nenenius multiplicados; para adormecel-o faltou, ou foi inefficaz, a voz da

ternura de Virgilia, a qual, pela persuasão e sabedoria do seu carinho, lhe teria dado o modulo do sentimento, a contensão da queixa, o acatamento da honra, a intelligencia das circumstancias, a ponderação das ameaças, a consciencia do inopportuno, o acanho das expansões, a grandeza do soffrer, a filosofia do *sic vos non vobis*..., a virtude das reticencias, o dominio sobre o rancor, a abstenção de insulto; e não se alterára a serenidade, a magnanimidade, a clarividencia do espirito superior.

Isso lhe daria a voz de Virgilia, e com isso o talento da fulgida eloquencia produzira, em harmonia de belleza e austeridade, a pagina de orgulho que pudesse emparelhar-se ás do Coriolano, como equivalencia entre a palavra de um politico sabio e a de um rude guerreiro.

Mas Virgilia, ou não falou, ou não foi escutada. Falou, e foi escutada, a ira, que allucina o animo, desaggrega os factos, atropela e enrouquece a palavra, congestiona as faces, enfeia o semblante, arreganha a bocca, range os dentes, inflamma os olhos, agita as narinas, desabala os braços, desapruma o tronco, desengonça o pescoço; e obumbra a perspectiva, embota a memoria, desproporciona a visão; e cega, surda, tonta, aos gritos, aos pulos, não sabe a que ater-se e por si mesma cáe esfalfada, vã, sem mais effeito que o de um trovão que roncou.

É assim aquelle discurso na Associação Commercial, em que os admiradores do senador brasileiro, apologistas ou antagonistas seus, não importa, esperavam ver revivida em todo

o brilho e força uma das philippicas ou catilinarias, grave, altaneira, exemplar; aquelle discurso cahiu sobre todos, aturdidos, assombrados, confundidos, e ao cabo todos offendidos e penalisados, cahiu como uma xingação formidavel á bahiana dos velhos tempos.

OVO DE COLOMBO

O mundo anda alvoroçado pela questão social. Publicistas e politicos agitam-na como um espantalho, e os que não o são, repetem-lhes as palavras mais tumidas dos escritos e discursos num côro de allucinados, sob a magia de um apocalypse. Está proximo o dia de juizo, e já se entôa o *dies irae* da sociedade humana.

Ora eu, por ignorancia de certo, deixo-me ficar á margem dessa caudal de clamores e sustos; e diria que lhes sou indifferente, se não fosse a irritação que me causa a questão social. Irrita-me a simples menção dessas duas palavras conjuntas, assim por demasiadamente repetidas, como porque em torno dellas se levantou uma nuvem de obscuridade para o meu entendimento, que presumia ter penetrado ao primeiro relance um facto rudimentar de economia politica. Mas o simples facto é agora uma molle confusa, que eu não comparo a uma nebulosa, porque esta se reparte em parcellas de luz. Quadra-lhe antes o simile

de um horto inundado, em que proliferam, entre as boas sementes, primeiro ahi lançadas, as ortigas, as tiriricas, as mariangomes, e demais hervas tenazes, e pullulam as minhocas, os caramujos e as lesmas, peculiares á escuridão fecunda da lama.

Não ha no desinente *ismo* de toda a prole philosophico-social um vestigio pegajoso dos animalculos rasteiros, da laia dos caramujos e lesmas? É a sensação que me dá, de parasitos e invertebrados da sombra e do lodo.

Mas não desejo argumentar com sensações, que induzem a engano. Quero ao contrario desenganar-me desta divergencia de comprenensão que me põe aparte de todo o mundo; e não ha para esclarecer-me senão o puro raciocinio sobre dados de observação.

Ora que vem a ser a questão social, ou que vinha a ser? Estripada do seu recheio, despida dos atavios que lhe foram applicando no correr dos annos, ella se reduz ao problema do accordo entre o homem que trabalha e o homem que paga o trabalho.

Abstraia-se por inutil a consideração do trabalho inicial do escravo. Entre homens livres a primeira phase da industria é a do trabalno prestado pelo obreiro a si mesmo; na segunda phase o obreiro, por insufficiencia de tempo e de esforço, precisa da collaboração alheia e admitte aprendizes que remunera com o ensino do officio e progressivamente com a paga do serviço auxiliar, e admitte depois ou simultaneamente collaboradores que, sob a chefia do iniciador do officio, têm a vantagem de não necessitarem pessoal-

mente de pagar a tenda do trabalho, nem adquirir material nem procurar o consumidor.

E assim se fez a dualidade do trabalho e do capital, que não é senão o trabalho accumulado em iniciativa, esforço, habilidade, convergencia de freguezes, acquisição de utensilios e de renda. Prospéra a officina, e o dono della já não pode concomitantemente applicar-se ao labor manual e á direcção e fiscalização dos auxiliares; limita-se pois a ser o mestre, e se é preciso desenvolver a sua industria, e não lhe basta o dinheiro apurado, procura o dinheiro de outrem e faz a sociedade, em commandita por exemplo.

Ahi está o phenomeno da economia em seus traços fundamentaes. Entre o que paga o trabalho, dono da officina, e o que recebe a paga do seu trabalho, operario, official ou aprendiz, ha um accordo natural e prévio de vontade livre. Serviço em troca de pagamento. Nenhum é forçado, nem deve sel-o, em actos de liberdade pessoal.

Em que affecta o Estado e o municipio esse accordo livre de vontades? Em nada mais que no dever de respeital-o e assegurar os meios de policia para a sua execução, quando uma das partes reclamar contra a falta da outra no cumprimento da promessa. E absolutamente mais nada, se verdadeiramente a communhão é de homens livres.

Não differe o caso do accordo que eu faço para o meu serviço pessoal, no pagamento aos que me servem, ou que recebo em troca, por exemplo, destes artigos que escrevo.

E o facto economico não perde o seu caracter, a sua simplicidade, a sua clareza, con-

siderado entre duas pessoas, ou entre uma multidão de obreiros e o chefe que lhes paga os salarios por elles pedidos ou acceitos e accordados.

Não devia perder; mas perdeu por motivos que tambem são claros. Em primeiro logar a nefanda necessidade da machina e da fabrica, depois a distincção capciosa entre capital e trabalho, dois nomes de uma só cousa, considerada em duas phases ou duas faces; e por fim, e peior de todos, o ardil consciente dos homens astutos que exploram a ignorancia e a credualidade, e põem a serviço da propria ambição uma fingida piedade pela miseria inevitavel, e desenvolvem na confusão de tudo o instincto da inveja que tem o pobre do rico, o vadio do laborioso, o desordenado do ordeiro, em summa o homem do homem. E completou-se a obra pela acção da rhetorica ociosa, de passatempo ou de interesse.

Consequencia da ignorancia ou da esperteza, da inveja ou da propria fatalidade do progresso, que originou a machina, a fabrica, e as grandes cidades; é força reconhecer e admittir que por ellas se deixem arrastar tumultuosamente os homens, já que os homens não sabem conhecer-se nem commedir-se na sua cubiça, e querem viver apressados em lufa-lufa. Tal é a contingencia da Europa. E ahi é admissivel que a questão social seja causa de apprehensões e revoluções.

Mas o Brasil não está na Europa, e não attingiu ainda as condições sociaes dos paizes da Europa, repletos de industrias e de gente. O Brasil, como os demais paizes da

America do Sul, é uma vastidão de terra por povoar.

Aos homens que aspiram a governar o Brasil, o bom senso está mostrando que a extensão e fertilidade da terra e a escassez de habitantes podem preserval-o da questão social até que a fatalidade do seu progresso lhe crie a situação pouco invejavel dos paizes da Europa. E isso levará ainda seculos.

Que fazem no entanto no Brasil? Os politicos estudam pela letra os economistas europeus, em vez de estudar-lhes o espirito; e para terem occasião de socialismarem, antecipam no Brasil os perigos da industria e das fabricas, e têm o preconceito de que a expressão do progresso é a grande cidade. Geram fabricas á força de leis proteccionistas, promovem a deserção dos campos, e para imitar os europeus, amedrontam-se com a questão social, de que são elles proprios os exclusivos autores ou coautores.

E a situação do Brasil sob esse aspecto é a de um menino que, por macaqueação da gente grande, puzesse ao rosto umas barbas postiças inçadas de pulgas e piolhos, e entrasse a chorar das picadas dos piolhos e pulgas. Que é que se devia fazer a esse menino? Tirar-lhe logo as barbas postiças.

Que ha de fazer o Brasil para não ter que se incommodar com a questão social? O contrario do que tem feito. Promover por meio de impostos prohibitivos a extincção das suas fabricas e impedir a creação de novas, facilitar o encaminhamento para os campos, não pensar nos problemas do trabalno, deixar que o individuo tenha a iniciativa do seu esforço

e dos seus interesses e não conte receber do Estado senão o que o Estado lhe deve: a liberdade e a justiça; em summa ser o Brasil o que os estadistas dos bons tempos de sinceridade e intelligencia aconselhavam, e apregoavam: paiz essencialmente agricola.

E fôra um dia a questão social nas terras grandes e novas do Brasil.

INDICE

CONTOS

IMPRESSÕES